

CAPÍTULO 6

Projectar o concelho cultural e turístico

A lógica municipal *versus* a lógica metropolitana: da especialização cultural dos concelhos à afirmação metropolitana como um campo de possíveis

Os projectos culturais e turísticos no contexto do território metropolitano

Quando se configuram os modos políticos como se integram os objectivos à escala municipal e supramunicipal, as relações estabelecidas entre o poder político local e os parceiros políticos, económicos e sociais parecem-nos variáveis necessárias no exercício analítico que aqui pretendemos experienciar. Atentemos, primeiro, à relação entre os eleitos locais e a comunidade local – entendida no sentido estrito do termo, como a população do município propriamente dita, sem isolar as assimetrias socioeconómicas e culturais que a atravessam, concebendo-a apenas como o *todo, mais ou menos uniforme, a que os discursos políticos se referem nas entrevistas*. Constitui um primeiro vector para dimensionar a maior ou menor especialização funcional das práticas políticas das equipas que, à data das entrevistas, gerem os concelhos em análise. Do ponto de vista das representações dos presidentes de câmara, é à população local que atribuem a razão de ser principal do seu exercício político¹. Surge como elemento central do regime democrático porque legitima a eleição dos representantes locais e avalia o trabalho desenvolvido pelas equipas

¹ Excepção feita, e se retivermos apenas aquilo que os presidentes de câmara verbalizaram na situação de entrevista, ao posicionamento político frontal assumido pelo autarca de Vila Nova de Gaia: *Por um momento em que, quando, em que decidi candidatar-me a Presidente da Câmara de Gaia [o E. fez um sinal de assentimento]... decidi-me a candidatar-me a Presidente da Câmara de Gaia num contexto que tinha pouco a ver, vamos ser sinceros... com o amor a Gaia... paixão por Gaia [sorrisos], não, não era isso que estava subjacente, isso é uma hipocrisia dizê-lo... mas porque do ponto de vista político... o partido onde eu militava e milito, cada vez menos, era... ganhar Vila Nova Gaia em 1997 significava... as outras Câmaras da Área Metropolitana estavam mais ou menos seguras... em 93 o PSD tinha ganho 3 câmaras na Área Metropolitana, e tinha portanto ficado a 1 de ter pela primeira vez... a maioria e a presidência da Junta, por isso precisava de ganhar 1... aparentemente... havia... 4 onde se poderia apostar... Gaia, Matosinhos... Vila do Conde e Espinho... era preciso ser um candidato muito forte, em qualquer das 4 era difícil ganhar por razões diferentes, e... eu era o presidente do PSD, achei que devia ser eu a dar a cara... [presidente da câmara municipal de Vila Nova de Gaia, 48 anos, PPD/PSD].*

executivas, mesmo que a distância crítica face ao poder político e às figuras autárquicas, ou o conhecimento efectivo das lógicas de funcionamento organizacional e político das câmaras e, de um modo mais global, do próprio poder local, não tendam a ser variáveis objectivamente conhecidas pelo cidadão. Por outro lado, é a comunidade local, mais directamente ligada ao exercício do poder dos autarcas, que constitui a sua base popular de apoio e a fonte de legitimidade da sua representatividade política². Entre os autarcas que não são naturais do concelho que presidem varia um pouco a relação com a comunidade local e com o território: ora de relativa indiferença, pelo menos no momento de arranque da candidatura, respeitando antes de mais um projecto pessoal e uma exigência ou necessidade partidária, atendendo ao cenário político-partidário maioritário dos concelhos da AMP até 1997 (o caso do autarca de Vila Nova de Gaia); ora de investimento pessoal político com a convicção de que as potencialidades concelhias permitiriam fazer um trabalho com ressonâncias públicas e simbolicamente relevantes para a população local (o caso dos autarcas de Espinho e Valongo). De um modo global, e no conjunto das representações políticas recolhidas, a actuação política das equipas executivas relaciona-se directamente, e antes de mais, com as necessidades locais, nomeadamente com a qualidade de vida da população do concelho. A especialização funcional que os concelhos da AMP parecem indiciar - que não deixa de ser uma tónica comum a qualquer realidade concelhia, se tivermos presentes as atribuições das autarquias do ponto de vista da gestão das necessidades básicas da população - é transversal a todos eles, ainda que com graus de operacionalidade diferentes, e sem esquecer os próprios níveis socioeconómicos concelhios à luz dos indicadores estritamente estatísticos. Assumamos que em qualquer um destes concelhos, e com base nos discursos políticos dos autarcas entrevistados, a

² Pese embora reconhecerem também, ainda que de forma mais dúbia ou mais explícita, que a avaliação do trabalho levado a cabo pelo executivo adquire maior objectividade quando feito pela comunidade externa ao próprio concelho. Ou seja, por aqueles que residem fora do concelho e que, em última instância, avaliam-no pelas leituras socialmente construídas em torno da sua qualidade de vida residencial. Leituras estas, diríamos nós, que tanto são configuradas pelos *mass media* e pelos próprios eleitos locais, como pelos organismos que produzem os indicadores económicos e sociais, como ainda pelos próprios residentes locais.

especialização funcional nalguns vectores de intervenção se justifica em função das próprias especificidades concelhias. Nalguns discursos, perpassa, de igual maneira, e num contraponto ao anteriormente dito, a tentativa de desconstruir uma leitura ideológica dos municípios periféricos ao concelho do Porto, sobretudo entre aqueles que durante algum tempo foram designados como *concelhos dormitório do Porto* e cuja representação é, social e politicamente, negativa.

Presentemente o Porto é um dormitório da Maia, é aqui que nós temos a maior zona industrial do, do país, conforme lhe disse e há muitas empresas e há muitos... muitas pessoas que vêm trabalhar p' à Maia nomeadamente de Valongo, Gondomar e do Porto... eu perspectivando que... ou vai, num, num fu [*hesitação*] futuro muito próximo a Maia vai ser uma espécie [*discurso imperceptível*] concelho de Portugal... já lhe chamam a Dallas... o Dallas... tem a ver com o... [*o E. fez um sinal de assentimento*] (...) Se vai à Póvoa de Varzim que é uma linda cidade tem um bom presidente... e é uma linda cidade tem coisas bonitas, mas no dia em que você chega à Maia gosta da Maia, e se visitar a Maia, se visitar as freguesias da Maia vê que nós temos coisas lindíssimas... escondidas por vezes as pessoas não conhecem, só quando vêm p' à Maia é que começam a conhecer e então dizem assim: "A Maia realmente... tem qualidade de vida em relação a, não aos poveiros qu'os poveiros também têm, pelo menos ali naquela zona da, da marina, naquela zona do mar", o nosso grande problema sabe qual é [?] não termos um rio ou não termos um mar. Se tivéssemos o mar ou se tivéssemos, tivéssemos um rio de certeza que tínhamos uma coisa fantástica [*o E. fez um sinal de assentimento*]. [*presidente da câmara municipal da Maia, 55 anos, PPD/PSD*]

Perpassa pelos discursos dos presidentes, e nalguns com maior ou menor preponderância, a centralidade funcional do concelho do Porto – do ponto de vista socioeconómico e cultural e turístico – e, de algum modo, a carga simbólica que a pertença administrativa, ou a pluralidade de bens e serviços oferecidos pelo Porto, tem em contextos locais específicos. Tanto o presidente maiato como o presidente espinhense se referem à centralidade do Porto: no primeiro caso, e atendendo às especificidades industriais do concelho, pela inversão funcional no sector industrial e dos serviços verificada nos últimos anos e que posiciona o concelho da Maia numa relativa centralidade económica; no segundo, pela zona de fronteira que, a dado momento, Espinho configura ao situar-se entre Porto e Aveiro, e pelas dificuldades do acesso viário ao centro urbano da Invicta.

Espinho pode, é e pode continuar a ser uma placa giratória... entre a Junta Met [*hesitação*], a Área Metropolitana do Porto e o, o, o norte do Distrito de Aveiro, com muitas vantagens para Espinho... que aliás... deixará de ter no momento em que passar a pertencer por

exemplo ao Distrito do Porto, aí passará a ser apenas mais um concelho, e até um concelho bem pequeno que... com toda a certeza vai ser olhado com desdém por parte, ou por uma grande parte dos outros concelhos da Área Metropolitana do Porto nomeadamente. P' tanto acho que há todas as vantagens em que Espinho se mantenha na actual situação, embora não tenha grandes dúvidas de que... se algum dia perguntarem à população de Espinho para que lado se quer virar, vira-se com, com toda a certeza quase... para... para o Porto, por afinidades que são praticamente [hesitação], que são facilmente explicáveis, as pessoas, grande parte das pessoas faz a sua vida no Porto, habituou-se a fazer tudo no Porto, o Porto parece estar mais próximo, embora não esteja, normalmente está mais distante, porque qualquer cidadão de Espinho chega em 30 minutos a Aveiro, ao centro de Aveiro e p'ra chegar ao Porto pode levar 2 horas, e não sei quando é que... isso vai deixar de acontecer porque apesar das vias de comunicação estarem a ser bastante melhoradas... elas estão ainda muito atrasadas e... nós... à medida que o tempo passa vamos sentindo mais dificuldades em fazer estas ligações [o E. fez um sinal de assentimento]... [presidente da câmara municipal de Espinho, 51 anos, PS]

(...) uma coisa que temos que criar na Maia é o *campus* da saúde [!] que é uma zona onde eu queria situar todos os hospitais por exemplo porque a Asprela e o Santo António 'tão saturados, chegar lá demora horas, uma pessoa morre na ambulância portanto eu não, eu não, eu queria com isso, eu gostava... que esses, essas, as faculdades ficassem desconcentradas, não quer dizer que seja na Maia que ficassem na Maia os hospitais, que fossem em Gondomar as faculdades, que fossem em Valongo... outra coisa qualquer mas com boas acessibilidades p'a não ser tudo no Porto porque senão atrofia, o trânsito atrofia todo e ainda por cima acho uma estupidez o que se fez... no Hospital de Santo António que gastou-se milhares de contos, p'a chegar lá demora hora, bem morre p'a chegar lá, p'tanto... na minha opinião pegavam nesse dinheiro e colocavam num desses concelhos com boas acessibilidades, como é o caso da LIPOR, 'tá a ver aqui assim tem um acesso óptimo [o E. fez um sinal de assentimento], tem um acesso directo [o E. fez um sinal de assentimento]... através do IC24, é isso que nós queremos fazer é acessos directos p'as grandes indústrias [o E. fez um sinal de assentimento]... agora com o Metro que foi uma grande vitória nossa, vamos ter o Metro, vamos ter 3 linhas na Maia, é a Linha da Póvoa, a Linha da Trofa e é uma linha nova que vem do Hospital de São João aqui ligar à Linha da Póvoa [o E. fez um sinal de assentimento]... [presidente da câmara municipal da Maia, 55 anos, PPD/PSD]

O autarca poveiro, por seu turno, considera que nos próximos anos Póvoa de Varzim e Vila do Conde, pelas especificidades sócio-demográficas e económicas que têm – concelhos com taxas de natalidade ainda significativas, com movimentos pendulares mais rápidos com o Porto e outros concelhos da AMP, do Vale do Ave e do Cávado, com especificidades agrícolas e de serviços nos sectores de actividade - poderão tornar-se numa cidade única, alternativa à centralidade da cidade do Porto. Discute-se, por outro lado, a perda da centralidade demográfica do Porto, tendência verificada a partir dos anos 80 mas com agravamento nos anos 90, face a outros concelhos que foram alvo do fenómeno contrário - a explosão demográfica, por via dos movimentos pendulares e residenciais da população local – e que posicionaram

o investimento nos serviços, inclusive nas áreas culturais e desportivas, de um modo relativamente autónomo e específico. É o caso de Valongo.

... nós não somos dormitórios de ninguém e... estamos, temos uma, uma actividade socioeconómica, diria que... mais, mais, mais ligada a Esposende e Vila do Conde e aqui sim funcionamos quase como uma cidade única e penso que no futuro, em termos administrativos... vão ser cidades diferentes, mesmo em termos de... de sinergias e d'actividade, e da mobilidade das pessoas vai funcionar quase como uma grande... uma grande... uma grande cidade. Uma vez que Póvoa e Vila do Conde pelo menos... juntas têm cerca de... 150 mil habitantes e no Verão terão mais de 400 mil habitantes e portanto o, cada vez mais as suas actividades irão sim intercomplementar... obviamente ligados ao Porto que [o E. fez um sinal de assentimento], de facto, é digamos a grande centralidade [o E. fez um sinal de assentimento] ... mas como temos... magníficas acessibilidades eu penso que... que... estas duas cidades têm, têm grande futuro. [presidente da câmara municipal da Póvoa de Varzim, 53 anos, PPD/PSD]

... porque este é o único concelho onde estamos a fazer escola, onde se está a fazer escolas todos os anos... enquanto que a população tem diminuído [o e. tossiu]... nos... municípios à volta, aqui... p'la, houve uma explosão demográfica... prontos muito pela facilidade de acessos, este concelho tem... acessos muitíssimo bons, portanto houve uma explosão em termos de... construção... e como houve uma explosão em termos de construção, houve uma explosão demográfica também [o E. fez um sinal de assentimento] e portanto temos... escolas... EB.. EB1... pronto imensas... vamos fazer 2 mais... e as EB2/3 e... escolas secundárias também estamos a fazer neste mo [hesitação], está-se a fazer neste momento 2... uma em Alfena, uma escola secundária em Ermesinde, portanto no Porto estão a fechar [risos]... aqui estamos a abrir e a construir [o E. fez um sinal de assentimento], bom é um fenómeno interessante mas que resulta da explosão demográfica... houve um aumento desde que eu vim pr'aqui... temos mais 10 mil pessoas [o E. fez um sinal de assentimento], num concelho que tinha... à volta de... 70 mil pessoas, mais 10 mil pessoas, é realmente um, um crescimento grande... (...) Valongo é o Grande Porto... quer dizer isto... no fundo... são as grandes metrópoles, portanto eu não sei se... enfim eu diria em termos de graça que o... o Porto só lucra com isso [risos] não sei se Valongo lucrará, lucra, porque também pronto durante muitos anos Valongo e Ermesinde foram dormitórios do Porto, não é [?]... hoje já têm... muita autonomia portanto quer sob o ponto de vista cultural [o E. fez um sinal de assentimento], no ano passado dizia-se que em termos de cultura, e em termos de espectáculos e qualidade dos espectáculos, que o Porto 2001 que era em Valongo... [presidente da câmara municipal de Valongo, 66 anos, PPD/PSD]

Sem negarem a centralidade do Porto, concebem-na de forma mais relativizada e difusa, e posicionam uma outra centralidade, alternativa e, se possível, articulada com a dos concelhos limítrofes: a centralidade decorrente das especificidades da oferta cultural e desportiva intraconcelho, e a centralidade política, económica e social do próprio espaço metropolitano. Os presidentes de câmara objectivam discursivamente a relação política entre eleitos locais como uma lógica de colaboração interconcelhia. Enquanto representação ideológica é uma

aspiração verbalizada por todos eles, com maior ou menor grau de concordância. Enquanto prática efectiva não adquire centralidade positiva – pelo contrário, a centralidade que adquire nos discursos políticos é pela ausência de possibilidades que este nível político e administrativo da organização territorial adquire. As posições políticas dos actores do poder local sobre o projecto metropolitano, nomeadamente nas áreas da cultura e do turismo, assumem-se como estruturantes de um campo que, antes de mais, se afirma pela sua inoperacionalidade formal – o enquadramento jurídico das áreas metropolitanas – e política – a especialização funcional intraconcelho. Os discursos dos chefes de executivo municipal entrevistados indiciam que a AMP é uma figura jurídica com relativa, quando não nenhuma, operacionalidade política efectiva. Sugerem, nalguns casos, e mesmo entre aqueles que se posicionam no campo social-democrata, a regionalização como processo político e administrativo mais viável para a concretização dos projectos locais, e que poderia ser perspectivado acima do próprio enquadramento partidário de pertença. Como refere o autarca de Espinho, seria a regionalização a permitir uma estratégia conjunta de criação de uma lógica de desenvolvimento comum, para além das próprias especificidades de cada concelho. Ressalvam, contudo, ainda que de maneira diferenciada, e de alguma forma espelhando os jogos de influências políticas destes autarcas, a LIPOR e o Metro³ como os dois grandes projectos infraestruturais da AMP.

(...) isto não se faz... apenas com os municípios... portanto com, com este sistema que temos actualmente é quase impossível, mas era, era possível através da, da, das regiões... porque desde que em cada, em cada região... houvesse condições para estas questões serem... dirimidas... aí sim haveria um órgão regional, havia enfim, havia um responsável, ou vários

³ Veja-se de novo o Anexo 4JC a propósito das iniciativas e redes de parcerias da GAMP em 2007. A LIPOR - Serviço Intermunicipalizado de Gestão de Resíduos do Grande Porto, constituída como Associação de Municípios em 1982, é a entidade responsável pela gestão, valorização e tratamento dos resíduos sólidos urbanos produzidos pelos 8 municípios que a integram: Espinho, Gondomar, Maia, Matosinhos, Porto, Póvoa de Varzim, Valongo e Vila do Conde. Tem vindo a implementar uma gestão integrada de resíduos, recuperando, ampliando e construindo infra-estruturas, além de desenvolver campanhas de sensibilização junto da população. Veja-se a este propósito o *site* oficial www.lipor.pt. O Metro é o projecto de criação de uma rede de metro ligeira no território metropolitano, que teve a formalização em 2003 da Autoridade Metropolitana de Transportes do Porto e que tem vindo a criar, por fases, a rede de linhas que liga entre si os municípios da AMP. Veja-se a título de curiosidade o *site* oficial www.metrodoporto.pt.

responsáveis... e... poderia... poderiam fazer-se opções até porque o próprio poder central poderia limitar a libertação de meios... portanto tendo em conta os interesses dessa região. Não faz sentido estar a construir em cada concelho um, um, uma Nave Polivalente, não faz sentido estar a, a construir em cada concelho... se calhar um outro tipo de equipamentos, mas fa [hesitação], fa [hesitação], faria sentido eventualmente ter um... um equi [hesitação], um determinado equipamento num concelho, outro equi [hesitação], outro, outro tipo de equipamento noutra concelho, bom isto serviria a região. Bem... com a... os, as próprias associações de municípios que existem isso quase não é possível, porquê? Porque cada um dos autarcas... em princípio vai querer ter o seu pavilhão, vai querer ter a sua universidade se possível, vai querer ter a sua piscina e cada um dele, deles vai querer a maior do mundo... e portanto vamos... naturalmente esbanjar meios, claramente, isso tem vindo a acontecer. [presidente da câmara municipal de Espinho, 51 anos, PS]

... com este modelo actual... não vejo, a não ser para... duas ou três grandes infra-estruturas que a Área Metropolitana tem tido união e capacidade política para desenvolver que foi o caso do Metro [o E. fez um sinal de assentimento], foi o caso do, da Lipor [o E. fez um sinal de assentimento] e... pouco mais, e pouco mais e... [o E. interveio] (...)... em termos de transportes eu acho que... seria necessário uma alta autoridade ou a própria... a própria alteração do modelo da Junta, com... com competências... mais alargadas em termos de executivo, e portanto com... capacidade financeira... e, e, e executiva, funcionando como, como, como já que a regiona [hesitação], a regionalização não andou pr'a frente, funcionando como patamar intermédio de desenvolvimento entre o Estado e as autarquias. Eu penso que... esta criação do novo modelo que foi agora publicado, de criação das áreas metropolitanas e com mais competências não chega. Eu acho que era necessá [hesitação], era necessário assumir para se atingir esse objectivo com o Grande Porto, como uma unidade seriam necessárias... grandes, profundas alterações, em termos de aumento das competências e alterações da lei em termos de, de, de modelo de, de, de, de eleição do Presidente... porque eu acho que não é compatível um, o Presidente da Câmara de, de, o Presidente do Metro ser um Presidente da Câmara, que 'tá mais preocupado com os problemas do, do município [o E. fez um sinal de assentimento] do que propriamente com a Área [o E. fez um sinal de assentimento] e, e pr'além disso tem poucas competências... [presidente da câmara municipal da Póvoa de Varzim, 53 anos, PPD/PSD]

Só a nível da LIPOR é que havia [o E. fez um sinal de assentimento], porque envolvia 8 câmaras, não é, pronto e aí na realidade foi um êxito [o E. fez um sinal de assentimento], no resto... a nível da... das áreas metropolitanas elas servem essencialmente é de palco [!].... para alguns autarcas [o E. fez um sinal de assentimento]... (...) É, exacto, sim... eu ainda hoje de manhã disse isso, e digo, e tenho dito pronto, e digo isto em público às vezes à frente dos meus colegas, apanho [risos] sempre depois logo, logo a seguir eles estão... dizem e tal e não sei quanto... tudo bem, mas eu não deixo de dizer... [presidente da câmara municipal de Valongo, 66 anos, PPD/PSD]

As dificuldades apontadas para a inexistência de um esforço metropolitano⁴ passam ora pelo enquadramento legal⁵, desprovido de níveis de autonomia na

⁴ É curioso constatar que as primeiras tentativas para formalizar um esforço metropolitano entre os 9 concelhos datam dos finais dos anos 80. Tal como recolhemos numa das actas de reuniões de câmara do município de Gondomar (acta n.º 84 de 31-12-1987), foi apresentado e discutido um ofício com uma proposta de acordo entre as câmaras municipais da AMP, apresentado pela câmara municipal da Maia à presidência do executivo de Gondomar, e que visava criar as condições para compatibilizar e coordenar a intervenção pública no espaço territorial formado pelos 9 concelhos.

tomada de decisões, ora pelas dificuldades financeiras, burocráticas e organizacionais, ora ainda pelas rivalidades interconcelhos e pela personalização do próprio poder na figura dos eleitos locais. Subjaz, no próprio discurso destes actores políticos, o pressuposto de que a alternância dos eleitos no poder tem inerente uma possível alternância das vontades e decisões políticas. Acrescem ainda, como factores constrangedores do esforço metropolitano, as mentalidades políticas, avessas à descentralização administrativa, e os modelos políticos centralizados e orientados pelos investimentos intraconcelho. Alguns autarcas chegam mesmo a referir o sentido de *pertença paroquial* dos eleitos locais e a falta de uma visão de conjunto para a região, nomeadamente para a Região Norte.

(...) era, naturalmente muito importante que... houvesse por parte dos municípios, neste caso mesmo que agrupados na, na Junta Metropolitana do Porto que houvesse de facto uma distribuição... portanto, mas isso não é fácil... sabe porquê? Em primeiro lugar porque os autarcas mudam [!], aq [*hesitação*], aquilo que hoje pensa um, o, o autarca que está a frente de Gondomar... pode não pensar daqui por 3 anos o que vier, pode não ser o mesmo, ou o de Espinho, ou o de Gaia, ou o do Porto, é muito difícil essas coisas serem resolvidas apenas ao nível dos municípios... vamos continuar com esta competição, toda a gente sabe... [*presidente da câmara municipal de Espinho, 51 anos, PS*]

Tem que ser a lei tem que ser mudada, porque a Área Metropolitana não tem funcionado nem essa, nem a de Lisboa porque p'ra já não têm verbas e segundo não têm poder, quem não tem poder tem que se sujeitar ao poder é isso que julgo eu que nos vão dar poder agora [*o E. fez um sinal de assentimento*] ... tem tido bons presidentes, tanto o Doutor Vieira de Carvalho, como o Doutor Fernando Gomes como o Major Valentim Loureiro, são óptimos presidentes, mas o qu' é qu' eles podem fazer? Não podem fazer nada! Tem que haver uma consciencialização em que os presidentes de câmara se reúnam todos, decidam posteriormente tem que ter aqui uma par [*hesitação*], a Junta Metropolitana tem 2 funcionários ou 3, não tem ninguém lá, não tem técnicos, não tem nada, portanto o qu' é qu' eles podem fazer, nada! [*o E. fez um sinal de assentimento*] [*presidente da câmara municipal da Maia, 55 anos, PPD/PSD*]

Concebem a necessidade de um órgão metropolitano que projecte o desenvolvimento da região – a própria AMP – e que permita rentabilizar os investimentos feitos na construção de infra-estruturas económicas, habitacionais, de transportes, de saúde ou de tratamento de resíduos sólidos e de águas.

⁵ Refira-se que, à data de realização das entrevistas, os eleitos locais reportavam-se à primeira lei, que criou as AM de Lisboa e Porto (lei 44/91 de 2 de Agosto), e não tanto ao novo diploma (lei 10/2003 de 13 de Maio) sobre as novas AM (GAM e ComUrb).

Secundarizam, de alguma forma, outras áreas, ainda que se perspetive a pertinência do esforço conjunto na construção e nos usos de uma rede de equipamentos desportivos, culturais e turísticos. É interessante constatar que os discursos dos autarcas são ideológicos e assumidamente vinculados quanto à visibilidade externa dos seus próprios concelhos, por comparação com os da região e, de forma mais evidente, com os do espaço metropolitano. Dos presidentes de câmara entrevistados apenas 1 representa uma câmara socialista, o que não nos permite inferir considerações mais direccionadas para as posições discursivas em função dos quadros partidários de apoio. No entanto, e mesmo que reposicionemos os discursos em função da própria situação de entrevista e das particularidades individuais dos entrevistados e dos contextos sócio institucionais camarários, são visíveis algumas regularidades dignas de registo: i) a focalização positiva mais acentuada sobre a regionalização entre o representante político socialista; ii) o menor enfoque, por parte dos presidentes sociais-democratas, das diatribes políticas face ao poder central, que à data das entrevistas era de feição social-democrata; iii) a personalização do poder local; iv) a identidade política e social do concelho por oposição às dos demais da região, inclusive do espaço metropolitano; v) a, de vez em quando presente, auto-centrada qualidade da prática política e do projecto de desenvolvimento do concelho por comparação com os demais da região e do espaço metropolitano.

As posturas quanto às virtualidades da gestão metropolitana de áreas de intervenção são, assim, relativizadas. A um misto de dúvida e de descrédito face às potencialidades formais dos órgãos previstos pela lei, acresce a convicção velada quanto à sua reduzida funcionalidade e operacionalidade. O autarca de Vila Nova de Gaia explicita-o de forma mais vinculada:

O quê que falha? Bom... falham 2 coisas, primeiro falha a realidade institucional... a realidade institucional, a Junta Metropolitana do Porto deveria ser portanto o agente coordenador desse tipo [*o E. fez um sinal de assentimento*] de actividades, do ponto de vista legal que tem competências, atribuições e competências, não tem [!] atribuições e competências... não pode impor nenhuma decisão a ninguém, quer dizer, é um fórum d'encontro das pessoas que... bom, aliás, poucas vezes por ano... portanto não existe uma entidade que com... com um estatuto administrativo político p'ra isso, não existe [!]... 'tá no

papel as atribuições e as competências são tão... diluídas, tão [*discurso imperceptível*], por outro lado admito... admito em teoria defender, eu julgo, eu julgo que essa legislação teria que ser alterada e as Juntas Metropolitanas terem efectivamente atribuições e competências taxativas que eram retiradas às câmaras e retiradas ao poder d'outrem, bom e ter efectivas... atribuições e competências que não tem... admito em teoria, admito mas está por provar [*sorrisos*] que alguma tipo de liderança da Área Metropolitana mais voluntarista e mais, politicamente mais forte pudesse [*o E. fez um sinal de assentimento*] por... por acção do seu voluntarismo co [*hesitação*], levar alguns desses, desses projectos de coordenação e de, de liderança por diante. Admito em teoria, mas 'tá por provar, não sei se será possível. [*o E. fez um sinal de assentimento*] [*presidente da câmara municipal de Vila Nova de Gaia, 48 anos, PPD/PSD*]

O que parece visível, de alguma forma, é que as lógicas metropolitanas de gestão das áreas de intervenção coadunam-se menos quando pensadas na sua escala sectorial, como as da cultura e do turismo, por exemplo; e coadunam-se mais quando dimensionadas à escala global e integrada dos projectos de intervenção sobre as acessibilidades e os transportes ou o ordenamento do território, como testemunhado por alguns autarcas, nomeadamente o de Vila Nova de Gaia.

... Eu acho que faz sentido, há políticas hoje em dia que são claramente impossíveis de gerir se se vai, sem ser numa lógica metropolitana, por exemplo competências como transportes... acessibilidades estruturantes... ambiente... ordenamento do território... eu transferia-as por inteiro para uma Junta Metropolitana. Repare eu posso estar a tratar, eu tratei os meus esgotos todos... investi 40 milhões de contos, o Porto não tratou... há um ano que há correntes de sul p'ra norte eu não tenho bandeiras azuis... p'tanto há... há políticas hoje que são, até à escala planetária políticas globais, quer dizer não pode hoje haver uma política ambiental sem haver uma política, sem haver uma política ambiental global, se o senhor Lula endoidecer e arrasar a floresta da Amazónia, bom... todos nós vamos sofrer com isso, não é o, não é o Brasil que vai sofrer, portanto aqui a, a esta escala também há políticas que só são susceptíveis de ser desenvolvidas numa lógica duma massa crítica mais alargada... o ideal seria que isso chegasse ao detalhe... porventura de políticas mais... já mais sectoriais [*o E. fez um sinal de assentimento*], a própria política cultural, a própria educação... não, não... d'ordenamento do território, quer dizer, um dos grandes problemas do Porto hoje é a loucura [!] desta... isolacionismo em termos de política d'ordenamento do território, porque... as universidades estão todas no Porto, em toda a Europa... universidades públicas, em toda a Europa há 20 anos quando se começou a nova vaga de reestruturação do Ensino Superior ou do Sistema de Saúde, os hospitais foram deslocados para a periferia, e as universidades foram deslocadas para a periferia dos grandes centros [*discurso imperceptível*], porquê? Para diminuir os movimentos pendulares no sentido do, do, do centro. Hoje em dia por exemplo entram 300 mil pessoas, ou 200 mil pessoas por dia no Porto, não deviam entrar porque têm de ir p'às universidades, se eles tivessem uma na Maia, outra em Matosinhos, outra na, em Gaia, isso já não acontecia, portanto a política d'ordenamento do território teria que ser uma política metropolitana, p'tanto o Porto está a fazer o seu PDM, bom Gaia 'tá a fazer o seu PDM, cada um 'tá a fazer o seu, bom, mas quer dizer se [*sorrisos*], como é [?], se 'tão cada um a fazer o seu... uns tem uma lógica isolacionista, outros têm uma lógica de integração, um prevê pontes, outro não prevê pontes, com'é que... [?] isto não é gerível [*o E. fez um sinal de assentimento*], e quem vai sofrer,

as pessoas não vão poder atravessar o rio [sorrisos], vão ficar horas p'ra ir trabalhar e hora p'ra chegar a casa. Portanto há políticas que desde já [!] era evidente e lógico porque nós somos, nós não somos os últimos da Europa por sorteio, nem por nosso senhor Jesus Cristo ter querido isso, nós somos porque somos maus!... Não fazemos nada pela vida [risos]... bom, é por isso que nós somos os últimos... [presidente da câmara municipal de Vila Nova de Gaia, 48 anos, PPD/PSD]

Não deixa de ser interessante registar a lógica agregacionista que este autarca indicia na entrevista: concebe a AMP como *Grande Porto* no sentido em que qualquer um dos concelhos que a compõem, e particularmente aqueles que estão na contiguidade territorial e desenvolvem relações pendulares com o Porto, são Porto, na acepção mais lata⁶. Outras relações territoriais e sócio-institucionais são perspectivadas, e para além das estabelecidas pelos limites da AMP, deixando antever que os concelhos reposicionam os sentidos da pertença administrativa.

... é óbvio que qualquer, se discutir isso com qualquer pess [hesitação], com qualquer pessoa que, que perceba um pouco destas coisas, é óbvio que pelo menos, pelo menos política de transportes, política de acessibilidades, política de ambiente e política d'ordenamento do território devia ser gerido por uma autarquia supramunicipal chamada Junta Metropolitana ou Governo Metropolitano, chamasse-se o que se quisesse. É óbvio! Depois já digamos é discutível se as outras, já haveria condições neste momento para serem também transferidas... em última [!] análise a mim não me repugnava [!] de haver uma única câmara municipal p'a toda a Área Metropolitana do Porto. Nova Iorque é muito maior e tem uma única câmara. [o telefone começou a tocar] [o E. fez um sinal de assentimento] [presidente da câmara municipal de Vila Nova de Gaia, 48 anos, PPD/PSD]

(...) qu'é esse o grande objectivo do político, o político é fazer com que a cidade e o seu concelho funcione, com coesão... com... qualidade de vida... tendo, tendo um projecto que seja sustentável em termos de competitividade com as outras cidades e eu acho qu'isso nós conseguimos mas somos mais ambiciosos e queremos passar desta cidade regional para, para uma cidade referência em termos, em termos de... grande região do Norte do País e Galiza, p'tanto Noroeste Peninsular (...) [presidente da câmara municipal da Póvoa de Varzim, 53 anos, PPD/PSD]

Parecem-nos relevantes também, e de algum modo na linha daquilo que os chefes da edilidade referiram, os posicionamentos políticos dos vereadores da cultura e do turismo face à questão do projecto metropolitano. Particularmente daqueles que, de alguma forma, protagonizam um discurso político sobre o

⁶ ... eu sou um... portuense em sentido lato, acho que Gaia é Porto, acho que Matosinhos é Porto, um portuense em sentido lato... [presidente da câmara municipal de Vila Nova de Gaia, 48 anos, PPD/PSD].

concelho, e que no contexto desta pesquisa se torna fulcral, já que não nos foi possível recolher testemunhos, e pelas razões anteriormente apontadas, junto das respectivas presidências. Numa das abordagens mais politicamente objectivadas, o vereador da cultura e do desporto de Gondomar salienta a inexistência de uma *política cultural metropolitana*, o que até certo ponto reflecte o posicionamento político secundário desta área, conjuntamente com a do desporto e a da educação, na concepção política e social daquilo que é determinante para a formação cívica dos indivíduos.

(...) também tal como os municípios, mesmo ao nível da Área Metropolitana do Porto que se associaram para em conjunto melhor resolverem determinados problemas na área da... água, na área da, do tratamento dos lixos... agora estão a começar-se a reunir também na área do turismo, pronto, cada vez mais, já há algum tempo também porque, já há 6 ou 7 anos que havia reuniões entre os vereadores do turismo da Área Metropolitana do Porto... e criou-se mesmo um gabinete para apoiar não é, a afirmação do, da Área Metropolitana do Porto, na área do turismo mas cada vez mais eles falam em criar a Região do Turismo desta, nesta Área Metropolitana não há região do turismo e, e tem havido reuniões nesse sentido, efectivamente na área da cultura... não tem havido da maior importância, tirando um projecto da PRIMUS, é uma agência de desenvolvimento regional, de facto é o projecto EntreArtes e que tem esta perspectiva de procurar envolver os municípios... ou pelo menos fazer um primeiro contacto com os municípios no sentido de saber se há ou não... a sensibilidade, o interesse que eles sentem ou não nesse projecto. [*vereador da cultura e do desporto da câmara municipal de Gondomar, 34 anos, PPD/PSD*]

As razões para tal são as de complementar e alargar uma rede de equipamentos culturais – sem anular ou sombrear a actividade cultural significativa de cada município já que, como ele próprio designa, os seus espaços culturais são *escolas básicas de formação na área da cultura* – e, por outro lado, alargar e diversificar a oferta cultural no espaço metropolitano – de forma a consolidar uma política metropolitana de envolvimento da população – dos públicos – nas áreas culturais. Objectivos que apenas o esforço político metropolitano permite se atendermos à qualidade e ao âmbito – nacional e internacional – dos equipamentos e dos eventos culturais a implementar na AMP.

(...) nós não podemos colocar... se queremos ter equipamentos... e eventos com alguma projecção, com alguma qualidade e... com um carácter não só nacional mas também, mas também internacional... para de facto se aceder a outro tipo de espectáculos... e, e, e eventos também com, com qualidade e com todos os projectos que pode haver por trás

aproveitando, não é a vinda da, à Área Metropolitana por exemplo dum companhia de bailado porque não... haver... um, 1 semana ou 2 ou 3, por exemplo, um curso para aprofundar conhecimentos daquelas pessoas dos vários municípios se dedicam por exemplo ao bailado, quem diz isto diz outras áreas, quer dizer isto só pode ser feito com... ao nível metropolitano, que não se justifica nem há condições financeiras, nem se justifica para ser um município por si só a desenvolver um tipo de acção destas e portanto é... há, há determinados serviços que... só são viáveis se de facto forem geridos num, num conselho metropolitano. Portanto, eu julgo que é... premente, urgente de facto haver... haver uma estratégia para o desenvolvimento dum política... metropolitana ao nível, ao nível cultural. [vereador da cultura e do desporto da câmara municipal de Gondomar, 34 anos, PPD/PSD]

Por outro lado, para um certo tipo de oferta cultural – situada ao nível da *cultura cultivada* – fará sentido um conjunto de investimentos financeiros integrados, um painel de iniciativas de formação/criação articuladas com as actividades programadas, e um esforço de ampliação das programações concelhias. No caso destas últimas, particularmente por concelhos que, face a razões infraestruturais, confrontam-se com mais dificuldades/obstáculos na afirmação de uma programação própria. Como afirma o vereador da cultura e do desporto de Gondomar:

É de facto urgente... porque... alguns municípios têm sempre esta, quer dizer também têm algum receio, mas as coisas estão perfeitamente afirmadas, quer dizer nós sabemos que as Curtas-Metragens é neste município, que há determinados eventos que têm uma afirmação, não é, Matosinhos pelas conferências, pela música, quer dizer, pronto alguns destes municípios conseguiram já afirmar projectos com muita qualidade, portanto se calhar todos ganhamos, não é, todos ganhamos se ajudarmos outros municípios a afirmar-se também pela qualidade noutras áreas... e sobretudo se criarmos esta rede de equipamentos também de uma forma mais ou menos integrada porque a área de influência, a área de influência para determinados eventos é toda a Área Metropolitana e para os concelhos das Área Metropolitana... [vereador da cultura e do desporto da câmara municipal de Gondomar, 34 anos, PPD/PSD]

Registe-se que o receio face à afirmação metropolitana passa pela diluição da autonomia e da visibilidade política no campo cultural por cada um dos concelhos que, para além do Porto, vão afirmando uma relativa centralidade cultural. E alguns dos discursos de certos vereadores, nomeadamente dos concelhos mais distantes desse estado de centralidade cultural, referem-no:

(...) nós podemos perguntar por que é que vamos concen [*hesitação*], vamos concentrar tudo no Porto [?], vamos concentrar tudo em Gaia [?], os equipamentos culturais também ajudam a desenvolver as cidades, ajudam... a, a requalificar, não é... o meio urbano, e

portanto a Casa da Música está lá metida na Boavista e depois lá temos o Rivoli é... no Porto, pronto já lá estava recuperado [riso], depois temos o Coliseu, mas de facto há outros municípios que podiam ter, depois concentrando o que é que acontece? Há municípios que também sentem necessidade de investir e apostar na cultura, depois o governo não nos dá apoio e depois do próprio orçamento eles têm que fazer às vezes grandes equipamentos e depois não os conseguem rentabilizar ou fazem e têm dinheiro p'a fazer o equipamento, mas depois não têm dinheiro para ter técnicos qualificados, ou não têm dinheiro para ter... projectos, não é, que permitam a sua rentabilização e a sua dinamização, e depois mesmo que tenham dinheiro não têm técnicos qualificados... porque depois não há técnicos de luz, não há técnicos de som, não há técnicos... não há coreógrafos, não... não é? Depois também não há porque depois não temos dentro da Área Metropolitana um conjunto de equipamentos que justifique as escolas ou haver investimentos que também fazem esses técnicos mas se queremos uma grande produção temos que ir buscar pessoas a Lisboa, quer dizer de facto é urgente, é urgente se efectivamente as pessoas reconhecerem que a cultura é... é importante e tiverem essa visão... integrada da cultura e fundamental para a educação das pessoas, não é... [vereador da cultura e do desporto da câmara municipal de Gondomar, 34 anos, PPD/PSD]

Do ponto de vista turístico, a vereadora responsável por este pelouro na câmara de Gondomar revela um posicionamento similar quanto ao projecto metropolitano, dentro do quadro que temos exposto. Sugere que a coabitação de duas situações seria a estratégia a adoptar: por um lado, cada concelho desenvolver a sua marca turística e, por outro, a AMP criar uma marca turística comum a todos os concelhos, sem perda da identidade turística de cada um dos municípios. Assume claramente que a diferenciação entre os concelhos justifica a articulação metropolitana em prol de municípios como os de Valongo e Gondomar, com outros atributos turísticos e com debilidades infraestruturais mais acentuadas. Do ponto de vista turístico, a diferenciação interconcelhia é visível, sobretudo quando pensada em termos dos recursos financeiros e logísticos disponíveis e da experiência institucional em torno da criação e consolidação das marcas turísticas próprias – como os casos de Porto e Vila Nova de Gaia, muito associados ao *turismo de negócios* e ao *turismo cultural*, ao *turismo balnear* e ao *turismo do Vinho do Porto*.

(...) não é a questão da união fazer a força, nem é tanto isso... eu acho que, prontos até porque há concelhos com mais experiência, que nós podemos partilhar a experiência, há concelhos que também de alguma maneira a economia... é-lhes mais favorável, pronto! Portanto eu acho que nós não tínhamos nada a perder! [o E. fez um sinal de assentimento] Nós, Valongo [o E. fez um sinal de assentimento] por exemplo... por exemplo já acho que Gaia qu' é um bocadinho, só por si já vende [o E. fez um sinal de assentimento], o Porto já por si já vende, não é [o E. fez um sinal de assentimento], mas acho, acho que sim, podia ser, quer dizer em conjunto e depois se o concelho quisesse por uma questão pronto de, de, de... de

preservar a sua identidade... pronto quer dizer, não quer dizer que todos em conjunto também não, não podiam preservar, mas é evidente qu'alguma coisa se perde não é [o E. fez um sinal de assentimento]... portanto eu penso que é importante preservar a identidade dos concelhos [o E. fez um sinal de assentimento]... [vereadora do turismo da câmara municipal de Gondomar, 50 anos, PPD/PSD]

O vereador da cultura e do turismo de Matosinhos, um dos outros concelhos em que não tivemos a oportunidade de entrevistar o chefe do executivo municipal, posiciona-se politicamente de forma negativa face à possibilidade de uma orientação cultural e turística conjunta entre os concelhos da AMP. Do seu ponto de vista, e mesmo considerando que o município de Matosinhos tem-se mostrado suficientemente disponível para experiências conjuntas de programação e articulação da oferta cultural, não há abertura e vontade políticas para um esforço conjunto, e o espírito que prevalece é o do receio pela perda da autonomia e do protagonismo cultural e político.

Perspectivo mal! Perspectivo mal, e se quiser um exemplo veja a Porto 2001! [o E. fez um sinal de assentimento] Tem aí o exemplo, em que não aconteceu nada! (...) achei que ia ser fundamental para o nosso salto... qualitativo, e achei que ia ser fundamental também para perspectivar isso que me está a dizer, era começarmos a fazer coisas... [o E. interveio] ... conjuntas. Depois disso, foi o desânimo total!... Eu... mais do que uma vez tentei... se calhar fomos a única Câmara da região que não pediu um tostão à Porto 2001! Não dissemos: "Dêem-nos dinheiro que nós fazemos isso!", dissemos o contrário, dissemos assim: "Digam-nos o que estão a pensar fazer... e vamos acertar o que devemos fazer. Vamos coordenar programações, vamos... acertar os campos em que devemos apostar, porque nós queremos fazê-lo, e não pedimos dinheiro", e isto nunca foi possível de se fazer... porque o que eu dizia era assim: "Não faz sentido eu estar a fazer uma programação cultural aqui de... de música clássica e estar ali ao lado uma idêntica se calhar nos mesmos dias", quando se fosse conversado nós se calhar tínhamos feito numa altura diversa, se calhar tínhamos escolhido outro tipo de, de, de programação... agora, eu não sabia o que se passava do lado de lá porque eles não estavam minimamente interessados em saber o que se passava no lado de cá e... e isto nunca foi, foi possível. Depois disso... eu entendo que isso era essencial... mas efectivamente acho que neste momento ainda não há uma... total abertura para que isso possa andar... em passos consistentes porque... as pessoas ainda são muito ciosas do seu... do seu espaço, ainda são muito ciosas do, da sua programação... não é, isto é a minha Câmara, o meu concelho, a minha programação [o E. fez um sinal de assentimento], ainda é tudo muito meu [o E. fez um sinal de assentimento], eu não tenho minimamente essa... essa perspectiva (...) [vereador da cultura e do turismo da câmara municipal de Matosinhos, 44 anos, PS]

Confrontemos tais posições com as dos representantes políticos dos municípios de Vila do Conde e do Porto, os dois últimos concelhos em que os

testemunhos recolhidos se situam, mais uma vez, ao nível das vereações da cultura e do turismo. No caso de Vila do Conde, salienta-se, e a partir da autarca que gere a área de intervenção da cultura, a inexistência de um trabalho conjunto, necessário, do seu ponto de vista, a nível sectorial, e de forma a alargar a actividade integrada até agora conseguida: a publicação de uma agenda cultural metropolitana. Reconhece, e como estratégias de resolução possíveis, a necessidade social de tal esforço metropolitano, a vontade política efectiva dos concelhos e a criação de uma estrutura coordenadora. As dificuldades em fazê-lo residem na rotinização do trabalho quotidiano do autarca (particularmente num concelho com a dimensão do de Vila do Conde), na falta de tempo, e na acomodação política em situações institucionais que são mais prioritárias e que se tornam a razão de ser do trabalho quotidiano do vereador, ou seja, o resolver as questões intraconcelho.

Eu acho que se calhar era interessante, mas efectivamente não há! Não há, a esse nível... ao nível cultural não há trabalho conjunto entre as autarquias da Área Metropolitana... [pausa] Se calhar era interessante que, que, que se pensasse numa programação... ou pelo menos nalguns eventos em conjunto mas efectivamente a única... proximidade em relação a essa questão que fez foi com o, o anterior Governador Civil que realmente dinamizou uma agenda cultural a nível da Área Metropolitana [o E. fez um sinal de assentimento] e aí houve diversas reuniões [o E. fez um sinal de assentimento] onde estiveram presentes os Vereadores responsáveis pela Cultura, foi interessante, não porque nunca se fizesse nada conjuntamente mas porque se trocavam impressões nesse, nesses momentos e porque tínhamos conhecimento disto ou daquilo que se fazia e ainda ficou até um pouco como... pronto ainda... seguimento desses encontros o envio das agendas culturais dos diversos concelhos uns p'ros outros, qu'isso continua a fazer-se mas também não só [!] relativamente aos da Área Metropolitana do Porto, doutros concelhos que têm o cuidado de enviar. Em conjunto efectivamente a esse nível não se tem desenvolvido nenhum trabalho, também não sei se seria uma coisa fácil de gerir. (...) Eu penso que não de [hesitação], não há razões, há um deixar correr não é, quer dizer um realmente preocupar-se porque a vida do autarca é muito complicada principalmente nestas autarquias grandes e portanto as pessoas vão organizando as coisas a nível do seu concelho... e pronto que não há, nunca houve uma preocupação porque isso teria que haver forçosamente a criação duma estrutura que fosse coordenadora de qualquer coisa que se dinamizasse em conjunto, não é, não é pensável doutra maneira e portanto são estruturas que têm que ser criadas e isso ou existe um forte empenhamento porque existe uma forte necessidade ou então pronto as coisas deixam-se correr que é efectivamente o que está a acontecer [o E. fez um sinal de assentimento]... [vereadora da cultura da câmara municipal de Vila do Conde, 53 anos, PS]

Quando nos confrontamos com os discursos dos vereadores da cultura e do turismo do Porto, a posição política transfigura-se um pouco relativamente às

demais apresentadas. Revela-se, e de forma politicamente assumida, a centralidade cultural e turística do Porto que, numa lógica integrada de programação e de recursos, seria o município a desempenhar o papel de coordenação política e institucional da AMP. É deste posicionamento que se aproxima o vereador da cultura do Porto. Reconhece que a situação presente – de afastamento institucional e político - é plausível, se atendermos àquilo que até ao momento tem sido a AMP: uma criação formal e política apenas.

(...) a Área Metropolitana existe como criação política, única e exclusivamente. Nunca se pensou ainda em Área Metropolitana por exemplo a nível cultural. É um trabalho que está completamente virgem, é um trabalho que nunca foi feito, é um trabalho, é um mundo que se abre à frente da Área Metropolitana, nunca foi tentado sequer. Portanto... e esse parece-me que é um dos caminhos a... a seguir e que o Porto deve, deve pegar, então se o Porto se assume, ou se tem assumido pelo menos até agora como cabeça dessa Área Metropolitana acho que também o deve ser a nível cultural ao tentar... assumir e trilhar esses novos... esses novos caminhos. [o E. fez um sinal de assentimento] [vereador da cultura da câmara municipal do Porto, 51 anos, PPD/PSD]

Por outro lado, as razões apontadas para tal passam pela diversidade social e cultural dos concelhos que compõem a AMP, pela centralidade funcional do Porto *versus* as periferias urbanas envolventes – considera o Porto a *grande metrópole* e concelhos como Maia e Valongo os *concelhos dormitório* do Porto, que, mesmo com potencialidades de atracção da população envolvente, inclusive da do Porto, não deixam de ser concelhos com marcas rurais acentuadas e sobre os quais a atracção cultural do Porto se exerce. É a partir desta centralidade cultural que os próprios critérios de legitimação da oferta cultural dos concelhos limítrofes poderão ser, e segundo o autarca, reposicionados: aquilo que o próprio designa por os *padrões médios de qualidade que seriam exigíveis*.

Vários motivos, em primeiro lugar... a Área Metropolitana do Porto é constituída por um certo número de concelhos extremamente díspares, com... realidades sociológicas completamente distintas. Se por um lado temos nesta Área Metropolitana, temos uma grande metrópole e alguns focos... radiantes... que quase que se estão a constituir neste momento como dormitórios da cidade do Porto, portanto formaram-se, repare a Maia... neste momento tem uma capacidade de atracção, em termos de população jovem, muito grande, porquê? Porque oferece habitação a preços muito mais baratos. Valongo está a despontar a esse nível, por exemplo a ques [*hesitação*], o crescimento urbano de Valongo foi extremamente rápido, só que, por exemplo isso é uma realidade... metade do parque

habitacional de Valongo 'tá vazio, porque a construção foi desenfreada, geraram-se grandes interesses, construiu-se, construiu-se, construiu-se, mas grande parte desse parque habitacional 'tá vazio. De qualquer forma houve grandes massas de população do Porto que também se deslocaram pr'ali, mas a verdade é que esta grande metrópole e uma série de periferias urbanas que se criaram, satélites, digamos que se criaram à volta do Porto coexistem com uma realidade rural, ainda muito grande. Por estranho que possa parecer essa realidade é um facto. Maia continua a ser um conc [hesitação] um concelho com uma componente rural muito forte, por exemplo, Valongo também... e outros [!].... ora bem, o que é que se passa? É que... temos portanto realidades sociológicas muito diferentes que continuam [!] repare, estas massas populacionais que vivem ne [hesitação], nestas zonas, continuam a ser atraídas por um centro que é, a esse nível, a nível cultural que é o Grande Porto. O que se passa é que há uma tentativa normal e legítima por parte de cada autarquia de organizar a sua própria vida cultural, e normalmente fá-lo de costas voltadas uns pr'ós outros, e portanto... e consegue cativar em certas áreas, consegue cativar as populações para um mínimo de vida cultural... eu pergunto muitas vezes se a qualidade da oferta que existe... em áreas mais periféricas da Área Metropolitana do Porto, se a área da oferta respeita digamos os padrões... médios de qualidade que seriam exigíveis (...) [vreador da cultura da câmara municipal do Porto, 51 anos, PPD/PSD]

Como a área de influência da oferta cultural do Porto ultrapassa os limites da cidade até ao espaço metropolitano, para não referir outras áreas de influência na Região Norte, e porque o município detém capacidade intrínseca para criar e diversificar uma oferta cultural ao nível da *cultura cultivada* e das *indústrias culturais*, cabe-lhe enquanto município a função de coordenação da estratégia metropolitana neste campo. Desta forma, tanto possibilitaria a formação e consolidação de públicos, particularmente juvenis e estudantis, à escala metropolitana, gerindo a ocupação e a oferta ao nível dos equipamentos disponíveis, como permitiria às *periferias* condições para a criação de uma oferta cultural local própria.

Eu acho que esta vida cultural da cidade não pode... ser olhada duma forma... autista, quer dizer não, não... não pode... existir centrada apenas em si mesmo, tem que existir a, a pensar também nestas populações e é isso que estes estudos nos podem proporcionar, é precisamente essa visão de que maneira é que a vida cultural da cidade do Porto pode influenciar e pode captar as populações da Área Metropolitana, mais do que isso, até que ponto é o que Porto pode ter uma função de coordenação... porque não se compreende [!], há coisas que, repare uma coisa, não se compreende que haja no mesmo dia por exemplo um grande concerto no Coliseu com um grande nome e ao mesmo tempo esteja a haver outro grande concerto na Vila da Feira... não, isto não, não faz sentido, quer dizer... deveria haver uma política de coordenação destes eventos por forma a maximizar estes eventos em termos de captação de... de captação de públicos, e se esta oferta pudesse ser minimamente coordenada, então sim eu acho que aí o Porto... teria uma palavra a dizer muito forte, e teria uma palavra a dizer muito forte porquê? Primeiro porque tem a capacidade de por si só gerar essa vida cultural, e de... criar condições para que essa vida cultural... exista. Por outro lado porque... exerce, e isto é perfeitamente natural, os centros

exercem sempre fascínio sobre as per [hesitação], sobre as periferias... as periferias são sempre... atraídas para o centro, e por isso é que... há determinados locais que são considerados precisamente centros, fruto da sua capacidade de atracção, isto não quer dizer que o centro esvazie as periferias, antes pelo contrário, quer dizer dando possibilidade a que haja vida autónoma nas periferias, mas assumindo a sua capacidade de atracção... e coordenando essa capacidade de atracção com as próprias periferias no sentido também de não as esvaziar, porque a vida local é absolutamente essencial, e portanto se houver uma coordenação de esforços entre as várias autarquias constituíntes da Área Metropolitana do Porto então penso que se poderia chegar a este, digamos a este estado ideal [o E. fez um sinal de assentimento]... em que o centro desempenharia o seu papel de centro, mas ao mesmo tempo não esvaziando essas periferias e dando-lhes possibilidades de terem a sua própria vida cultural, dentro dos parâmetros que... [o E. fez um sinal de assentimento] que entenderem, como é evidente... (...) [vereador da cultura da câmara municipal do Porto, 51 anos, PPD/PSD]

Do ponto de vista do vereador responsável pelo pelouro do turismo na câmara do Porto, a centralidade funcional do concelho, e da cidade turística, exerce-se sobre a área envolvente e, por si só, destaca-se. Relativiza as potencialidades turísticas dos concelhos limítrofes ao Porto - com excepção de Matosinhos, pela oferta gastronómica, e Espinho e Póvoa de Varzim, pelo casino e pela oferta do jogo - e considera que apenas o Porto cidade tem potencialidades para criar e consolidar uma oferta turística própria no campo cultural. Reconhece que as dificuldades de concertação de uma política metropolitana passam pelas disponibilidades financeiras, pelos interesses e possibilidades de afirmação diferentes entre os municípios - de certa forma, e num primeiro momento, avessos à imagem turística *Porto Norte de Portugal* e, de alguma maneira, espelhando as diferenças interconcelhias quanto a recursos, a posicionamentos políticos e a relações de poder instituídas, económica e simbolicamente. Refere ainda que, com o seu mandato, se iniciaram, de forma mais sistemática e concertada, as actividades de promoção turística a partir de um posicionamento metropolitano.

Olhe começa a haver, começa a haver coisa que... como eu digo existia no papel, só que não funcionava... posso-lhe dizer que este ano... o grupo já produziu 2 ou 3 documentos de importância e até o próprio presidente da Área Metropolitana... já fez uma conferência... não [!], presidiu à abertura duma conferência patrocinada pela Área Metropolitana sobre a organização do turismo e portanto eu direi que começa a... a estar presente porque repare também há que dizer uma coisa, é que o turismo começa a estar um bocadinho na moda e portanto toda a gente, pronto e o Governo anunciou e o Presidente da República falou e o Primeiro-Ministro falou, depois a exportação e turismo, pronto e agora isto...

(...) Ouça, ouça, muito difícil... a Área Metropolitana, aí o que 'tá no papel... um papel secundário, temos que reconhecer que... que é... é secundário, porque repare, em termos de atracção de visitantes... não há dúvida nenhuma que... dos 9 concelhos só 1 é que tem [!], que é o Porto... e depois o que é que terá? Depois tem Matosinhos com a restauração que atrai muita gente, pronto e que até estará muito interessada em estar lá porque interessa-lhes que venha muita gente porque essa gente normalmente ou janta em Matosinhos ou almoça em Matosinhos, ou em Vila Nova de Gaia, também em Vila Nova de Gaia também o qu' é que tem? Não tem nada! Tem as docas, tem os restaurantes, tem umas coisas, mas enfim, tem pouco p'ra oferecer em termos turísticos... os 2 talvez que se mexem mais Póvoa e Espinho, obviamente porquê? Por causa do jogo [o E. fez um sinal de assentimento]... portanto interessa-lhes gente, portanto Espinho também até também já tem alguma hotelaria e a Póvoa também, mas portanto esses 2. E depois eu ponho esta pergunta: «O qu' é que Gondomar pode trazer, ou pode participar no desenvolvimento da Área Metropolitana?» enfim tem lá o... a filigrana... e pouco mais [o E. interveio]...

... Não, eu direi que, eu direi que entre os 9 neste momento há uma perfeita pacificação... e todos estão a entender... todos estão a entender... que efectivamente só juntos e é o que eu digo, eu, eu, eu dou um nome p' a chamar cá, e repare por exemplo na última reunião que tivemos eu já ouvi alguns senhores vereadores a dizer: «Mas porqu' é que a gente se chama Porto Norte de Portugal e não sei quê e isto, isto, e tal...», «Oh pá, Porto [!], Porto é que chama, a Póvoa de Varzim não chama ninguém, se eu puder por agora à Alemanha a dizer Póvoa de Varzim [o E. fez um sinal de assentimento], fica toda a gente agora a olhar p' aqui e tal, portanto é Porto e não sei quê [!]», quer dizer as pessoas começam a ter noção e depois a partir disso, e da organização nós sim senhor, nós dizemos: «Há a Póvoa, há isto...», portanto fazemos a oferta quando as pessoas cá... mas pelo menos primeiro temos que a trazer cá e trazer cá é através do Porto. [vereador do turismo da câmara municipal do Porto, 66 anos, PPD/PSD]

A centralidade funcional do Porto trespassa os discursos dos actores políticos. O vereador da cultura e do turismo da câmara de Valongo assume-o como um facto político e social consumado, e o espaço metropolitano configurado não possibilita nem viabiliza uma política cultural metropolitana. Apenas a regionalização no país o poderia permitir. E afirma-o de forma veemente:

Claro, claro, mas repare não se reflecte, não se reflecte na área cultural assim como não se reflecte em nenhuma área! Portanto não há uma política... (...) Porque não acontece em nenhuma área, porque não há... a organização administrativa do país... dificulta muito o relacionamento, porque repare, a única forma de haver uma política cultural e eu até digo uma política comum à Área Metropolitana do Porto era os Presidentes de Câmaras, e as Câmaras unirem-se e definirem essas políticas, o que obrigaria a que, a que tenha que haver uma vontade de nós municípios, só para a Área Metropolitana do Porto, já não estou a falar em regiões mais alargadas [o E. fez um sinal de assentimento], qu' eu acho que faria todo o sentido [o E. fez um sinal de assentimento] que fossem regiões ainda mais alargadas, mas só na Área Metropolitana exigiria que qualquer coisa que se fizesse, tivesse a intervenção dos 9 municípios, repare, o maior exemplo que existe no país de interacção entre os municípios é a LIPOR... [o E. fez um sinal de assentimento] é o melhor e são só 8 que Gaia não faz parte [o e. tossiu]... de facto é o único bom modelo de funcionamento que eu conheço, foi um bocado forçado [!], porque o lixo a dar de conta é mesmo um problema e tem que se colocar

nalgum lado e portanto é, foi quase que inevitável o funcionamento e hoje é um bom funcionamento. Não há mais nenhum exemplo. A própria Junta Metropolitana do Porto que eu defendo que devia ter muito mais poderes do qu'ó que tem, a Junta Metropolitana do Porto tem um orçamento de 200 mil contos, é óbvio não, não, não faz rigorosamente nada com isso... seria a entidade que do meu ponto de vista uma das possíveis entidades, talvez a mais adequada, para poder fazer esta política cultural conjunta... mas não faz porque não tem competências, não tem dinheiro, não tem nada, nada define que a Junta seja, seja esse, esse elemento... de congregação e não há ninguém, repare que do ponto de vista político não há ninguém que tenha uma perspectiva da Área Metropolitana do Porto [!], porque repare eu quando vou para... quando eu vou para um fórum em que estejam 9 representantes das Câmaras eu vou defender a Câmara de Valongo [!] [o E. fez um sinal de assentimento], não eu não vou dizer: «Olhe esse espectáculo faça-o na Maia, na Maia é melhor» não vou dizer, vou dizer, eu se puder trazê-los todos p'ra Valongo trago-os, enfim tentamos ser um bocado mauzinho, não é e toda a gente faz isso, não há ninguém que do ponto de vista político seja o responsável pela Área Metropolitana toda e que seja capaz de dizer assim: «Não! Este vamos fazer a Espinho p'a descentralizar, aquele vamos fazer à Póvoa de Varzim, aquele vamos fazer ao Porto», não há [!] isso não existe, e... portanto não funciona, a, a política cultural não é estanque, não é caso único... é em todas, até nas próprias vias, repare que na construção de vias e que aí as coisas colocam-se de uma forma muito mais premente não é, porque nós não podemos fazer uma estrada e ela acabar no limite do concelho de Valongo, tem que continuar por Gondomar e depois por, mesmo aí é muito complicado [o E. fez um sinal de assentimento] e só a força, só a força da circunstância é que obriga a que haja, que fará na política cultural?! Não há, não há qualquer tipo de... de... de hipótese disso acontecer a não ser que do ponto de vista administrativo... sejam criadas essas condições... (...) Porque é que eu sou um defensor da regionalização? Precisamente por causa desse tipo de problemas. [vereador da cultura e do turismo da câmara municipal de Valongo, 36 anos, PPD/PSD]

Entre os autarcas de Espinho, da Maia e da Póvoa de Varzim – que acumulam a gestão política das áreas da cultura e do turismo – a posição adquire contornos também similares. No caso do autarca da Maia, e à semelhança daquilo que já localizámos noutros posicionamentos, a representação ideal do esforço metropolitano indicia que é necessário e inevitável, pese embora a representação sobre a prática metropolitana efectiva se traduzir na sua estreita possibilidade.

Eu, eu, quer dizer, eu, eu... eu dificilmente a perspectivo atendendo ao, ao, ao quadro, ao quadro... político [o E. interveio]... (...) Porque eu não acredito em nada, ou seja... é assim, eu não a perspectivo e vou dizer já porque é que não a perspectivo, mas considero-a inevitável e fundamental. [o E. fez um sinal de assentimento] (...) Inevitável e fundamental. [o E. fez um sinal de assentimento] Porque acho que... sobretudo numa área metropolitana em que partilha... um dado território, em que partilha do ponto de vista... sociológico e cultural uma mesma população, a população é exactamente a mesma, quer dizer não há diferenças, não há diferenças substanciais entre um... um valonguense, um gondomarense ou um maiato, não há [!], quer dizer não me venham cá com as histórias porque não há [!]... e até isto até puxando a brasa p'à sardinha da Maia isto era tudo Maia, o concelho da Maia acabava na Praça da Cordoaria no Porto e acabava em Vila do Conde e acabava em Santo Tirso, quer dizer isto era tudo Maia, p'tanto mesmo do ponto de vista [sorrisos], do ponto de

vista cultural... não há diferenças, não há diferenças... substantivas, portanto... e depois voltamos à questão que é para mim é fundamental que é a questão dos recursos [!], os recursos são man [hesitação] manifestamente escassos e portanto não faz sentido que... funcionarmos numa lógica de capela [!], ou seja eu aqui na Maia ser obrigado a responder, por exemplo, dentro da área cultural à questão dos livros, à questão, à questão da produção literária, que fazemos muito, à questão, à questão da, da, à questão do teatro, à questão das artes plásticas, à questão da música, à questão da formação e em Matosinhos também são confrontados com a mesma coisa terem eles por sua vez que corres [hesitação], que corresponder a isso tudo quando... seria muito mais lógico uma lógica de aproveitamento de sinergias... ouça, eu todos os dias recebo aqui [discurso imperceptível] propostas p'a fazer um festival de jazz, e eu gosto muito de jazz [!] [o E. fez um sinal de assentimento], mas p'a qu'eu vou fazer um festival de jazz aqui na Maia se tenho em Matosinhos e outro em Gaia... p'tanto não vale a pena! Quer dizer nós temos, o que nós temos é que definir em termos d'Área Metropolitana quais são as expectativas da nossa população [sorrisos] e perante as condições intrínsecas de cada, de cada concelho... desenvolver uma política cultural coerente em termos dos municípios que compõem a Área Metropolitana do Porto, p'tanto como é que isso se consegue? Consegue-se com um poder... político forte [!]... naquilo que são [hesitação] e que, que, que enquadra a... aquilo que são as juntas metropolitanas. [vereador da cultura e do turismo da câmara municipal da Maia, 38 anos, PPD/PSD]

Mais uma vez são os factores formais – o enquadramento jurídico das competências e dos recursos desprovido de condições de viabilização – e um *poder político forte*, para além do funcionamento intraconcelho numa *lógica de capela* como refere a dado momento, que impedem a lógica concertada entre os 9 municípios. Curiosamente, e num sentido contrário ao da vereação do Porto, o autarca não perspectiva diferenças sociais e históricas acentuadas entre os concelhos limítrofes ao Porto, em particular entre aqueles apelidados de *concelhos dormitório*, que justifiquem o distanciamento formal e político entre os concelhos da AMP. Propõe inclusive que os diagnósticos a propósito das aspirações culturais das populações locais sejam operacionalizados de forma a sustentar uma concepção e prática políticas conjuntas nesta área de intervenção supramunicipal.

Por seu turno, o vereador da cultura e do turismo da Póvoa de Varzim reconhece que a política cultural metropolitana é uma realidade desejável – se atendermos à dimensão dos recursos financeiros das *câmaras pequenas*, como refere – como, de igual forma, o é a criação de uma região do turismo da AMP. Tanto uma como outra exigiriam, porém, o trabalho político conjunto entre algumas autarquias,

a gestão concertada dos recursos financeiros e as possibilidades de alargamento da oferta cultural no espaço supramunicipal.

(...) portanto estamos a falar de coisas muito diferentes, e eu não gosto de falar de coisas muito diferentes, é por isso que eu faço aquilo que eu conheço que é a minha realidade, ou é a nossa realidade. É evidente que eu perspectivava uma, uma política cultural na Área Metropolitana do Porto... como perspectivava por exemplo o turismo por exemplo na Área Metropolitana do Porto, eu sou um dos grandes defensores há longos anos, parece que agora finalmente vai acontecer graças ao esforço que temos feito, sou um dos grandes defensores do turismo, de uma criação de uma região de turismo da Área Metropolitana do Porto, que nós não temos nenhuma região de turismo, está cada um por si, não é, não pode ser, eu acho que a união faz a força, acho que juntos conseguimos fazer muito mais, e se... trouxermos ao Porto, imagine... um grande evento cultural e s'esse evento cultural couber aqui na Póvoa de Varzim, fica-nos muito mais barato a nós Câmara Municipal se entrarmos num acordo com o Porto, com Matosinhos e com ou [hesitação], outras cidades da Área Metropolitana do Porto e encomendarmos todos em conjunto um determinado espectáculo, que poderá acontecer no Porto, poderá acontecer na Póvoa, poderá acontecer em Matosinhos, fica-nos muito mais barato se esse espectáculo for contratado por todos nós, não acha? [o E. fez um sinal de assentimento] Penso que podemos fazer algumas... como é que hei-de dizer?... Partilhas, algum, algum trabalho conjunto, e é nessa aposta, essa é que vai ser a minha grande aposta assim que tivermos o Cine-Teatro Garrett pronto... é juntarmos, com o... com o... com o Vereador da Cultura do Porto, de Matosinhos, e doutras, e das outras cidades do... da Área Metropolitana do Porto e com o próprio Teatro São João do Porto, que eu sei também que faz protocolos com as câmaras e nós estamos disponíveis para isso, vamos fazer um protocolo com o Teatro São João para trazer as grandes produções aqui ao Cine-Teatro Garrett, agora não adianta porque não temos espaço para isso... e essa quando eu digo que vai haver uma grande revolução cultural, vai haver com o acontecimento Cine-Teatro Garrett [o E. fez um sinal de assentimento], e essa é a coisa que eu estou mais à espera neste momento, é a minha grande esperança... [risos] (...)e se conseguirmos fazer um programa da Área Metropolitana do Porto, um programa cultural da Área Metropolitana do Porto em que cada um de nós consiga conciliar a nossa, o nosso calendário com o calendário dos outros, de forma a por menos podermos dar mais [!] ao público, então tanto melhor [o E. fez um sinal de assentimento], é esta a minha intenção e é por isso que vou lutar... [vereador da cultura e do turismo da câmara municipal da Póvoa de Varzim, 46 anos, PPD/PSD]

O autarca de Espinho, regionalista, tal como assumiu na situação de entrevista, em contrapartida, relativiza um pouco a inexistência de esforços metropolitanos ao referir alguns protocolos estabelecidos – organização de encontros e cursos de formação - entre autarquias da AMP (Espinho, Porto e Vila Nova de Gaia) na área das Bibliotecas e dos Arquivos.

Há [!], nomeadamente no, no, no âmbito das Bibliotecas e dos Arquivos [o E. fez um sinal de assentimento], por exemplo, eu até lhe posso referir aqui... no Arquivo as actividades dum, por exemplo... olhe, “Protocolo de Colaboração no Âmbito Arquivístico de Gestão Documental” assinado em 20 de Dezembro de 95 pelas Câmaras de Espinho, Gaia, Porto [o

E. fez um sinal de assentimento], este protocolo foi, foi... foi, foi estendido a Vila do Conde, depois até há uma colaboração com a... a Universidade... com a Universidade do Porto [*o E. fez um sinal de assentimento*]... para, para a conclusão e comercialização de um projecto Gisa, que é um Projecto de Gestão Arquivística (...) como vê, há aqui, isto já é política metropolitana [*o E. fez um sinal de assentimento*] e para não falar d'Acções de Formação sobre Gestão Documental d'Arquivos Correntes que... que... é feita em termos metropolitanos e é organizado às vezes pela Câmara de Gaia e Espinho, Gaia, Espinho, Porto, para não falar, por exemplo agora em Espinho vai-se realizar em 2003 o 7.º Encontro Nacional de Arquivos Municipais em colabo [*hesitação*] em colaboração com a Autarquia de Vila Nova de Gaia e a Associação Portuguesa de, de, Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas [*o E. fez um sinal de assentimento*], portanto isto é um encontro nacional tem aqui, há mais uma Câmara que é a Câmara de Gaia a colaborar connosco. Como vê portanto... só em termos d'Arquivo, em termos de Biblioteca faz-se outro tanto, tanto os acordos, cursos etc. são muitas vezes promovidos em termos metropolitanos em conjunto... Se se re [*hesitação*] prontos, poderíamos dizer... que poderia haver uma maior colaboração em termos metropolitanos, não só neste campos, mas por exemplo no âmbito... da ed [*hesitação*] da própria história, da Divisão de História, naturalmente que poderíamos aqui... fazer... passar exposições que cá temos boas [!] e no Porto terá melhores porque é maior, e... e fazê-las circular em termos metropolitanos, isso infelizmente ainda não está a ser feito [*o E. fez um sinal de assentimento*], mas muitos dos Seminários de História são divulgados em termos metropolitanos e tem participantes metropolitanos frequentemente. [*o E. fez um sinal de assentimento*] [*vereador da cultura e do turismo da câmara municipal de Espinho, 51 anos, PS*]

Porém, acentua a necessidade de uma lógica metropolitana na programação cultural e turística, do seu ponto de vista, aquela que legitima determinados eventos culturais, e que promove turisticamente as potencialidades de cada concelho, num périplo integrado simultaneamente cultural e turístico,

P'ra mim faz... faz por 2 razões, eu acho, a mim, eu já, eu sou até um, um regionalista, portanto penso que há... há eventos que só fazem sentido em termos regionais, não é... porque há eventos que na Área Metropolitana se justificam num contexto regional e portanto com muita gente associada. Muitos eventos d'Espinho também fazem sentido porque estamos associados à, na Área Metropolitana e depois mesmo por exemplo em termos de promoção turística ninguém pode promover uma cidadezinha só [!] lá fora, não faz sentido, ninguém vem cá só p'ra vir ver Espinho... o pessoal que vai a Espinho se calhar também quer ver o Douro, e quer, e quer ir às Caves do Vinho do Porto e quer ver o Porto, o Património que o Porto tem, é certo quer dizer o pessoal também vem cá porque quer ir ao Casino... e jogar e fazer outras coisas. É um bocado por isso que faz todo o sentido estarmos associados em, em, em numa Área Metropolitana [*o E. fez um sinal de assentimento*], e para eventos culturais poderia dizer... outro tanto. [*vereador da cultura e do turismo da câmara municipal de Espinho, 51 anos, PS*]

Configura-se, deste modo, um distanciamento entre o figurino formal previsto para o espaço metropolitano em causa e a prática política efectiva entre os municípios da AMP. Neste sentido, o autarca da Maia, num discurso algo distante

dos dos outros eleitos locais, tanto pela objectivação como pela assertividade políticas com que pondera a questão metropolitana, considera que é uma razão mais transversal ao funcionamento do regime democrático português – a partidocracia e as lógicas político-partidárias reflectidas nas lógicas de exercício do poder local – a que se encontra na origem de tal desfasamento. Segundo esta ordem de argumentos, a AMP constitui mais um palco para o confronto de protagonismos e de interesses partidários, que nem mesmo a regionalização – da qual não se considera um defensor – resolve; apenas a alteração da lei eleitoral permite a resolução das contendas político-partidárias na gestão conjunta dos municípios e a aproximação dos cidadãos em relação à política e ao exercício da cidadania política democrática.

É preciso haver coragem, é preciso, é preciso haver, é preciso haver coragem... política para... efectivamente pegar nas quest [hesitação], na, na, na, nas áreas metropolitanas e fazer das áreas metropolitanas, não uma soma... de, de municípios que têm muitas vezes interesses políticos completamente diferentes, e fazer dessa, duma área metropolitana um órgão, ou uma instituição que efectivamente dê respostas em termos políticos metropolitanos com poderes, com poderes, e com orçamento, com orçamento p'a vários tipo de problemas [o E. fez um sinal de assentimento], enquanto, enquanto, enquanto não se fizer isso do ponto de vista legal não vamos, nã [hesitação] não vamos ter nada, e, e se calhar... e se calhar e isso julgo que nem é um problema d'áreas metropolitanas, é uma, é um, é um, é um problema de... de lógica de funcionamento do próprio regime, se calhar... permitir cada vez mais e eu, eu sou um homem de partido e considero os partidos políticos muito importantes, agora o que eu acho é que o, o, o exercício, o exercício, o exercício de, de, de determinado tipo de funções, não deve ser... coutada... dos partidos, eu acho que tem qu'haver cada vez mais espaço... para que o cidadão... que não está ligado, até pode estar, mas que não, que não está ligado a partido nenhum possa ter possibilidades de conduzir os seus próprios destinos em termos de organização [discurso imperceptível], e enquanto, enquanto, enquanto o, o, o... enquanto o governo, o governo local não, não, não, não, não, não... enquanto aí não for atenuado a ditadura da partidocracia julgo que muitas das lógicas...muitas das lógicas que enfermam, muitos dos problemas que, que se, que se debatem em algumas, nalgumas questões como áreas das áreas metropolitanas e dos próprios concelhos [o telemóvel do Vereador começou a tocar] tem muito mais a ver com as lógicas, com as lógicas... de, de, de... de poder... [o e. faz um comentário à chamada que recebeu e o E. respondeu] (...) é que muitas vezes as lógicas, as lógicas políticas locais obedecem a lógicas que são lógicas de poder nacional e não propriamente das lógicas que interessam às, às populações em termos locais, e isto, e isto, isto só acontece se efectivamente porque efectivamente... a partidocracia é uma realidade [o E. fez um sinal de assentimento], é uma realidade e portanto... ouça... é... é um facto que a maioria política do governo... quando é A os municípios que são B em termos de partilha dos recursos do Estado são prejudicados, quer dizer não vale a pena fugir a isso [!] nem, nem, nem, nem é preciso dizer que o partido A faz e o B não faz, todos fazem [!] todos fazem, é lógico [o E. fez um sinal de assentimento], isto, isto, isto é tudo uma questão de clientela, e portanto a clientela tem que ser sustentada, e a clientela até pode ser... eu quando digo clientela não estou a referir-me a uma perspectiva... mafiosa da coisa, a clientela existe [!]... existe [!]... e portanto enquanto esse tipo de, de, de, de reformas não, não, não for incutido e portanto os interesses, os interesses

a defender num determinado... numa determinada área têm que ser os interesses que efectivamente dizem alguma coisa às pessoas dessa área e portanto não estarem sujeitas a lógicas que as ultrapassam do ponto de vista do partido, isto... há-de ser sempre assim, portanto a única forma p'a, p'a, que eu vejo p'a resolver essa questão é... efectivamente mudar, isto não tem nada a ver com regionalizações, que não vale a pena fazer regionalizações sem mexer na lei eleitoral, quer dizer e isto depois é uma, nós precisamos de fazer um conjunto de re [hesitação]... de reformas que... que normalize efectivamente a nossa vida democrática, porque nós não temos uma vida democrática... normalizada, repare do ponto de vista eleitoral enquanto os únicos critérios de representatividade forem... os critérios demográficos [o E. fez um sinal de assentimento]... seja com, com, com regiões, ou seja sem regiões... o Porto há-de ser, há, há-de ter sempre 1 milhão e meio de habitantes e Bragança há-de ter 300 mil, portanto se o critério de representatividade é apenas o demográfico as, as injustiças.. em maior ou menor escala vão sempre, vão ser sempre reproduzidas [o E. fez um sinal de assentimento], portanto, é isso qu'é preciso mudar [!][o E. fez um sinal de assentimento] é preciso mudar, é preciso é... nós estamos a precisar, o regime está a precisar de ser reformado... porque serviu p'a um determinado tempo histórico que já não serve hoje e, já não tem condições p'a servir e que, por isso é que a dado, por exemplo, o divórcio, o divórcio das pessoas em relação à política... é... também por este tipo de razões porque eu não acho qu'os políticos sejam... melhores ou piores do que as outras pessoas... o qu'é preciso é, é mudar, é mudar... o sistema e p'ra isso é evidente qu'é preciso, qu'é preciso, que é, que é preciso cora [hesitação], coragem, coragem política e as pessoas não estarem submetidos à fatalidade dos calendários eleitorais [!] [o E. fez um sinal de assentimento], quer dizer porque isso... isso acontece, as pessoas têm medo dos calendários eleitorais, mas as pessoas sabem que têm que ganhar umas eleições e portanto tem que, tem que, tem que, tem que... tem que fazer as coisas, quer dizer, alarguem o número, o ano e o número dos mandatos, dos mandatos e que... limitem os mandatos, eu sou, eu sou absolutamente favorável à limitação dos mandatos, quer dizer acho que 2 mandatos p'a tudo quanto seja algum objectivo chega perfeitamente p'a fazer alguma coisa, por exemplo no caso das autárquicas, passem de 4 p'a 5 anos e limitem a 2, 10 anos é tempo p'a se fazer muita coisa, se não se faz em 10 anos nunca mais se faz... é preciso mudar muita coisa. [vereador da cultura e do turismo da câmara municipal da Maia, 38 anos, PPD/PSD]

Com um outro ponto de vista, de igual modo particular, o vereador da cultura e do turismo de Espinho objectiva factores, quanto à pouca visibilidade dos investimentos culturais e turísticos no esforço metropolitano, algo diferentes daqueles apontados até aqui pelos eleitos locais: o posicionamento secundário e menor, política e socialmente, do vector cultura na formação de base da sociedade portuguesa e da própria classe política.

As razões são nacionais, isso eu acho, as pessoas, pronto, os portugueses são... são ainda... pouco interessados na cultura. Parecem existir ainda muitas necessidades básicas [o E. fez um sinal de assentimento] e a cultura é passada p'a trás, eu acho que fazem mal, porque se calhar se a passassem p'ra frente podiam ter o resto [risos], porque as pessoas preparadas culturalmente resolveriam todos os outros problemas, mas na verdade nós somos um bocado imediatistas e somo-lo em tod [hesitação], em todas as formas [!], nos negócios, em tudo, e isto é talvez um mal nacional que só se pode combat [hesitação], combat [hesitação], combater com formação nas escolas e, e a começar muito em baixo, já no pré-escolar [o E. fez

um sinal de assentimento]. Se calhar a prazo a atitude em relação ao produto cultural é outra e... e... e... a importância destes acontecimentos é recuada e então aí sim, ninguém vai querer perd [*hesitação*] vai querer perder o que se passa no Porto, aqui ao lado, ou o Porto em Espinho, porque o Espinho 'tá perto do Porto [*o E. fez um sinal de assentimento*], mas de momento eu acho que as pessoas realmente não, não são... não são consumidoras habituais [!] de produtos culturais e desvalorizam [*o E. fez um sinal de assentimento*], é esta é a razão é... é uma razão nacional e esta razão nacional passa para os eleitos, qu'os eleitos são, são portugueses, são da mesma massa, digamos assim, são massa do mesmo pão e de tal forma [*sorrisos*] que... se na base não têm sensibilidade, lá também não têm e muitos até são muito básicos, não é, também [*risos.*] já agora para, para... dizer tudo, e... e... é esta a razão principal, agora pode-se é falar abertamente e dizer e até se pode chamar básicos a muita gente e as pessoas dizerem: "Eh pá somos assim tão básicos, então vamos ver o que nós somos não é" [*o E. fez um sinal de assentimento*], porque se calhar esses alertas podem mudar um bocado as coisas, ou apressá-las, porque elas mudar vão mudar, não é [*o E. fez um sinal de assentimento*], paulatinamente, mas vão. [*vereador da cultura e do turismo da câmara municipal de Espinho, 51 anos, PS*]

Por fim, e se quisermos ainda confrontar os posicionamentos políticos dos responsáveis pela vereação do desporto, tendo aqui presente que esta área adquire no conjunto da AMP e dos eleitos locais uma virtualidade política e social, mas também turística, verificamos que as representações já analisadas reiteram-se de novo. Há os posicionamentos negativos face à lógica metropolitana, e próximos da via da regionalização, que consideram não existir tal lógica – porque não há estruturas, não há recursos humanos qualificados, não há poder executivo, não há financiamento efectivo metropolitano; há, apenas, um fórum de discussão política, e segundo alguns, *quase inconsequente*; em contrapartida, há os posicionamentos menos negativos, que ressaltam a *rivalidade política* entre os concelhos da AMP, mais visível do que as estratégias possíveis de *cooperação*.

Não, não existe, não existe até porque as Câmaras... dum modo geral, gerem o seu concelho, e fica como a sua quinta, o que é mau, mas não é só na área do desporto, também na rede viária, também na distribuição de água, saneamento, etc., e então no norte ainda é pior [!], e quem perde é sempre a população, porque... nós temos alguns concelhos vizinhos que nos colocam mesmo no limite do... do concelho, portanto no limite do concelho deles com os nossos... grandes superfícies comerciais que estão a destruir o nosso comércio, mas também nós temos uma piscina eventualmente aqui em Valongo e ali no limite do concelho, eles colocam uma piscina, quando não havia necessidade nenhuma, a população deles pode frequentar a nossa! Paga a mesma taxa que os nossos munícipes! [*o E. fez um sinal de assentimento*] Eventualmente a nossa está subaproveitada e a deles vai estar subaproveitada, quando nós sabemos que os custos de manutenção são elevados. Isso é um erro, total! Porque no fundo são do mesmo país. Também a nível... doutras modalidades acontece isso, há mais rivalidade do que cooperação, o que é mau! Como é que eu

perspectivo? De uma forma muito simples, caso houvesse um entendimento do ponto de vista político global. Nós temos alunos que adoram canoagem, temos jovens que adoram canoagem, e estão em Leça na canoagem. É pena que... não haja aqui um intercâmbio de forma que os nossos alunos, os que adoram a canoagem, que adoram andar de barco, eventualmente no Rio Douro... não pudessem estar... apoiados institucionalmente pela nossa Câmara, ou pelos nossos clubes, pelas nossas associações... numa grande, vou chamar federação, nós quase que poderíamos dizer uma federação se quisermos da vela, ou do surf, ou doutra coisa qualquer, porque na prática era mais facilitador, isto é, poder... ou poderia haver aqui uma espécie de uma célula duma, dum, dum grande, dum, dum grande clube... na medida em que os pais se associariam, porque as associações são sempre um, um... núcleo importante, um autocarro da Câmara pode em horário pensado com os seus monitores e dizer assim: “Nós vamos utilizar o equipamento que existe” e naquela zona puderem digamos praticar a, a vela. Mas também Matosinhos, ou Porto quer fazer a tal escalada ou orientação na floresta, mas não tem floresta, nós temos. [risos] Portanto claro que há que impor algumas normas! [o E. fez um sinal de assentimento] [vereador do desporto da câmara municipal de Valongo, 46 anos, PPD/PSD]

Quando transpostos para o campo do desporto, tais posicionamentos reflectem, da mesma forma, a necessidade de alguns investimentos serem feitos à escala metropolitana, nomeadamente aqueles que constituem eventos desportivos de larga escala, nacional ou internacional, e que exigem similares infra-estruturas. Ao nível da dotação de equipamentos desportivos básicos no município e da oferta desportiva municipal, a lógica metropolitana, segundo alguns vereadores, não faz sentido. A contiguidade territorial entre municípios e centros urbanos permite às vereações controlar, política e socialmente, a sobreposição possível de eventos desportivos e a gestão da especificidade da oferta municipal.

Repare porque... ou há regionalização, ou não há regionalização [o E. fez um sinal de assentimento], quer dizer... ou, ou há poder executivo... ou, ou então é só discursos, portanto e a Área Metropolitana não tem poder executivo... nem, nem ao nível deste tipo de situações do desporto... faça muito sentido... a questão de dizer assim: “Bom a Área Metropolitana precisa de um conjunto de equipamentos, vamos ver que tipo de equipamentos precisam, e vamos localizá-los estrategicamente nas várias zonas, p’a evitar duplicação de investimento, ou duplicação de, de, de... actividades.” Não me parece que isto seja a melhor política, porque... as populações têm as suas exigências. [toca o telefone] (...) Agora, ao nível dos grandes [!], das grandes infra-estruturas... acho que sim, imagine-se que se o...a região do Porto tiver que ter um grande... estádio... um complexo desportivo para receber campeonatos [o E. fez um sinal de assentimento]... olímpicos, prontos, aí compreendo que tenha de ser uma estrutura [o E. fez um sinal de assentimento] que envolva os municípios todos... Naquilo que são os investimentos das várias autarquias, p’a satisfazer as vontades, ou necessidades das populações... parece-me que isto, ao nível do município está bem... quer dizer, eu não vou discutir com a Câmara da Póvoa... se... se vou fazer um novo pavilhão, ou se a Póvoa até já tinha pavilhões que satisfaziam a população de Vila do Conde e da Póvoa. Isso tem a ver com as prioridades de cada município, e portanto [o E. fez um sinal de assentimento]... cada município, portanto tem as

suas necessidades próprias, não é... agora o que devia haver sim, ao nível da, da, da Área Metropolitana, era provavelmente uma divulgação conjunta das actividades desportivas, uma espécie d'Agenda Intermunicipal de, da publicitação das, das provas desportivas, porque é provável que às vezes aconteça que eu tenha aqui uma grande prova desportiva, e que um tipo no Porto não saiba, não e porquê? Porque não há uma informação, uma agenda, divul [hesitação] uma divulgação [o E. fez um sinal de assentimento]... completa. [vereador do desporto da câmara municipal de Vila do Conde, 42 anos, PS]

Focaliza-se, também, a visibilidade que certos eventos desportivos podem adquirir quando inscritos numa lógica metropolitana, bem como as receitas económicas e turísticas que os concelhos do espaço metropolitano podem auferir. Como refere o assessor do presidente da câmara de Espinho para a área do desporto:

Sim! Mas a nível desportivo não se faz nada a nível da Área Metropolitana! E eu vou-lhe explicar o que penso... o que se podia fazer, por exemplo... [pausa] as coisas mais mediáticas que nós aqui poderíamos eventualmente fazer, e estou a dizer a nível desportivo, as coisas mais mediáticas que aqui se poderiam fazer, são coisas que custam muito dinheiro... e estou-lhe a pôr, por exemplo uma maratona. Uma maratona como a maratona de Lisboa é transmitida já pela televisão... se formos falar só ao Porto p'á fazer... isso custa-lhes, vamos supor que não estamos a pôr números exactos, custa 10... mas se for o Porto e Espinho já só custa 5 a cada um e se for Porto, Espinho e Póvoa... já fica mais barato, e uma maratona pode sair de Espinho e chegar à Póvoa... isto tudo são exemplos que eu estou a dar... por isso se essas três autarquias se pusessem de acordo, e estamos só a falar de 3 e são 9! Isto é um exemplo concreto, se estas 3 autarquias se pusessem de acordo com menos de metade do dinheiro podíamos fazer uma coisa muito melhor do que, do que a de Lisboa... e aquela transmissão, e aqueles prémios e aqueles atletas todos que vão p'ra lá poderiam... vir pr'aqui, porque nós temos interesse em fazer concorrência a Lisboa! Temos... nós somos uma Área Metropolitana temos interesse na mesma coisa. Gastávamos a nível de autarquias muito menos do que Lisboa sozinha... pode-me dizer: "Ah Lisboa tem muito mais dinheiro" "É capaz", mas nós com menos dinheiro, com menos, com menos esforço autárquico conseguíamos resolver, e isto num exemplo concreto, agora, não se faz nada, nada [!] a nível desportivo, nunca tive uma reunião com os chefes de divisão das outras, das outras autarquias. Tive uma vez uma reunião... em que estive eu, que estive o do Rosa Mota, estive o... o de Vila do Conde e o de Matosinhos... 4... 4... 4 Câmaras com infra-estruturas grandes, ora nossa é a maior de todas, as outras, as outras 3 cabem dentro desta, mas fomos nós que a fizemos... de mais ou menos p'ra, p'ra termos uma política de não agressão, do género se tu fazes eu não faço... e nós chegamos à conclusão que, eu pelo menos cheguei à conclusão que nenhum deles é meu concorrente! Porque aquilo que eu faço eles não fazem e aquilo que eles fazem eu também não faço (...) Eu penso que falha acima de tudo vontade política de juntar isto tudo. [o E. fez um sinal de assentimento] E quando, quando se juntar isto tudo, acho que, acho que se pode fazer coisas melhores mesmo a nível desportivo! Eu penso que sim [o E. fez um sinal de assentimento]... sobretudo, sobretudo a nível turístico, de eventos desportivos. [chefe de divisão da dinamização e do fomento desportivo da câmara municipal de Espinho, 50 anos]

Numa linha até certo ponto distante daquela que os vereadores da cultura e do turismo do Porto apresentam, no que diz respeito à centralidade funcional e política do Porto, inclusive num trabalho de coordenação metropolitana, se situa o responsável pela vereação do desporto deste município. Ressalta mais, e no caso desta área de intervenção, com especificidades diferentes das da cultura e do turismo, a necessidade de articular os esforços quanto à criação de grandes equipamentos desportivos e ao incremento de uma lógica de fomento desportivo mais ou menos comum, ou seja, uma lógica de não financiamento total – de atribuição de subsídio – aos clubes locais.

Eu diria, eu diria que não, ou seja... eu diria que não, não existe, não existe relação... o que existe por vezes é... situações muito concretas de necessidades pontuais e respostas pontuais ou seja, eu preciso de... vou-lhe dar um exemplo, dois exemplos até... eu preciso, vamos organizar um *meeting*, organizámos um Meeting Internacional de Natação na Piscina de Campanhã, precisávamos duma bancada... que não tínhamos, a Câmara não tinha uma com determinadas dimensões, o qu' é que eu fiz? Telefonei ao Presidente da Câmara da Póvoa de Varzim... ao Dr. Macedo Vieira [*o E. fez um sinal de assentimento*] que prontamente disse: "Eu tenho aqui uma, eu empresto-vos..." e portanto houve uma resposta a uma necessidade concreta nossa, e houve portanto esta resposta positiva... Eu acho que não existe porque... as pessoas nunca... as pessoas entendem qu'isso... têm que fazer, que... têm muitas respostas a dar e que se calhar isso não é, não será prioritário. Eu acho é porqu' as pessoas nunca entenderam que isso fosse prioritário, mas eu acho que cada vez isso começa a ser mais prioritário... 'tô aqui a pensar em dois campos, por exemplo [*o e. levanta-se e dirige-se para a janela, permanecendo de pé*]... a questão de equipamentos de grandes dimensões como o Multiusos, por exemplo, o Multiusos leva 9 mil pessoas a 10 mil pessoas, não faz sentido que cada concelho tenha, tenha o seu, não faz sentido o Porto estar aqui a desenvolver esse projecto e Espinho também estar ou Santa Maria da Feira ou... ou Gondomar e portanto, isso tem que ser conversado entre todos os concelhos porque cada vez mais nós temos aqui uma população, estes destinatários são flutuantes (...) áreas que eu diria que podiam ser importantes seria na criação de grandes equipamentos acho que no mínimo, na projecção desses equipamentos acho que deveria haver esse diálogo e mesmo a lógica da, da, do fomento desportivo, qu' é aquilo que eu lhe estou aqui a dizer de... eu entender que nós não devemos apoiar actividades desportivas de clubes, portanto não, não deve ser a Câmara, a Autarquia a pagar o aluguer de pavilhões... são os clubes que têm que fazer... acho que essa lógica deveria ser estendida a todo este território, porque senão o qu' é que, o qu' é que vai acontecer? Se eu aqui tenho este discurso mas se o meu colega de Gaia tem o discurso inverso... a primeira coisa que me dizem os meus interlocutores quando eu afirmo esta política é dizer: "Ai os senhores aqui fazem isto, mas em Gaia... fazem ao contrário, portanto nós vamos p' a Gaia" [*o E. fez um sinal de assentimento*], portanto isto é... não podemos... cair nisso não é, isso não há muita lógica de [*o E. fez um sinal de assentimento*]... mais, mais... global, e portanto a esse nível também acho que devíamos trabalhar, devíamos ter uma percepção mais, mais... única não é, não mais uma mas, mas que fosse tendencialmente mais parecida, não estou a dizer que tenha que ser igual, de facto não tem que ser igual até porque, isto é uma perspectiva muito ideológica, eu acho que estamos aqui com factos ideológicos não é [*o E. fez um sinal de assentimento*], se a Câmara deve substituir os clubes, se a Câmara deve... ser parte integrante da, da

sobrevivência dos clubes ou não (...) [vereador do desporto da câmara municipal do Porto, 29 anos, PPD/PSD]

Para além dos modos como perspectivam a relação com a comunidade local e os actores políticos concelhios, os discursos dos eleitos locais, e em particular os dos presidentes da edilidade, focalizam, nalguns casos, e de modo pouco directo e explícito, as relações com os agentes económicos. Por exemplo, visualizemos aqueles com tradições industriais mais vincadas. No caso do concelho da Maia, e dadas as características marcadamente industriais, como o próprio autarca refere, adquirem visibilidade as relações com os investimentos económicos nas áreas da indústria e dos serviços, na área da habitação e da saúde, da indústria automóvel, por exemplo, e, como mais adiante veremos, algumas infra-estruturas para suportar um *turismo de negócios*.

Sabe que nós somos, temos... 4 autoestradas, temos cerca de 10 rodoviários, somos extremamente... bem servidos por acessos, não é por acaso que nós temos a melhor zona industrial do país, somos procurados por dezenas de empresas para s'instalarem na zona industrial, tem 10 sectores, todas infraestrutu [hesitação], infraestruturadas e temos uma acessibilidade como nenhum outro outro... município tem, não é por acaso que estamos a pensar trazer p'ra cá um hospital para reabilitação, não é por acaso que 'tamos a pensar criar uma faculdade ligada, biotecnológica, se não é biotecnologia assim é parecida, não é por acaso que inúmeras empresas 'tão cá, não é por acaso que temos a TecMaia... que é a maior pólo industrial de... tecnologia... do país, 'tão sedeadas mais... quase uma centena d'empresas (...) Presentemente o Porto é um dormitório da Maia, é aqui que nós temos a maior zona industrial do, do país, conforme lhe disse e há muitas empresas e há muitos... muitas pessoas que vêm trabalhar p'à Maia nomeadamente de Valongo, Gondomar e do Porto... eu perspectivo que... ou vai, num, num fu [hesitação] futuro muito próximo a Maia vai ser uma espécie de [discurso imperceptível] de Portugal... já lhe chamam a Dallas... o Dallas... tem a ver com o... [o E. fez um sinal de assentimento] [presidente da câmara municipal da Maia, 55 anos, PPD/PSD]

Valongo, de igual modo, acentua as suas potencialidades industriais, assumindo que durante anos beneficiou do estatuto simbolicamente negativo de *concelho dormitório* do Porto, mas que tem havido por parte do município um investimento em áreas alternativas, nomeadamente de lazer, e um reposicionamento da indústria no concelho.

(...) estamos a fazer agora uma outra coisa que é interessante também e que... que é uma nova cidade... estamos a fazer uma nova centralidade, mas que no fundo é uma cidade de

raiz, portanto ali junto à Auto-estrada quem passa na Auto-estrada e olha pr'aquele lado da serra já viu a zona... já desmatada, não, não se tiraram, não se cortaram árvores... cortaram-se... cortou-se mato... que havia... e... e resolveu-se um problema, porque aquilo era as antigas minas de lousa... tiveram que ser colmatadas, não é, portanto encheram-se... estiveram xis anos para... que ganhassem consistência a é ali que nós estamos a fazer a nova cidade, já temos lá uma biblioteca, vai p'ra lá... a futura Câmara, vai p'ra lá o Palácio da Justiça, já está feito o Palácio da Justiça até nós demos já o terreno, o Ministério da Justiça já abriu um concurso de ideias para... pensa começar dentro de... 1 ano, portanto... estamos em 2000 e... 2004, 2005 ter tudo pronto no Palácio da Justiça... ensino superior... vem p'ra cá a Escola Superior de Hotelaria e Turismo [o E. fez um sinal de assentimento], pronto... vamos ter também lá um hotel, mas um hotel... pronto ligado a Escola Superior de Hotelaria, porquê? Porque nós oferecemos o terreno... demos todas as facilidades e portanto... temos estado em ligação estreita com o Instituto Politécnico do Porto... (...)
... o, o problema é... a questão é exactamente esta... é inventar... foi preciso inventar, darmos largas à nossa imaginação para criarmos... pólos d'atração, por exemplo esta nova centralidade [, se eu conseguir realizar aquilo que pretendo... lá... vai ser um pólo de atração em relação aos municípios mesmo à volta... mas, pronto as negociações que têm decorrido mesmo com grupos estrangeiros... são morosas... nem sempre é fácil, até porque eu estou a trabalhar em terreno que não é meu... porque os terrenos não são da Câmara e portanto... se fossem... aí nós tratávamos directamente e podíamos tratar e podíamos, assim... aquilo que nós estamos a fazer é nas chamadas áreas de cedência dos privados e os privados não têm os mesmos interesses que tem o sector público, não é [o E. fez um sinal de assentimento] ... não quer dizer que não possam ter convergência nesse aspecto e em muitas situações não, mas não são coincidentes [o E. fez um sinal de assentimento]. [presidente da câmara municipal de Valongo, 66 anos, PPD/PSD]

A especialização cultural concelhia e as possibilidades do projecto turístico metropolitano

Alarguemos um pouco, e sem a exaustividade político-social que tal exercício exigiria⁷, o painel de posicionamentos político-sociais sobre o projecto metropolitano. Confrontemo-nos com os discursos dos actores locais e regionais ligados à cultura, ao turismo e ao desenvolvimento e vejamos a maior ou menor concordância com as posições apresentadas pelos eleitos locais. A caracterização sociográfica destes actores locais e regionais revela-nos percursos diferentes,

⁷ Veja-se a este propósito o Capítulo 3, onde nos referimos às opções metodológicas e às possibilidades que a pesquisa empírica nos permitiu, nomeadamente tendo presente os obstáculos institucionais e políticos. Analisámos testemunhos de actores institucionais nas áreas da cultura, do turismo e do desenvolvimento, mas sem esgotarmos outros possíveis analíticos e empíricos: por exemplo, o próprio movimento associativo local e os agentes económicos locais e regionais.

temporal e socialmente, na área do turismo⁸. Contudo, permitem-nos inferir proximidades nalguns posicionamentos face ao projecto turístico metropolitano.

Do ponto de vista do turismo, e das potencialidades que o projecto de lançamento de uma marca turística da Região Norte, *Porto e Norte de Portugal*, do qual fazem parte as câmaras da AMP, os actores ligados aos organismos da administração central – DGT e ICEP – focalizam a questão a partir de dois vectores. Por um lado, a necessidade de ponderar consensos políticos e institucionais em torno das potencialidades turísticas da região e dos agentes públicos e privados concertados para tal efeito; por outro, o posicionamento dos recursos financeiros, humanos e logísticos que viabilizem, para o mercado interno e para o mercado internacional, os segmentos de marcas a desenvolver. O representante do ICEP que tivemos a oportunidade de entrevistar salienta que o papel do ICEP é o de apoiar as agências promocionais na área do turismo e, como tal, considera que a ADETURN é, neste momento, a organização certificada para promover a marca turística *Porto e Norte de Portugal* e o interlocutor privilegiado com organismos como o próprio ICEP. Mesmo que o papel daquela seja por enquanto o da promoção, postula que faria sentido o alargamento das suas áreas de intervenção, pelo menos no que diz respeito à organização de eventos e à conciliação dos interesses políticos e turísticos locais. A fragmentação do tecido de agentes promotores de marcas turísticas na Região Norte⁹, a lógica de competição interconcelhia e a lógica de atomização dos interesses e dos esforços políticos e económico-turísticos constituem factores de pulverização da região que se pretende constituir, e da própria marca turística a promover, e dificultam o consenso político e institucional em torno deste projecto.

(...) são muitas entidades, não é... (...) e a verdade é que muita gente com muitos interesses... estão sempre a atomizar os orçamentos, p'tanto há aí um trabalho de... voltar p'a dentro, não é de se juntarem no sentido de terem algum poder, ou alguma força,

⁸ Veja-se de novo a este propósito o Anexo 5S com a caracterização sociográfica dos 11 actores locais e regionais entrevistados.

⁹ As regiões de turismo na Região Norte eram, à data da entrevista, 6: Região de Turismo do Alto Minho, Região de Turismo do Verde Minho, Região de Turismo do Douro Sul, Região de Turismo do Alto Tâmega e Barroso, Região de Turismo do Nordeste Transmontano e Região de Turismo da Serra do Marão.

primeiro do *lobby* [!], segundo promoção e investimento p'ra que haja notoriedade, p'tanto há que ultrapassar as capelinhas, não é, há que ultrapassar os interesses locais para se ter uma visão um bocadinho mais de área, da área do Porto, da área do Norte, percebe [o E. fez um sinal de assentimento], e isso é fundamental, porque senão outras áreas que estão mais bem organizadas e que... se quer se queira, quer se não competem entre si, e já não 'tou a falar nisso, não é, porque isto é verdade, não é, Lisboa compete com o Porto e Algarve, ou Porto com Lisboa, ou Algarve compete com o Douro e o Alentejo compete com o Al [hesitação], com a Madeira, ou seja toda a gente compete nos mercados, não é (...) as várias regiõezinhas do Norte e os interlocutores e as empresas têm que... devem [!] deixar de olhar p'ó seu umbigo, não é, ou p'ó seu interesse local, que tem que existir como é óbvio, porque existem especificidades em cada uma das zonas e a importância de cada uma delas, mas tem que dar o salto qualitativo, que tem que ser dado, p'a poderem pensar um bocadinho mais... grande [o E. fez um sinal de assentimento], porque senão são pulverizadas percebe, pelas novas agências e pelas novas forças, e é por isso que o Algarve sempre cresceu, não é. O Algarve é só um, você não tem a região de turismo disto e a região de turismo daquilo, tem a Região de Turismo do Algarve [o E. fez um sinal de assentimento], ponto final parágrafo... percebe, como a Madeira tem a Direcção Regional de Turismo de Madeira [o E. fez um sinal de assentimento], não tem a região disto e a região daquilo. [director de promoção do ICEP, 38 anos]

As representações políticas da DGT remetem-nos para um posicionamento similar, focalizando a necessidade dos actores políticos e turísticos da Região Norte assumirem consensos em torno das modalidades de promoção nacional e internacional da marca turística aqui em causa. Ressalta, igualmente, e de alguma maneira num sentido contrário ao posicionamento que os próprios autarcas da AMP por vezes deixam transparecer, quando propõem as potencialidades intrínsecas dos concelhos, que duas estratégias farão sentido: a primeira, projectar no mercado internacional a marca *Porto e Norte de Portugal* – decorrente da centralidade identitária do Porto enquanto tal; a segunda, projectar no mercado nacional segmentos mais específicos que passam pelas particularidades turísticas dos próprios concelhos que compõem a região.

(...) eu concordo digo-lhe com a, com a que a marca forte seja Porto e Norte de Portugal [o E. fez um sinal de assentimento], acho que nos mercados internacionais estamos a falar numa marca para o mercado internacional, para o mercado internacional acho que a aposta deve ser o Porto e o Norte de Portugal, porque o Porto quer nós queiramos, quer não é que tem notoriedade internacional p'a poder ser reconhecido, com o efeito do Vinho do Porto, com o efeito doutros aspectos, mas o que é reconhecido internacionalmente é o Porto, portanto faz sentido que toda a zona do Norte de Portugal tenha, ou esteja associada a... ao, à sua maior alavanca que é o Porto, portanto concordo absolutamente com o Porto e o Norte de Portugal e, dentro do Porto e o Norte de Portugal depois já mais a pensar no mercado interno e no mercado espanhol faz então todo o sentido que se possa repartir... as estratégias por submarcas, porque se nós quisermos o, o Minho tem produtos um pouco

diferentes de Trás-os-Montes, o Douro onde está a haver uma aposta fortíssima, como sabe até o governo publicou um Plano de Desenvolvimento Turístico p'ó Douro... tem outras características, portanto na minha opinião a nível internacional faz todo o sentido apostar numa única marca que é o Porto e Norte de Portugal. Depois p'a determinados mercados, sobretudo no mercado nacional e no mercado espanhol onde já pode haver uma percepção por parte dos destinatários nas diferenças existentes, entre si, é que já faz sentido tentar vender produtos que estejam colados ao Minho, ou que estejam colados a Trás-os-Montes ou que 'tejam colocados, colados ao Douro, por aí fora, já faz sentido, agora, a nível do grande mercado internacional... repare há destinos turísticos [*hesitação*], há mercados turísticos emissores p'ó nosso país, falo-lhe nos mais longínquos que vão da Europa, dos Estados Unidos, do, do Japão... do Canadá, quer dizer, a maior parte dos residentes nesse país mal distingue Portugal da Espanha, é ridículo querermos chegar junto desses turistas e tentar-lhes convencer que Trás-os-Montes tem uma oferta diferente do, do Minho, quer dizer é ridículo, é ridículo! Aí talvez eles consigam identificar o Porto, prontos [*o E. fez um sinal de assentimento*], é ridículo descer-se a esse nível, e é um desperdício de recursos mas olhe que no passado era assim! No passado era assim... mas portanto... concordo, assim como concordo no plano das estratégias, no plano da orientação estratégica para os estudos da ADETURN e para aqueles produtos que foram identificados como d'aposta a nível de cada uma dessas submarcas, concordo! Perfeitamente [*o E. fez um sinal de assentimento*]! Acho que são correctas [*o E. fez um sinal de assentimento*]. [*ex-director geral da DGT e assessor principal da actual direcção da DGT, 49 anos*]

Quando perspectivado o papel das áreas metropolitanas neste processo de promoção turística de marcas nacionais e regionais específicas, considera que os espaços metropolitanos poderão viabilizar a complementaridade entre as ofertas cultural e turística e resolverem problemas que estruturam o turismo, e que dizem respeito, por exemplo, às acessibilidades, e que não têm sido implementadas em diversos espaços municipais e supramunicipais do país.

... as Áreas Metropolitanas estamos a falar de Lisboa e do Porto, não é [*o E. fez um sinal de assentimento*], pronto, aí a questão acho que, acho que é diferente prontos. São destas 2 zonas e acho que as áreas metropolitanas, as vantagens que podem trazer é precisamente a nível desta integração, da questão das acessibilidades e da complementaridade de produtos que podem existir entre concelhos vizinhos... [*o E. fez um sinal de assentimento*], concelhos vizinhos. Eu vou-lhe dar um exemplo... não tenho nenhum problema em o fazer, porque conheço bem! Lisboa... Lisboa e o Estoril que estão separados por... 20 km, que têm uma oferta distinta, nunca conseguiram até hoje trabalhar numa base da complementaridade... quem é que tem perdido? As 2 regiões! Por exemplo, só p'a lhe dar um efeito, um, um exemplo... Lisboa... tem oferta cultural, o turismo tem oferta... o turismo, o, o Estoril tem oferta, por exemplo boa no campo do golfe, ora não faria sentido [*o E. fez um sinal de assentimento*] tentar associar os dois produtos numa complementaridade perfeita, até oferecer programas com a parte cultural e com a parte desportiva p'ra quem gosta de fazer golfe... em 2, em 2 destinos tão próximos um do outro? Faz todo o sentido, até hoje nunca foi feito, portanto repare [!], acho que as áreas metropolitanas podem ter este papel de ajudar a complementar várias ofertas, mas sobretudo e antes desse, ajudar a resolver problemas da envolvência turística, porque o turismo depende criticamente disso, das estradas, das acessibilidades, de muitas situações, quer dizer e acho que essas áreas

metropolitanas podem ajudar a resolver problemas desse género [o E. fez um sinal de assentimento]. [ex-director geral da DGT e assessor principal da actual direcção da DGT, 49 anos]

A viabilização deste processo de concertação de sinergias institucionais com vista à promoção de marcas turísticas regionais, como a do *Porto e Norte de Portugal*, passa por dificuldades. E segundo estes actores ligados ao poder central, mas que não deixam de desenvolver uma relação institucional estreita com actores regionais e locais, tais constrangimentos passam, por um lado, pela mobilização dos actores envolvidos, pela mobilização de capitais próprios destes actores institucionais para as acções de promoção da região em causa, e pelas atitudes de bairrismo concelhio e regional, decorrentes também do *carácter compósito*, como refere o representante da DGT, da oferta turística da Região Norte; por outro lado, passam pela valorização do capital social e simbólico dos actores e da oferta cultural e turística da região, pela maior profissionalização dos actores institucionais e pela concertação dos investimentos financeiros e humanos num mesmo projecto turístico regional.

É o problema da mobilização dos actores, talvez agora com esta questão da contratualização ao ser definido p'ò Porto e Norte de Portugal, o ICEP vai contratualizar presumo eu com a ADETURN, e... todos os privados vão ter que ficar, que estão interessados, vão ter que se ajustar, vão ter que... se entender, vão ter que planificar as suas tarefas com a ADETURN, não é [o E. fez um sinal de assentimento], vão também e está previsto que progressivamente vão ter que mobilizar também capitais próprios para estas acções de promoção. Ora quero a creditar que isto pode trazer a tal massa crítica acrescida e começar a pôr de lado os tais bairrismos que por vezes não conduzem absolutamente a nada quer dizer e... acho que isso era fundamental no caso do Norte do país que se conseguisse concretizar esse aspecto, porque o problema do Norte do país é aquele qu'eu lhe disse, é o facto da oferta ser muito compósita, muito compósita! No Por [hesitação], no nor [hesitação], a DGT tem um instrumento que é o Inventários dos Recursos Turísticos onde temos todos os recursos do país, desde o património natural ò cultural, òs hotéis, òs restaurantes, por aí fora e quando olhamos para a mancha do Norte de Portugal é a zona do país onde existem mais recursos [!] e mais diversificados [!], o problema está na sua integração e na mobilização dos agentes p'ra trabalharem em conjunto com um objectivo único [o E. fez um sinal de assentimento], isso é que é o difícil, o difícil para se ter sucesso no turismo é o planeamento integrado e quando falamos em planeamento integrado é só no, não, não tem que ver só com todos os sectores, mas também com todos os intervenientes e todos os actores, e no caso do nosso país as grandes dificuldades que têm surgido é mobilizar os actores [o E. fez um sinal de assentimento]. [ex-director geral da DGT e assessor principal da actual direcção da DGT, 49 anos]

Quando nos confrontamos com as posições do representante da ANMP, e do ponto de vista daquilo que poderá ser o trabalho articulado entre os concelhos

organizados num espaço supramunicipal, constatamos que o ex-autarca considera tais espaços, pela antiga e pela nova legislação sobre as áreas metropolitanas¹⁰, como necessários à descentralização política dos poderes e das competências locais. Reconhece, porém, que do ponto de vista da prática política efectiva que a legislação permitiu, poucos resultados se verificaram, e no caso da AMP, apenas o Metro surge como o exemplo único e paradigmático de uma lógica metropolitana concertada.

Olhe, as áreas metropolitanas... fazem sentido, não é agora já faziam desde, desde logo quando foram criadas as de Lisboa e do Porto na perspectiva de assumirem poderes e competências próprias e até aqui não aconteceu, até aqui as áreas metropolitanas eu diria quase com excepção daquilo que aconteceu com o Metro do Porto... têm sido enfim umas instituições simpáticas que existem com... praticamente sem meios para, para fazer o que quer que seja, não é, tem recebido do governo assim uma coisa na ordem dos 200, 300 mil contos por ano... que é uma coisa sem coisa nenhuma... e que... são espaços de diálogo de mais ou, mais ou menos consequente [!] e que não têm sido mais do que isto, não é, bom, o que nós temos vindo mais a sentir e que levou a que apoiássemos esta iniciativa que... que o Governo agora tomou foi no sentido que não tendo sido criadas as áreas administrativas e a Associação bateu-se por isso, a Associação foi um dos derrotados no... no avanço do processo [o E. fez um sinal de assentimento], eu não gosto de dizer derrotados no referendo porque o referendo não teve validade, não teve 50% de adesão bom, mas pronto... não teve realidade jurídica, mas acabou por politicamente ter o resultado que teve e para os municípios é muito claro que não é possível ter os tais 300 e tais interlocutores para o, para 1, portanto há clara [hesitação], tem claramente que haver um... um nível qualquer não é, que seria o das regiões administrativas, bom, quem sabe se será este agora constr [hesitação] construído duma forma perigosa porventura de construção d'áreas metropolitanas e comunidade assim um bocado *ad hoc*... quem sabe se será este que possa permitir que haja determinadas competências que a nível municipal é difícil serem exercidas porque o município não tem massa crítica suficiente para as agarrar, mas que ao nível do conjunto de municípios pode fazer sentido serem tratadas, bom e a princípio é sempre melhor tratá-las ao nível ali daquele conjunto de municípios do que no Terreiro do Paço, onde tudo é muito distante e difuso, não é. Portanto se este processo de criação das áreas metropolitanas acabar por ser... uma forma d'or [hesitação], pode vir a ser até um bocado ínvia mas acabar por ser um processo que conduz a alguma descentralização então é bem-vindo, porque pode permitir que se comecem a exercer... muito mais próximo dos cidadãos e neste caso muito mais próximos dos municípios simultaneamente, se comecem a conseguir exercer com... com êxito, com... com resultados para as pessoas políticas que conduzam a investimentos que... doutra forma... a, a nível do, de cada município de *per si* possivelmente não, não seria possível atingir [o E. fez um sinal de assentimento]... [secretário geral adjunto da ANMP, 49 anos]

Assume mesmo algum desencanto e cepticismo quanto às potencialidades efectivas do novo diploma que configura a criação das AM, em particular pela

¹⁰ Veja-se de novo o Capítulo 4, onde fazemos a contextualização formal do processo de criação da AMP e da GAMP.

inexistência de um conjunto de critérios que definam de outra forma – mais clara e mais incisiva - em que termos políticos, administrativos e territoriais se constituem as AM, sejam elas as GAM ou as ComUrb.

(...) enfim, eu não escondo que... que tenho muitas reservas em relação a este... a esta... legislação que vem por aí, e tenho-as porque... o facto de não existir um mapa à partida e deixar isto um bocado ao... ao voluntarismo dos vários municípios pode conduzir a soluções disparatadas, porque há... amizades políticas e regionais, porque há sempre aquelas tendências de... começar a somar votos e deixa lá ver, aquele é do PS, aquele é do PSD e o outro não sei de quê, soma lá é preciso é que a gente tenha aqui maioria e tal, deixa lá espetar mais este, não [!] tira aquele [!], bom se se, se se... caminhar neste sentido num caso ou noutra é perigoso [!] pode-se conduzir a disparates em termos de planeamento e depois de, de execução. Se pelo contrário se conseguir no desenvolvimento de tudo isto ter o bom senso político suficiente para construir coisas que façam sentido, que tenham homogeneidades e que tenham complementaridades... que tenham dimensões humanas e geográficas, que sejam adequadas à tal evolução do conjunto de problemas que existem e que a nível municipal pode não se conseguir, bom o processo pode ser um êxito [o E. fez um sinal de assentimento], não é, mas de facto vai ser preciso uma grande atenção e um grande bom senso em tudo isto [o E. fez um sinal de assentimento]... é um processo que começa demasiado aberto talvez [o E. fez um sinal de assentimento]... [secretário geral adjunto da ANMP, 49 anos]

Por outro lado, e reflectindo concepções particulares face ao poder, e à relação entre o poder local e o poder central, o ex-autarca posiciona-se numa atitude céptica quanto às virtualidades do exercício do poder. Confrontando as perspectivas de actuação e os princípios do próprio poder local - a autonomia e a descentralização - com as práticas efectivas dos actores políticos, à escala local e metropolitana, existe um desfasamento real entre os dois níveis porque as lógicas político-partidárias e pessoais entre autarcas e municípios existem. E de alguma forma dificultam, quando não impedem, a institucionalização da própria autonomia do poder local e a resolução dos processos de desenvolvimento das comunidades sociais. Como refere:

(...) quase que diria que há pouco, que há pouco a dizer porque não há volta a dar... vamo'lá ver isto, quer dizer, a política é a arte do possível, não é [discurso imperceptível]... e neste caso se nós queremos a autonomia do poder local não podemos ter nem criar nenhuma instituição que acima disto venha puxar as orelhas aos políticos que... seguem caminhos como aquele que estava a referir, não é, e que obviamente e até pela leitura diária dos jornais nós dizemos mas isto é um absurdo porque estes senhores não estão a levar a que... a que se encontrem as tais... homogeneidades e complementaridades que são necessárias. (...) as únicas soluções são, bom por um lado o bom senso tem que, tem que

ser... tem que ser introduzido na política e o bom senso não pode ser regulamentado, isso é uma coisa que nós aqui temos aprendido muito bem... aparece sempre nas mais diversas discussões muito a tentação de... mas isto tem que estar aqui escrito a dizer isto e isto e isto, e nós a certa altura chegamos à conclusão claramente que nada daquilo deve 'tar escrito, quer dizer, há coisas que não podem ser regulamentadas, quer dizer o bom senso tem que existir, não é [o E. fez um sinal de assentimento]. Por outro lado bom, são as eleições... tem que, tem que haver informação verdadeira, tem que haver as primeiras páginas dos jornais escandalosas mas tem que haver informação verdadeira que permita às pessoas na altura em que votam castigar ou premiar aqueles que... em cada momento conseguem ou não conseguem abstrair-se das suas vaidades e... e desejos pessoais... em favor de políticas que sejam... que sejam... úteis para desenvolver as áreas em que se inserem, sejam elas municipais ou... ou metropolitanas neste caso (...) e, não, creio que não há muito mais, não há muito mais possibilidades de dar a volta a isto, porque obviamente que os ti [hesitação] o tipo de problemas que referiu são discutidos e são discutidos nesta casa e em muitas reuniões que temos aqui, bom mas são discussões... pedagógicas, são discussões pedagógicas que... conduzem até, até onde é possível [o E. fez um sinal de assentimento]... bom, e depois cada um volta a fazer ou não aquilo que muito bem entende... pecando ou não pecando nos tais, nas tais tendências para isto ou para aquilo, não é... e creio que sobre essa parte não, não me é possível dizer muito mais porque a prática é esta (...) [secretário geral adjunto da ANMP, 49 anos]

Quando perspectiva a partir do seu interior o trabalho quotidiano da ANMP, que não deixa de ser um trabalho partidário em torno de questões políticas e partidárias, gerido por uma associação que se define estatutariamente como não partidária, o entrevistado mais uma vez focaliza a questão com base numa lógica de consensos partilhados e de pontos de equilíbrio pessoais e partidários, que dotam a associação de um sentido de coesão e de identidade políticas assinalável, nomeadamente nos processos de negociação e de decisão política com os órgãos de soberania nacional.

(...) essa questão de como é que se trabalha partidariamente dentro duma associação que não quer ser partidária tem sido sempre uma preocupação desde o início, e o que é que nós conseguimos aqui criar e tem sido... enfim frequentemente objecto da, da maior incredulidade por parte da, nomeadamente dos deputados da Assembleia da República, dos vários governos, etc., nós conseguimos criar aqui um espírito que é o de que a camisola do poder local 'tá em primeiro lugar e que independentemente da maioria e que em cada momento se constitua na Associação... o trabalho aqui é por consórcio... o que é que isto quer dizer [?] que ao longo destes quase 20 anos em que aqui vamos com maiores ou menores crises internas, obviamente que em todas as organizações acontecem, com mais ou menos gritos nestas ou naquelas reuniões nós temos conseguido... acima de tudo que o que sai daqui decidido não é por maioria, portanto, isto tem custos... às vezes custos de eficácia e de tempo, às vezes coisas que deveriam ser decididas por maioria... numa reunião numa semana... às vezes demora 6 meses a 1 ano mas tem uma vantagem tremenda, é que quando as coisas são decididas têm força e... e estão adquiridas... portanto eu diria que se discute à exaustão e se daqueles 100 pontos... o consenso é 40, são aqueles 40 que valem, os outros... voltaremos lá e lá diremos, não é... isto levou a que se criasse um... espírito que

era desconhecido antes da, antes desta Associação ser criada de uma grande... cumplicidade que às vezes até se transformou em amizade entre os participantes dos vários partidos... (...) conseguindo com isso simultaneamente uma coisa muito importante, que é todos têm muita consciência d'até, até onde é que os outros podem ir... portanto todos aprenderam que... todos tomam partido, todos sabem que o que é que os partidos dos outros defendem e quais são os limites que cada um tem. Bom, e isso, esse conhecimento... que por um lado é político e partidário, que por outro lado é pessoal, também permite... encontrar os pontos de definição dos limites das coisas [*o E. fez um sinal de assentimento*]... (...) E isto dá, por um lado, dá uma grande força e coesão interna... por outro lado cria alguma perplexidade por exemplo na Assembleia da República, que aqueles deputados não conseguem de maneira nenhuma, nós temos reuniões com eles dos vários partidos, não é, e vamos, e vamos vários de vários partidos lá, eles não conseguem entender como é que é possível aquele entendimento que p'ra eles pronto, não é, aquele funcionamento desastroso que a Assembleia tem [*sorrisos*], não faz sentido nenhum quer dizer é uma confusão tremenda como é que é possível os seus próprios camaradas, companheiros e amigos estarem a defender aquelas coisas que... d'acordo com o outro lado que é um perigoso bandido do partido do outro lado [*risos*]... [*secretário geral adjunto da ANMP, 49 anos*]

Por outro lado, e a propósito das áreas de discussão política da ANMP junto do poder central, o entrevistado focaliza a dificuldade em articular as lógicas municipais e supramunicipais na área do planeamento. Para além dos PDM's se encontrarem em fase de revisão, o que de algum modo traduz não a ausência de planeamento mas a existência de práticas de planeamento municipal questionáveis, a jusante, e a falta de um planeamento nacional, a montante, tal como previsto constitucionalmente, é difícil articular os investimentos municipais. E, no que diz respeito à dotação de uma rede de equipamentos culturais, desportivos ou educativos, faria muito mais sentido viabilizá-la se a contiguidade territorial se perspectivasse também a partir da contiguidade institucional dos financiamentos e dos usos.

Até para, até para poder compatibilizar entre os municípios... os próprios PDM's que é uma necessidade de facto, eu vejo aí situações algumas quase caricatas de... de municípios que... ao lado do outro têm as escolas secundárias a 300m na, na fronteira entre os dois, às vezes até da fronteira de distritos, não é ou... ou... municípios contíguos todos eles a fazerem planos para instalar a sua zona industrial, a sua piscina olímpica... a sua, o seu centro cultural com as valências tais, e tais e tais, quando frequentemente temos noção que muitas dessas valências, muitas dessas piscinas olímpicas, muitas dessas escolas... secundárias ou doutros níveis fariam muito mais sentido numa, numa visão regional que tem outro tipo de solução... mas há, é de facto essa ausência de planeamento supramunicipal [*o E. fez um sinal de assentimento*]... [*secretário geral adjunto da ANMP, 49 anos*]

As questões da concertação de interesses e de recursos à escala supramunicipal voltam a colocar-se quando nos confrontamos com o posicionamento da ADETURN a propósito das relações institucionais com os seus parceiros políticos, económicos e turísticos. No conjunto das parcerias que desenvolve – com as regiões de turismo, as câmaras municipais e os agentes económicos – é com estes dois últimos que a associação tem mais dificuldades de actuação, decorrentes de uma concepção diferenciada quanto àquilo que constitui a actividade da promoção turística, no primeiro caso, e a um relativo desencontro de interesses entre os intervenientes, no segundo caso. Particularizemos as câmaras municipais: a concertação das estratégias conjuntas torna-se menos célere face à confusão entre a promoção institucional - a promoção de um espaço territorial ou de uma instituição particular - e a promoção turística de uma marca ou de um produto, no caso da Região Norte, um produto compósito, feito de segmentos seleccionados de acordo com as suas potencialidades de afirmação no mercado internacional. Como nos refere a entrevistada:

(...) quem é que vai às feiras, são normalmente os funcionários das câmaras municipais, portanto tem uma lógica diferente da lógica comercial e... e portanto 'tamos numa fase que temos de alterar isso, porque as outras regiões têm uma postura muito mais agressiva, e nós temos um bocado uma postura de... institucional [!] é, é porque no turismo há uma diferença grande entre a promoção... turística propriamente dita e a promoção institucional, ou seja tu não, tu enquanto a maior parte dos responsáveis do turismo... são os presidentes de câmara, não é, são gran [hesitação], são actores importantes neste... nesta dinâmica, mas confundem um bocado a promoção de um serviço, a divulgação de um serviço com a divulgação de um espaço... obviamente que o turismo faz-se nalgum sítio, o espaço é a base da, da, da sua realização, mas nós não podemos confundir a promoção de um concelho para a captação de investimento, e para captação de populações e não sei quê, com a promoção do, desse mesmo espaço p'a fins turísticos, p'tanto há aqui... fronteiras muito ténues não é... e p'tanto às vezes as pessoas são levadas a esquecer [hesitação] a confundir um bocado isto... [coordenadora da ADETURN, 35 anos]

Do ponto de vista das virtualidades decorrentes da possibilidade da AMP criar uma marca de turismo própria¹¹, como a dado momento da pesquisa nos foi

¹¹ No contexto da pesquisa empírica que realizámos, e de acordo com os contactos exploratórios e as entrevistas realizadas aos eleitos locais e a certos actores locais e regionais, havia a aspiração política por parte da AMP em criar uma marca turística própria a partir das potencialidades de oferta dos concelhos associados.

indiciado pelos actores políticos, a responsável pela associação refere que a criação de uma associação com fins de promoção interna das marcas turísticas concelhias da AMP não constitui uma sobreposição formal e substantiva com os objectivos, os produtos e as estratégias de acção da própria ADETURN¹². Pelo contrário, e numa lógica de actuação junto do mercado interno, a existência de uma entidade coordenadora dos interesses mais micro dos concelhos e das câmaras municipais da AMP e do distrito do Porto poderia constituir-se como interlocutora privilegiada junto da própria ADETURN. Articular-se-ia, assim, o trabalho desenvolvido por esta na promoção de um produto turístico no mercado internacional e por aquela outra suposta associação específica na promoção das marcas sub-regionais, no caso concelhias.

É assim, a Área Metropolitana do Porto p'tanto não é marca turística, não é, não me preocupa nada [*o E. fez um sinal de assentimento*]... agora, há realmente esforços dalgumas câmaras de... fazer promoção sozinhas e de... de quererem impor as suas marcas... a criação de uma instituição que congregue estas are [*hesitação*], estas, estes concelhos todos da Área Metropolitana do Porto e até do Distrito do Porto, p'ra nós era positivo, p'tanto, não há sobreposição se tu me disseses que eles querem criar uma região de turismo, que não vão criar, não, não vai haver mais regiões de turismo, mas... p'ra mim não era sobreposição. Uma das, uma das... das nossas, dos nossos objectivos foi que o Oporto Convention Bureau fosse também o, o Gabinete de Turismo do Porto, ou seja não fosse só de Congressos e Incentivos, fosse também de, dos visitors, ou seja, do turista normal... qu'ele nunca conseguiu ser. P'tanto, p'ra nós é importante não ter que falar com 9 câmaras e ter que falar com uma entidade que congrega as vontades das 9 câmaras como fazemos com os outros [!] (...) não há esse, esse, essa figura intermédia... que é alguma congregação deste destino Porto [*o E. fez um sinal de assentimento*], p'tanto a criação duma instituição que congregasse isso, estes actores era importante p'ADETURN [!], não vinha sobrepor-se à ADETURN [!], porque ao nível do, da marca Porto e Norte de Portugal, nós também temos o Porto, Minho, Douro e Trás-os-Montes, não é, e isso faz-se numa lógica como? As marcas sub-regionais devem ser promovidas ao nível do mercado interno e do mercado interno alargado, aqui há o Norte de Espanha, a todas as regiões fronteiriças, em Madrid já não te

¹² Até à data de redacção deste texto, não havia sido publicada a revisão da lei-quadro das regiões de turismo, publicada em 1991 (decreto-lei n.º 287/91 de 9 de Agosto de 1991) e que visou modernizar o regime jurídico dos órgãos regionais de turismo instituídos em 1982. Com esta legislação, criou-se um conjunto de regiões de turismo, que não conseguiu cobrir integralmente o território continental, o que levou à existência em paralelo de outros tipos de órgãos regionais e locais de turismo (juntas de turismo e comissões de turismo). De acordo com as entrevistas realizadas aos representantes da DGT e do ICEP, e a consulta do *site* oficial do Portal do Governo a 25-06-2007 (www.portugal.gov.pt), a nova legislação prevê, não a criação de mais regiões de turismo, mas a associação das regiões de turismo existentes num número mais reduzido de áreas promocionais, com maior dimensão e com capacidade técnica e financeira de intervenção reforçada, com as mesmas atribuições das entidades até agora existentes e com competências em matéria de concepção, incentivo à qualificação e diversificação da oferta de alojamento e animação da área respectiva mais alargadas.

faz muito sentido estares a p [hesitação] a promover o Minho, não é, faz-te sentido promoveres o Porto e o Norte de Portugal, p'tanto, porque tens madrilenos e nem sequer sabem onde é, não é... pronto, portanto nós temos aqui várias... níveis d'actuação, é importante que alguém trabalhe o Porto [!], enquanto não [!] só como município, porque o município não tem, não tem... dimensão turística, percebes, no, o concelho não tem porque é o qu'eu te dizia logo no princípio da nossa conversa, tu vais às Caves e não fazes a mi [hesitação], tu vais a Londres entras em não sei quantos municípios, mas tu foste a Londres, compraste um passe naquela orla, não é, não fazes a mínima ideia onde é que estás a entrar, nem, nem tens que te preocupar, agora em Londres tu não recebes um folheto que, que chega ali... a Gaia e acabou, e depois o resto? E o Porto com' é que fica? E vais jantar a Matosinhos e de repente estás, recebes outro folheto que não tem o Porto! Quer dizer isto não tem lógica p'ra [risos], p'ra nenhum turista, não é, p'ó consumidor isto é ridículo, p'tanto era realmente preciso alguém que articulasse esta malha urbana que aqui temos e que não conseguimos [o E. fez um sinal de assentimento]. [coordenadora da ADETURN, 35 anos]

Um posicionamento similar tem o representante PCB, um outro actor ligado ao turismo que tivemos a oportunidade de entrevistar a propósito das questões do turismo possível na Região Norte e na AMP. Por um lado, perspectiva a necessidade de uma concertação de esforços e de investimentos financeiros e promocionais entre os próprios membros associados do PCB, por outro lado, e perante as potencialidades turísticas dos concelhos da AMP, assegura que são um recurso cujos efeitos no mercado da promoção turística para estrangeiros apenas existem numa lógica concerta à escala metropolitana alargada ou, antes de mais, regional.

... Primeiro... eu penso que... seria difícil vender cada um por si isolado. Como eu disse que... os visitantes muitas vezes pelo menos os, os internacionais nem, nem chegam a aperceber-se que estão a passar dum p'ró outro, ou que muitas vezes estão em Gaia e estão a falar de Gaia como se fosse o Porto... as poten [hesitação], as diferentes potencialidades qu'existem... são benéficas, são, são óptimas e... e digamos que não estou, não estou a ver... exactamente que, que tenhamos... um mais forte do que o outro, por algum sentido digamos um está-se a desenvolver mais depressa do que o outro... eu aqui reconheço que a Área, quando, quando falamos na Área Metropolitana do Porto ao nível, ao nível de, de, de... internacional as pessoas ficam muito admiradas com' é que temos um pequeno espaço... tantos concelhos juntos e... e realmente continuamos a... a ter algumas diferenças e até de documentação, e [discurso imperceptível] depois de estarem no local verificam que... não se justifica ter muitas vezes essas diferenças a nível de, de, de promoção, porque ao fim e ao cabo... são situações que, que... incompreensíveis quando passam a ponte dum lado p'ró outro e nós dizemos: «Agora estamos em Gaia», e eles perguntam: «Então mas o, o Vinho do Porto, o Vinho do Porto está em Gaia, mas Gaia, mas Gaia não é uma parte do Porto?»... daí nós temos também que pensar em outras dimensões e muitos políticos até falam, já falam numa, realmente numa verdadeira área metropolitana e feni [hesitação] se calhar faria todo o sentido [o E. fez um sinal de assentimento]. [director executivo do PCB, 39 anos]

Concebe a marca *Porto e Norte de Portugal* como um *conceito comercial* que se reparte pela região, com particular e inicial incidência na cidade do Porto – pela dimensão do seu património histórico – mas que se sustenta turisticamente na relação articulada com as especificidades culturais e patrimoniais que centros urbanos limítrofes detêm. É curioso constatar as representações territoriais dos actores entrevistados quanto àquilo que designam por Porto e Grande Porto. Entre os actores ligados à área promocional do turismo, correspondem, por vezes à própria cidade, mas na maioria dos casos à AMP e à Região Norte. Não coincidem as fronteiras administrativas municipais, e as identidades políticas e territoriais daí advenientes, com as possibilidades turísticas dos territórios e, como tal, os limites de tais espaços.

...quando eu digo Porto, sempre Grande Porto e norte de Portugal. O Porto é a entrada, é a entrada para o norte de Portugal... (...) eu, eu não sou adepto só de ter a marca Porto, eu acho que o Porto é a entrada, a entrada do turismo, mas eu não consigo vender Santa Maria da Feira se disser o que é Santa Maria da Feira. Eu... não lhe posso dizer e se for analisar todos os aspectos do Europarque, estão lá sempre o Europarque Porto, e depois lá p'ra baixo em pequeno está Santa Maria da Feira, é a mesma coisa c'ó aeroporto... o aeroporto que está em Maia, nós dizemos que é em Porto, mas porqu' é que dizemos isso? É um conceito comercial exactamente... essas submarcas que depois vêm... fazem todo o sentido, mas se calhar na fase embrionária como estamos ainda aqui no norte, se calhar devemos... juntarmo-nos mais e... pensar mais o que é realmente comercial, porque o Porto não pode existir sem... todas as regiões à volta, mas ao contrário também é o, exactamente o mesmo... nós não conseguimos ter aqui um turista mais do que 2 dias na média no Porto, para o termos aqui mais tempo temos que exactamente apresentar circuitos, circuitos que o levem às outras regiões, e se, e se possível também que eles prolonguem e fiquem 7 dias no norte de Portugal e por exemplos 2 ou 3 dias no Porto... 1 dia em Viana do Castelo, 1 dia em Lamego, ou 1 dia na Régua... mas só conseguimos fazer isso em chamar a atenção do, do, do turista com algo que já lhe soa, já lhe soa bem ele já tinha ouvido qualquer coisa, se, se, se eu for... ao mercado alemão e apresentar-me lá com... também quem é que está lá sempre, separado... às vezes aparecem lá stands de... de... de cidades ou vilas completamente separados do stand de Portugal, não faz sentido nenhum [!] é um desperdício... muitas vezes essas situações, as coisas têm que estar debaixo dum chapéu, e isso p'ó desenvolver, e o chapéu do meu ponto devia ser exactamente o Porto [o E. fez um sinal de assentimento]... [director executivo do PCB, 39 anos]

Um outro actor regional relevante neste contexto do desenvolvimento da AMP, e por nós perspectivado a partir da componente cultural e turística, é a associação PRIMUS. Do ponto de vista do seu presidente, os projectos metropolitanos nas áreas da cultura e do turismo, duas daquelas que se integram

nos objectivos e nas estratégias de intervenção da PRIMUS, são difíceis de conceber e viabilizar, e particularmente junto dos actores políticos locais. No campo da cultura, são as razões, antes de mais, de ordem política e partidária, e os antagonismos pessoais entre os presidentes dos municípios, que dificultam, quando não impedem, o trabalho da agência. A sensibilização feita pela própria agência, quanto à necessidade da concertação de recursos entre os concelhos, tem sido mais junto das presidências do que propriamente das vereações, estas últimas mais receptivas a esse desafio. Provavelmente, diremos nós, pela dimensão mais operacional e técnica do seu trabalho – relembremos que alguns dos vereadores que aqui entrevistámos não se consideram actores políticos com pretensões a carreira política ou partidária. Porém, também se nos torna claro que as directrizes de intervenção cultural no município resultam do equilíbrio de posicionamentos entre as vereações e a presidência, com um sentido mais estruturante desta em relação àquelas.

(...) ... essa que... portanto como nós... nós estamos a tentar desenvolver... eu diria que... que estamos numa fase de grande sensibilização dos... eu at [hesitação] eu até nem... talvez não, não tanto os vereadores, os vereadores eu acho que estão sensibilizados, mas os próprios presidentes de câmaras p'rá necessidade de... articular em conjunto. Temos obviamente a noção que esse é um problema que excede, é um problema de direito político. O senhor presidente A, eu não quero dizer nomes [o E. fez um sinal de assentimento] não se senta à mesa com o presidente B para tratar do futebol ou doutra coisa qualquer, portanto muito menos se senta para se tratar da cultura, e quando, e portanto prefere fazer lá no cantinho dele do que articular, e esse é um problema... que é um problema que ultrapassa a própria PRIMUS, esperando nós que alguma até de... digamos que temos que ter paciência, que temos que nos afirmar, temos que dizer que existimos, temos que dizer que estamos aqui à disposição das pessoas como eu lhe estava a dizer... a resposta do presidente, das autarquias cada vez que se contactam os serviços já temos noutras áreas que não têm a ver com a cultural, sei lá para fazermos uma empresa municipal, para fazermos um parque de ciência e tecnologia, para fazermos não sei quê, a resposta é sempre muito positiva e as pessoas dizem-se sensibilizadas com o trabalho da PRIMUS... cada vez que é de integração de competências para além da realidade local... [o E. fez um sinal de assentimento] is [hesitação], is [hesitação], is [hesitação] isso não tem funcionado [o E. fez um sinal de assentimento], e não tem funcionado por motivos que obviamente excedem a PRIMUS, mas que têm a ver com um processo cultural [sorrisos] [presidente do conselho de administração da PRIMUS, 49 anos]

Desde o início da actividade da PRIMUS, e valorizando neste contexto as intenções e as estratégias accionadas quanto à dimensão social e cultural do

desenvolvimento, a agência tem procurado assegurar-las mas segundo níveis de actuação diferentes. Quanto à cultura, e atendendo ao contexto político local em que surge a agência, mais atento às dimensões não materiais do desenvolvimento local, e mais disponível, em termos de prioridades concelhias, para o investimento na oferta cultural, a PRIMUS cria um departamento interno, que se traduz num projecto, o EntreArtes, e que se constitui como o resultado do esforço conjunto de concertar objectivos e actividades na AMP. Procura-se, por um lado, promover a dinamização cultural do espaço metropolitano através do apoio aos municípios na organização das suas actividades e da criação de um programa cultural integrado e não temporalmente sobreposto, permitindo o alargamento dos públicos; e, por outro lado, promover a formação técnica dos actores/criadores culturais locais, assegurando na região a disponibilidade de *know how* na área da cultura. Acresce, como painel de intenções, a tentativa de proporcionar a fixação de jovens criadores e de competências culturais no espaço metropolitano, apoiando e facilitando a criação de instituições de formação artística e cultural; e de dar aos públicos dos eventos culturais, por via das novas tecnologias e com a criação de um *site* interactivo, uma participação na avaliação e na sugestão da programação cultural. Intenções exequíveis numa lógica metropolitana, mas que por alguns factores, como a falta de uma estratégia intermunicipal integrada e as dificuldades orçamentais e de recursos humanos e técnicos da própria agência, ainda se mantêm mais no painel das intenções do que no plano efectivo das práticas.

A PRIMUS desde o princípio desde o primeiro dia em que nos sentamos curiosamente nesta mesa a, o Conselho de Administração pôs essa evidência em cima da mesa, e então resolveu criar um departamento, depois até lhe deu uma forma jurídica a que chamou Entre [*hesitação*], EntreArtes, e era EntreArtes era precisamente ser dessa teia que tinha... que era, que era e é [!] muito ambiciosa, portanto os objectivos da EntreArtes era promover a dinamização cultural na Área Metropolitana do Porto por várias vias, por um lado apoiando os, os, os, os diversos municípios naquilo que são a... digamos as suas iniciativas, a PRIMUS fez durante alguns anos o Marés Vivas em Gaia, por exemplo foi um programa de Verão para jovens, na área roqueira se quiser [*sorrisos*] mas que nós fizemos, não é, portanto foi a PRIMUS que fez... portanto, fizemos isso, temos *know-how* p'a fazer isso, contratar as empresas, fazer, apresentar um projecto a uma câmara, você quer fazer um festival de jazz, olhe podemos contratar o [*discurso imperceptível*] o não sei quantos... o... a... [*discurso imperceptível*], portanto já há uma á [*hesitação*], uma á [*hesitação*] uma área que nós podíamos fazer, a outra área, a outra área que nós podíamos fazer e gostaríamos de

fazer e achávamos importantíssimo de se fazer era articular... isto é, fazer um programa integrado e uma red [hesitação], e um programa... articulado de, de, de acções culturais na Área Metropolitana para permitir que em cada uma delas houvesse massa crítica em termos de público... (...) e a par disso como, digamos porque para a PRIMUS as questões sociais no sentido da, da formação do *enterteiner* [discurso imperceptível], da competitividade, da qualidade era muito importante, era também promovermos a par disso a formação dum conjunto de actores culturais, isto é, nós demos por isso quando fizemos o Marés Vivas, quisemos comprar, contratar o Videowall tivemos que o contratar em Lisboa, quisemos contratar o palco tivemos que ir buscar o palco a Lisboa, quisemos ir buscar o som, tivemos que ir buscar o, o som a Lisboa, quer dizer... porque era a garantia que corria bem, não é que cá não houvesse, mas era um tipo que era jeitoso, já tinha feito isso uma vez e não sei quê, quer dizer e isso não podia [hesitação], não pode ser assim, num espectáculo não pode falhar nada, era o que faltava... ligar o som: “1, 2, experiência, experiência” [o E. fez um sinal de assentimento] e ficávamos naquilo como ficamos durante anos, portanto, a formação destes actores, isso pressupunha era outro trabalho que a PRIMUS gostava de fazer, e que, e se sentia motivada para fazer... (...) era criar, também... fixar jovens, fixar competências, desenvolver qualidade, era, era um, é um dos objectivos da PRIMUS. E depois ter uma espécie dum *site* interactivo onde quem quisesse escrevia p’ra lá dizendo: “Olhem, façam isto, porque é que não fazem isto, não sei quê”, quer dizer ch [hesitação] levar os jovens a, a participarem no, no, no processo de aculturação de uma população. [presidente do conselho de administração da PRIMUS, 49 anos]

Na área do turismo, a presença institucional da PRIMUS tem sido menos prioritária e visível, numa primeira fase, face à existência de duas associações vocacionadas para a promoção turística da região, como a ADETURN e o PCB. E, de acordo com a perspectiva deste actor local, o posicionamento da agência foi o de acompanhar lateralmente a actividade daqueles e o de direccionar-se mais para outras áreas prioritárias. Num segundo momento, a agência, após uma sensibilização junto das vereações do turismo das câmaras da AMP, alicerçou um projecto de criação de uma região do turismo da AMP, apresentado à própria Junta Metropolitana, e accionou o processo de certificação da qualidade de instituições ligadas à área da restauração do espaço metropolitano. Porém, certos diferendos atravessam o discurso dos actores locais e regionais, evidenciando, igualmente, que encontramos não só no campo político as assimetrias e as oposições entre os eleitos locais, como também entre os actores institucionais que desenvolvem uma prática nos campos aqui em análise.

(...) portanto a PRIMUS foi acompanhando esta matéria digamos lateralmente... estavam, haviam outros actores no terreno, nós tínhamos outras coisas com que nos preocupar, não, não quisemos entrar na área turística. Depois como digo foi a própria ADETURN que nos chamou a atenção p’rá necessidade de se fazer uma, uma, uma região de turismo e, ao

mesmo tempo nós entendemos, nós próprios entendemos que se calhar podíamos dar algumas acelerações àquilo que se estava a fazer em, em, na área do turismo, e por isso propusemos, fizemos uma proposta, discutimos isso com os vereadores do turismo que, que subscreveram a necessidade de, de, de, de... de haver uma região de... turismo do Porto, o Porto não queria [!], a cidade do Por [hesitação], o município do Porto não queria por razões... nunca totalmente esclarecidas, pelo menos do, do meu ponto de vista não, não fiquei convencido, acho que se perde muito dinheiro, porque todo o índice turístico se perde... os números da ADETURN há 3 anos atrás é que o não haver região de turismo significava uma perda bruta de cerca de 1 milhão de contos... por ano, para a região de turismo, e que poderia ser gastos aqui... o Programa MILLENIUM tinha uma integração em rede de turismo, isto é, no Programa, aliás p'tanto o, o Programa MILLENIUM pressupunha uma conceito de rede por exemplo, sei lá... na... actividade turística, os bons restaurantes de... Matosinhos, o Casino, os Casinos se quiser... as... os, os, os sítios, por exemplo era, seria p'ra mim, no Mi [hesitação], no MILLENIUM estava lá a ideia de criar-se um parque temático de ourivesaria em Gondomar, com um museu, quer dizer... havia aq [hesitação], todo, todo o, o *cluster* que o Vinho do Porto pode representar neste, neste processo, etc. (...) as pessoas vão, vão visitar Gaia, mas depois vêm todas dormir ao Porto [risos]... ninguém dorme em Gaia de maneira que há, há coisas engraçadas no meio disto tudo, não há, mais uma vez não há planificação... mais uma vez não há planeamento, mais uma vez não há coordenação... a, a, a PRIMUS dep [hesitação], depois paralelamente com isso levanta-se algumas questões, quer dizer não há um marketing adequado... é o sector privado que faz o marketing, não é, portanto que diz, que diz e que faz, não é... o, o Oporto... Convention Bureau nunca foi capaz de fazer nada integradamente, também se envolveu nas questões políticas (...) é, é evidente que o Porto Capital da Cultura serviu para agudizar alguns, alguns destes, quer do lado da cultura, quer do lado do turismo, como o turismo também é uma actividade que vive muito do, da procura de espaços culturais (...) neste momento como lhe disse nós orientamo-nos na PRIMUS por duas coisas, primeiro para proceder à certificação e qualidade dalgumas instituições, nomeadamente restaurantes... na área da restauração, percebemos que um turismo de qualidade precisa hoje de respostas de qualidade e por isso a PRIMUS tem, fez um acordo com o Instituto Português da Qualidade no sentido de também nessa área poder ajudar os... presidentes locais promovendo a certificação da qualidade [o E. fez um sinal de assentimento]... está em curso, estamos a formar neste momento monitores. Em relação à, à criação da, da, da... da, da região de turismo na Área Metropolitana nós fizemos uma proposta à Junta Metropolitana dizendo nós temos *know-how* para... fazer... a agência, temos *know-how* para a implementar, temos uma... a região de turismo, a Junta Metropolitana quer ou não quer, porque [risos]... porque tem que ser nos termos da lei isso deve, é da iniciativa dos municípios, etc., p'tanto. A proposta está lá, estamos a aguardar o que é que... o que é que se pode fazer. [presidente do conselho de administração da PRIMUS, 49 anos]

Quando nos confrontamos com o posicionamento de outros actores locais, nas suas ligações mais ou menos estreitas com o espaço local e regional, apercebemo-nos da similitude de posições quanto à necessidade política e social de articular esforços de criação cultural e divulgação da oferta cultural intrametropolitana. Como, de igual modo, visualizamos posicionamentos críticos e cépticos quanto às possibilidades de concertação interconcelhia, decorrentes – e

segundo a regularidade discursiva dos actores situados fora do campo político - dos diferendos político-partidários entre os eleitos locais e as prioridades de investimento estrutural por parte dos concelhos da AMP. Numa outra ordem de representações, outros factos exigem os esforços de concertação metropolitana: a falta de profissionalização dos criadores culturais locais e de especialização cultural, ao nível da *cultura erudita*, no espaço concelhio e metropolitano. Mais uma vez, a centralidade funcional do Porto, do ponto de vista cultural, e já não tanto do ponto de vista turístico, aparece como um elemento transversal às representações destes actores. As potencialidades turísticas dos concelhos são perspectivadas com um menor diferencial intraconcelhio, mas, de qualquer maneira, a exigirem um enquadramento mais global tanto ao nível dos actores e das actividades, como das estratégias de desenvolvimento regional. A título de exemplo, o representante da APCNP refere o seguinte:

(...) relativamente à Área Metropolitana eu num dos relatórios d'Associação... cito o, o, o, o Daniel Bessa, o Professor Daniel Bessa que diz que na Área Metropolitana do Porto não existe nada que possa configurar as características duma área metropolitana, porque não há uma rede de transportes, não há nada, nada, nada, portanto não existe, portanto, no plano cultural eu também penso que... a rede é diferente, quer dizer, há bocado falei nos melhores equipamentos são aqui no Porto, são de facto, só existe uma coisa que ro [hesitação] que po [hesitação], que concorre com o Porto em Agosto que são os Encontros de Mateus, o Encontros de Música de Mateus são de nível internacional e são, são talvez a única coisa assim que, que... fora da cidade do Porto tem assim grande impacto de qualidade, elitista, etc.... (...) É, eu acho ... que não, que não existe, quer dizer porque... houve... quando foi a regionalização eu, eu tive uma discuss [hesitação], eu disse que as pessoas do Porto iam votar todas contra a regionalização... foi verdade [!], o norte, o, o, o Porto, a Região Norte perdeu [discurso imperceptível] porque é melhor ser a segunda capital do país que ser igual a Faro, a Guarda e a Coimbra... portanto, o segundo, o segundo, o número 2 não quer a regionalização... porque ele perde poder, é que nós temos Lisboa e o Porto está próximo de Lisboa e portanto o resto está muito abaixo, o Porto perdia bastante com a regionalização ficava igual ao Algarve a Região Norte, percebeu? O Porto igual a Faro, e isso, as pessoas do Porto sentiram-no... depois há um fenómeno intra-regional ainda mais importante, é que Braga prefere responder a Lisboa do que responder ao Porto [risos]... portanto há, há um, houve uma catadupa de interesses inconscientes que levou a que o referendo fosse NÃO pura e simplesmente. O que, o que eu acho é que o governo até está a fazer uma coisa diferente que é 'tá a permitir os municípios associarem-se... e criar áreas metropolitanas voluntaristas, não é, portanto há uma Área Metropolitana em Lisboa, há uma Área Metropolitana no Porto, vai poder haver agora outras áreas metropolitanas, o problema p'ra já vai saber se um trecho voluntarista dessas áreas corresponde com o bem público, isto é com a organização global, não é, claro, porque repare se... se Braga, Guimarães e Viana do Castelo decidirem fazer uma área metropolitana ali à volta não há nenhuma, e depois e Penafiel? Que se arranje... quer dizer há municípios que podem ficar

muito prejudicados, não é, e, e aquela concentração ali pode ser boa ou pode ser má, nós não sabemos, não é... Voltando à cultura o que me parece assim há, há uma, há uma escala necessária de facto, quer-se há uma escala quer dizer... [o telemóvel começou a tocar] (...) agora a Área Metropolitana do Porto eu tenho algumas dúvidas, sinceramente, quer dizer... de... na área... duma visão turística talvez já tenha algum interesse, não é, porque você tem Espinho, tem a Póvoa, tem os Casinos, tem o Porto, quer dizer já começa a fazer sentido, agora se... esta área metropolitana tal como está ela tem algum interesse do ponto de vista cultural eu permito-me duvidar até porque... o que era preciso era haver uma capacidade, não é, de... o qu' é qu' acontece muitas vezes? Acontece que há uns jeitosos em Braga, em Famalicão que conseguem fazer isto, o presidente da Câmara gosta ou põe ajuda, não é, e lá fazem uma coisa, uma coisa assim, mas não há uma profissionalização, 'tá a ver, não é, portanto eu acho que é preciso uma certa concentração porque nós estamos a fal [hesitação], hoje em dia já não se pode brincar com essas coisas, não é [o E. fez um sinal de assentimento]... p'tanto eu não vejo bem, não vejo bem assim... [presidente da APCNP, 58 anos]

Por fim, registemos o posicionamento da própria DRCN a propósito da viabilidade das políticas concertadas no espaço metropolitano e das potencialidades subjacentes a um esforço político conjunto de criação de uma oferta cultural alargada e integrada. Se, num certo sentido, a centralidade funcional do concelho do Porto perpassa nas representações do actor político, num outro, a AMP enquanto espaço supramunicipal em construção pode beneficiar de uma lógica concertada de programação cultural, rentabilizando recursos e promovendo a divulgação cultural, o alargamento de públicos e a criação de uma identidade cultural e territorial para além dos seus espaços concelhios de referência. O espaço metropolitano é um espaço desigual porque detém ainda níveis de oferta cultural – quantitativos e qualitativos – diferentes. A visibilidade cultural dos concelhos da AMP não é a mesma nos contextos mais amplos, como o da Região Norte e do próprio país, e as condições institucionais de exercício do poder local estruturam, paralelamente, as prioridades da intervenção municipal. Por outro lado, a proximidade territorial ao concelho do Porto e, como tal, às virtualidades da oferta cultural da cidade, potencia junto das populações uma democratização no acesso, perspectivado apenas a partir das possibilidades institucionais de usos das expressões culturais. E o estatuto de *concelhos dormitório* que alguns destes concelhos têm face ao Porto perpassa, como justificação de um investimento regional não prioritário, o discurso do actor político. A partir da especificidade do trabalho desenvolvido pela própria DRCN, a

centralidade funcional do Porto é, assim, e num sentido algo diferente daquele perspectivado pelos próprios autarcas entrevistados, uma mais-valia para os concelhos contíguos da AMP. Nomeadamente, quando perspectivado a uma escala mais macro – os concelhos da Região Norte - e numa avaliação comparativa entre os concelhos, do ponto de vista das infra-estruturas culturais e da oferta cultural propriamente dita.

Olhe a minha, a minha percepção é o seguinte... mesmo na Área... Metropolitana do Porto há concelhos que estão muitíssimo avançados a nível cultural... dou-lhe o exemplo, por exemplo Valongo... dou-lhe outro exemplo que é Póvoa de Varzim [*o E. fez um sinal de assentimento*]... a Maia [*muito barulho no exterior*], se calhar há outros concelhos que neste momento ainda... são capazes de ter algumas dificuldades ou pelo menos não é tão visível a sua acção [*o E. fez um sinal de assentimento*] ... em relação a esses, a esses concelhos evidentemente que nós também não, não deixamos de ter preocupação, embora não seja a nossa preocupação imediata, porque entendemos que qualquer município da Área, da Área Metropolitana do Porto até por uma questão da pro [*hesitação*], da proximidade... tem muito mais possibilidade de ter oferta cultural do que... municípios como o Mogadouro, ou Vimioso, ou Vinhais... p'ra já não falar em Melgaço ou Monção, portanto basta só proximidade para poder que esse, p'ra que esses municípios possam ter... muito mais oferta cultural do que a zona interior... por outro lado, também uma das preocupações que nós temos é a seguinte, que muitos destes [*muito barulho no exterior*], destes municípios são áreas de dormitório, essas áreas de dormitório da, da, da grande cidade nomeadamente Porto, não são as, as áreas com mais possibilidades de as pessoas poderem frequentar... portanto as actividades culturais a não ser aos fins-de-semana porque as deslocações que as pessoas têm de fazer e o tempo de deslocação leva que as pessoas muitas vezes não tenham depois grande espaço para poderem... usufruírem das actividades culturais, por isso... da nossa parte não [!] tem... não, não [!] sendo uma acção prioritária, portanto os concelhos da Área Metropolitana pelas razões invocadas, nós não os temos descurado... mas preocupa-nos muito mais outros, outros concelhos que às vezes até estão relativamente próximos das áreas metro [*hesitação*]... metropolitanas, dou-lhe 2 exemplos, o caso de, d'Arouca e Castelo de Paiva que são concelhos... relativamente próximos do Porto, mas que têm... portanto carências muitíssimo maiores e que devem merecer muito mais a nossa atenção do que esses concelhos... da Área Metropolitana. [*delegado regional da cultura do norte, 58 anos, PPD/PSD*]

Essa mesma centralidade funcional justifica, de alguma forma, as tentativas de construção de *economias de escala* no campo cultural. E, nessa perspectiva, os esforços dos actores políticos e do tecido social local podem convergir para a afirmação cultural e territorial do próprio espaço metropolitano.

(...) eu, eu, eu penso que todos têm a ganhar no caso de ser... de ser possível fazer uma... uma oferta cultural de... d'âmbito regional... isto porquê? Porque em primeiro lugar podem-se ganhar sinergias... se um grupo tem um determinado evento preparado... tanto p'ra ele tanto custou ou melhor custou-lhe mais fazer p'ra um espectáculo do que fazer p'ra

10 ou 20... e portanto se houver esta possibilidade de juntar sinergias e duma exposição que está num, que foi feita num determinado local poder ser levada para outros locais... portanto isto, há economias de escala que devem ser aproveitadas, por outro lado... por outro lado... à medida que se vai criando estes laços de correlação, mesmo no âmbito cultural... portanto começa-se a ganhar espaços de... levar as pessoas a terem um sentido de identidade muito mais forte do que cada um ter o seu espaçozinho da cultura que só tem o seu, os seus, os seus grupos pré-definidos... portanto isso, isso a nível de identidade acho que cria mais problemas e portanto eu acho que há todo o interesse portanto em criar esse tipo de sinergias... numa Área Metropolitana que neste momento está em construção e que se calhar na área da cultura também tem de estar em construção [!] e por isso mesmo há um longo caminho se calhar ainda a percorrer, mas a mim não me custa nada que... o grupo que está sediado na, na, no Porto... até gostaria que... pois pudesse ter as suas tournées por assim dizer por, pelos vários concelhos e portanto isto seria uma maneira de criar muito mais força portanto a uma região que neste momento se 'tá a constituir e que... está a dar dos primeiros passos de, de, de, de unificação portanto e que tem neste momento uma... uma definição política e legal muito concreta, mas que se pode ir alargando para outro tipo de, de... de estruturação de, e de ligação [o E. fez um sinal de assentimento]. [delegado regional da cultura do norte, 58 anos, PPD/PSD]

Políticas culturais e turísticas: recursos privilegiados nos modelos de desenvolvimento da AMP

A cultura e o turismo como vectores transversais do desenvolvimento local

É curioso constatar que os presidentes de câmara entrevistados, à medida que procuram objectivar a sua intervenção e o seu plano político mais global, vão tipificando as actividades, numa espécie de exercício sectorial. Do mesmo modo, vão referindo dimensões, por vezes díspares entre si – por um lado, saneamento básico, por outro, desporto e lazer – e, outras vezes, articuladas com as dimensões que consideram ser as mais globais do processo de desenvolvimento concelhio. Indicia-se que o projecto global da autarquia assume, na oralidade discursiva de alguns autarcas, caracteres de sistematização político-ideológica, marcando uma centralidade pessoal na abordagem dos temas e no controlo das matérias de gestão municipal; noutros, e segundo raciocínios não tão lineares, e aparentemente com exemplificações pontuais, vai-se reorganizando o *mapa de desenvolvimento* – quando não verbalizado *mapa de crescimento* - do concelho. À medida que o fazem, salienta-se também, e ainda que não o tenhamos explorado do ponto de vista da análise de

discurso, uma centralidade verbal na própria pessoa, enquanto chefe de executivo, e com um acento identitário na valorização individual e da equipa e no próprio concelho por comparação com os outros¹³. Num outro sentido, e como já tivemos oportunidade de referi-lo anteriormente, espelham concepções face à actividade política enquanto exercício efectivo do poder. Vejamos alguns exemplos:

Eu quero deixar tudo encaminhado para que se realize tudo aquilo que eu sonhei... pronto, e que acho que a população merece e precisa... (...) temos conseguido trazer aqui o que há de melhor... no ponto de vista, sob ponto de vista cultural... (...) nós somos uma equipe, damo-nos todos muito bem [*o E. fez um sinal de assentimento*]... e, e portanto o facto de não haver estrelas acho qu'isso também ajuda [*o E. fez um sinal de assentimento*]... [*presidente da câmara municipal de Valongo, 66 anos, PPD/PSD*]

(...) este ano fizemos uma coisa que se fosse um país normal já me tinham dado uma medalha, mas como isto não é um país normal, só me criticam, só me criticam e... não valorizam nada do que as pessoas fazem (...) [*presidente da câmara municipal de Vila Nova de Gaia, 48 anos, PPD/PSD*]

(...) nós primamos pela qualidade, somos exigentes e por isso é que quem vem p'ra Maia... pronto sabe que vem, mas tem qualidade de vida e... mas só dá valor quando chega a aqui, porque os que está com, os que estão cá já a têm e não dão valor ao exercício e ao, e ao trabalho que nós temos para, para qu'isto aconteça. (...) portanto na Maia temos conseguido vitórias, vitórias, vitórias, vitórias atrás de vitórias, mas com'eu digo... à custa do trabalho, do trabalho de todos nós do saudoso, saudoso Doutor José Vieira de Carvalho e agora comigo e com os meus parceiros, os meus pares na, na equipe. (...) sabe cada um é como é, nós somos verticais aqui na Maia, levamos tudo pelo... a direito e... se Deus quiser, com a ajuda de Deus vamos levar isso até ao fim... [*presidente da câmara municipal da Maia, 55 anos, PPD/PSD*]

(...) eu tinha uma ideia só de cidade, uma ideia enquanto cidadão e depois uma ideia enquanto já... com um conjunto de ideias... e de projectos mais elaborados resultantes de, resultantes de várias, de várias coisas... resultantes da ideia que eu tenho, eu próprio pelo desenvolvimento duma cidade como experiência de, de quase 40 e... e... 6 anos na altura... 44 anos, 44 anos na altura, em que era um homem vivido, tinha percorrido já grande parte do mundo e... sempre pautei a minha vida por uma visão do, do passado... enquanto experiência para nós termos... acção no presente mas sobretudo que sendo essa acção no presente com uma ideia de desenvolvimento futuro sustentável! [*o E. fez um sinal de assentimento*] ... E foi isso que fizemos! [*presidente da câmara municipal da Póvoa de Varzim, 53 anos, PPD/PSD*]

(...) e eu procurei colocar essa experiência que tinha... e essas influências que tinha conquistado ao longo dos anos ao serviço de Espinho. (...) uma das nossas primeiras

¹³ Alternando os usos dos pronomes pessoais *eu* e *nós* e o presente do indicativo com sentido de imperatividade e de segurança quanto às directrizes base da intervenção. Seria um outro indicador da análise de discurso adoptarmos, e num contexto de pesquisa alternativo a este, as formas e figuras linguísticas utilizadas para analisar a maior ou menor centralização política dos discursos dos eleitos locais, neste caso dos presidentes de câmara, devido às especificidades da figura que exerce a liderança local e o poder propriamente dito.

preocupações foi elaborar um plano estratégico... [presidente da câmara municipal de Espinho, 51 anos, PS]

As entrevistas aos presidentes permitem-nos tipificar, mais uma vez, proximidades e distâncias entre os concelhos consoante o seu posicionamento territorial e a especificidade das suas actividades socioeconómicas. A linha entre *concelhos da orla litoral* e *concelhos da orla interior*, com a relatividade que esta configuração analítica tem¹⁴, adquire relevância quando contextualizada na cultura e no turismo. Entre as entrevistas feitas, Maia e Valongo situam-se nessa *orla mais interior*. Quando perspectivamos o discurso do eleito local da Maia, confrontamo-nos com prioridades políticas que, no mandato de 2001-2005, o interlocutor considera serem estruturantes da prática política maiata e que surgem na sequência do projecto de desenvolvimento do concelho que tem vindo a protagonizar: são prioridades que vão desde o *ambiente à qualidade de vida*, passando pela *protecção dos mais desfavorecidos* (crianças e idosos), integrados no projecto mais global do concelho, o *desenvolvimento industrial*.

Os meus projectos... os meus projectos é o bem-estar de, da Maia, dos maiatos nomeadamente... e p'ra isso como eu disse há pouco é o ambiente, a cultura, fazer grandes conferências, o ambiente fazer grandes parques, porque hoje em dia as pessoas têm... algumas não têm trabalho, então os mais a...a...a... a vida 'tá a aumentar, p'tanto hoje em dia morre-se mais tarde, os velhinhos precisam de ter espaço p'ra irem com, com segurança, fazer grandes parques... poupar, fazer grandes parques, poupar p'tanto há aqui... um das coisas que me preocupa no futuro é a água, a água a mim preocupa-me... [fim do lado A; a entrevista foi interrompida por alguns momentos] [a entrevista recomeçou e o E. retomou o seu discurso] ... no futuro a água preocupa-me muito, ou nós fazemos grandes reservatórios ou então vamos ter problemas, a água tem que ser bem da natureza que 'tou a ver 'tá a ser, tem que ser poupada, muito poupada [!], os oceanos, preocupa-me os oceanos que 'tão a ser degradados com os esgotos a caírem lá sem serem tratados, isso preocupa-me, preocupa-me muito o ambiente, portanto isto é tudo uma questão de educação, julgo eu qu'os nossos filhos hoje em dia já, já pensam nisso e... e... e já criticam quando vêem deitar um saco de plástico p'ò chão, um cigarro p'à chão, ou um chiclet p'ò chão, p'tanto um dos meus grandes objectivos é o ambiente, qualidade de vida e a protecção aos mais desfavorecidos [o E. fez um sinal de assentimento]. [presidente da câmara municipal da Maia, 55 anos, PPD/PSD]

¹⁴ Basta pensarmos nos movimentos pendulares casa-trabalho-casa realizados entre os concelhos aqui referidos para avaliarmos como contingencial tal tipificação se torna. Veja-se de novo o Capítulo 4, onde se encontram as informações globais do ponto de vista sócio-demográfico.

Considera que os seus projectos mais globais se cruzam com os investimentos mais sectoriais nas áreas da cultura e do desporto, e em menor escala, por aquilo que nos foi possível deduzir, num certo tipo de turismo. O concelho da Maia manterá, assim, o nível de desenvolvimento industrial que adquiriu, será principalmente um concelho industrial, e não um concelho com uma economia do turismo. Como nos refere o autarca:

Sabe que... p'a trazer um tu [hesitação], um turista à Maia é preciso... ter algo p'a lhe mostrar, eu não tenho água [!], não tenho água natural [risos] nesse parque urbano que estou a fazer vamos aí construir um grande açude... talvez no, neste parque que falei também no parque desportivo do aeródromo de Vilar de Luz ond' é que tem uma pista de ciclismo, tem um, um lago, tem uma coisinha para... p'ós aviões, tem outra pr'ós... pr'ós barquinhos e p'tanto aí também trazemos alguns turistas, mas sabe que a Maia não é uma zona turística, é uma zona semi-industrial e... o, o qu' o turista procura é... o que é? Ág [hesitação]... é Vinho do Porto, é... o mar, ou então é um passeio fluvial, aqui o que pode ver a paisagem [!], tem muita paisagem mas nós não somos eu não me posso considerar um concelho turístico, embora, não sei se sabe ou não, mas como poveira é capaz de saber o... o Aeroporto de Pedras Rubras é na Maia [o E. fez um sinal de assentimento]... embora se chame o aeroporto do Porto [o E. fez um sinal de assentimento]... mas fica situado na Maia... 90% é na Maia, portanto... os principais turistas que vêm aí aterram na Maia [o E. fez um sinal de assentimento] [risos]... [presidente da câmara municipal da Maia, 55 anos, PPD/PSD]

Destaca dois elementos. Primeiro, um empreendimento: a *Nova Maia* no Parque de Ciência e Tecnologia da Maia, que será um Parque da Cidade, o segundo maior da AMP depois do Parque da Cidade do Porto, e com fins de lazer associados. Segundo, uma aspiração política: criar na Maia um *Campus de Saúde*. Segundo o autarca, a Maia cresceu do ponto de vista dos níveis primários do desenvolvimento local: água e saneamento básico em todas as freguesias do concelho; tratamento dos esgotos que desaguam no rio Leça a partir de 3 ETAR's; construção de uma central de compostagem ao nível das europeias; e substituição das tubagens de água já existentes para mais 50 anos. Para além de referir a dotação do concelho em equipamentos desportivos – nomeadamente pavilhões municipais, pólos desportivos distribuídos pelas freguesias e ocupados pelas escolas e pelas colectividades do concelho, estádios de futebol e aeródromo – e equipamentos culturais, destaca a qualidade da habitação social maiata – mais barata do que nos outros concelhos e segundo ele com qualidade residencial – e os serviços de apoio

para as crianças e idosos – creches e jardins-de-infância e centros de dia e lares. Na educação, releva a cobertura equilibrada e em todo o concelho da rede escolar.

O discurso assenta, à semelhança dos seus homónimos, nas dificuldades inerentes a estes processos faseados do desenvolvimento: a falta de tempo e as contingências orçamentais – um período de menores financiamentos e de crise política e económica do país; a burocracia na tomada de decisões e a centralização dos processos administrativos. Se pensarmos em termos de *política cultural* para o concelho, indicia-se no discurso do autarca a tónica na construção de equipamentos locais para fins de lazer e desportivos e na diversidade das actividades até ao momento realizadas. Associa-a a outras vertentes de crescimento do concelho; contudo, critica, e quando alude à falta de espírito metropolitano na AMP, a construção de grandes equipamentos desportivos - como os grandes pavilhões e as piscinas olímpicas - cujos usos ficam aquém do investimento financeiro feito.

(...) tou a falar em termos no aspecto cultural, por exemplo temos uma conservatória, temos umas, temos as bibliotecas distribuídas pelo concelho, temos o mini-básico que vai às escolas com uma biblioteca, temos auditórios praticamente que cobrem todos os... as freguesias do concelho, temos museus... realizamos um número de congressos, neste momento 'tamos a realizar o Festival de Teatro Cómico, p'ò ano é a décima edição... realizamos a Feira de Artesanato... a Feira das Velharias, uma inúmera série de coisas em termos, a Bienal, qu'est'ano foi um sucesso a bienal e muitas outras feiras e muitos outros congressos, só p'a lhe dizer que o nosso Fórum 'tá ocupado 365 dias por... por ano e 'tamos sempre a rejeitar, tivemos que comprar um cinema que foi o cinema aqui em frente que é o Cinema Fedepor, para também dar já alguma... alguma folga ao nosso Fórum porqu'os pe [hesitação], os pedidos eram muitos, os pedidos de conferências, tivemos cá o Jacques Santer há coisa de 8 dias nas PME's e temos tido altas figuras a... a nível político e a nível desportivo e não só aqui na Maia (...) [presidente da câmara municipal da Maia, 55 anos, PPD/PSD]

Quando observamos o discurso do presidente da edilidade de Valongo algumas similitudes se apresentam. O concelho tem características industriais e rurais, estas últimas mais diluídas mas ainda presentes, um pouco à semelhança do concelho da Maia. O discurso do presidente de câmara salienta, em simultâneo, e com maior vinco, as *dimensões culturais do desenvolvimento local* e as *dimensões primordiais do crescimento* e do *desenvolvimento qualitativo* do concelho. Quando caracteriza o concelho, e no momento anterior ao da sua entrada para a câmara,

refere-se ao atraso estrutural do ponto de vista das infra-estruturas básicas. O seu papel político quanto ao processo de desenvolvimento do concelho traduz-se, deste modo, em três grandes momentos: um *primeiro momento* de construção de infra-estruturas básicas de água e saneamento e tratamento dos esgotos - nalguns aspectos ainda em curso porque nem todo o concelho tem estas componentes resolvidas - e da construção das vias e acessibilidades ao concelho; um *segundo*, de construção e de animação dos equipamentos culturais e desportivos; e um *terceiro*, que corresponde ao mandato em que a entrevista teve lugar, em que as apostas da equipa executiva se situam, estrategicamente, nas áreas do *ambiente*, da *(re)industrialização* e da *criação da nova centralidade* no concelho e na cidade de Valongo.

(...) bom... resolvida essa fase das necessidades básicas passamos a uma segunda fase... a fase cultural... então o que é que nós fizemos? Fizemos um centro cultural em cada freguesia... um centro cultural de qualidade, todos têm uma biblioteca... todos têm uma sala para espectáculos... e fizemos 3 museus... no concelho, bom... houve aqui um investimento na, no aspecto cultural muito grande [o E. fez um sinal de assentimento]... [presidente da câmara municipal de Valongo, 66 anos, PPD/PSD]

Começa por caracterizar o concelho como *concelho dormitório* do Porto durante anos, particularmente nos anos 80 e 90, mas que progressivamente veio a adquirir autonomia face àquele, do ponto de vista socioeconómico, residencial e cultural. Relativiza, à luz do espírito metropolitano, as distâncias territoriais e as centralidades funcionais, considerando que Valongo é Grande Porto, o que significa que territorialmente, e atendendo às acessibilidades¹⁵, é o mesmo residir no Porto ou em Valongo. Destaca, no terceiro momento do seu projecto político, a construção de uma nova centralidade, uma nova cidade, que com uma área de lazer potenciará o desenvolvimento dos serviços e da educação e formação. Associado a este projecto, o investimento no sector industrial, com a criação de zonas industriais nas

¹⁵ Tal como o autarca da Maia considera ter o seu concelho as melhores acessibilidades, o de Valongo reitera o mesmo: *Ora em termos de acessibilidades... Valongo... é o concelho do... de toda a, o Distrito do Porto que tem melhores acessibilidades, tem uma Auto-estrada com 3 saídas no próprio concelho, portanto nós temos 3 saídas aqui... à Auto-estrada e vamos ter agora o IC24 não é...* [presidente da câmara municipal de Valongo, 66 anos, PPD/PSD]

freguesias de Alfena, Sobrado e Campo, esta última com um projecto charneira para o município: a construção da Central Rodo-Ferroviária do Norte (RODOFER) que permitirá as ligações para Espanha e para as regiões do país. Avançou também prioridades na área da construção de habitação para casais jovens (habitação a custos controlados) e de habitação social. A ruralidade do concelho mantém-se, particularmente nas freguesias de Sobrado e Campo, para além de Alfena, uma freguesia semi-urbana/semi-rural, e articula-se, estrategicamente, com o investimento na área da cultura ao revitalizar-se as tradições populares.

(...) criamos várias zonas industriais... aqui... por exemplo temos uma em Alfena com... com Trade Center já, com... 100 empresas, mas assim uma coisa interessante com uma zona de serviços, com um... portanto como deve ser... p'ra 350 empresas, mas neste momento já lá temos 100... p'tanto foi já assim um avanço grande. Ermesinde tem também uma zona industrial, mas... mais pequena... porque é, é muito populoso e não tem, tem uma área muito pequena, Ermesinde teve 45 mil habitantes [sorrisos] e tem 7 Km [o E. fez um sinal de assentimento]... de... extensão e largura, não tem mais, portanto ali não havia [o E. fez um sinal de assentimento] hipótese, portanto... a zona industrial que há é na... na Formiga, junto ao Colégio da Formiga... e portanto que é um... que é uma peça do ponto de vista arquitectónico muito interessante... e que fica ali por trás da casa... onde... faleceu o Bispo... Dom António... Ferreira Gomes... portanto isto está cheio de lo [hesitação] locais... com [o E. interveio]... (...) com história, pronto, depois vou-lhe falar nalguns... portanto, pronto... tem essa zona industrial, há uma outra zona industrial que é em Sobrado... Sobrado que é uma freguesia rural... mas que teve lá uma grande indústria que quando faliu foi uma tragédia, foi a CIFA, tinha 5 mil funcionários [o E. fez um sinal de assentimento]... (...) portanto temos a d'Alfena, a de Sobrado, a d'Ermesinde que é a mais pequena, aqui... Valongo não tem propriamente zona industrial, mas tem uma indústria que tem 2 mil funcionários... portanto o que me assusta [!]... porque toda a empresa que tem assim muitos funcionários, se um dia há um problema qualquer... é trágico, e temos Campo, Campo é onde estamos a fazer a grande... zona industrial, são cerca de 300 hectares, portanto é uma coisa muito grande e neste momento já está... a ser feita lá... a, uma central rodo-ferroviária, portanto vai ser a central rodo-ferroviária daqui do norte, portanto é a RODOFER e portanto a RODOFER está a construir já isso portanto como a zona é atravessada pelo caminho-de-ferro conseguiu-se coordenar e tem importância, tem muita importância, não só pelo escoamento normal dos produtos como até p'ra ligação a Espanha... [presidente da câmara municipal de Valongo, 66 anos, PPD/PSD]

Quando confrontado com os traços culturais da intervenção política municipal, o autarca enuncia aspectos que nos indicam prioridades de actuação. Em primeiro lugar, a *política cultural* tem-se traduzido na construção de equipamentos culturais a partir da recuperação de imóveis com interesse arquitectónico e histórico. Foi prioridade da câmara construir um centro cultural em cada uma das 5

freguesias, desde as mais rurais (Sobrado, Campo e Alfena) até às mais urbanas (Ermesinde e Valongo), dotando-os de espaços polivalentes como, por exemplo, auditórios, salas de exposições e bibliotecas. Do ponto de vista do desporto, acentua a construção dos equipamentos básicos – piscinas cobertas e pavilhões desportivos para as diversas práticas desportivas – e da educação, a construção do parque escolar, atendendo à explosão demográfica, associada à explosão da construção civil, de que foi alvo o concelho. Em segundo lugar, e na sequência desse trabalho, o edil considera que Valongo e Ermesinde têm autonomia cultural face à centralidade cultural do Porto¹⁶. A oferta municipal integra espectáculos de música e de dança moderna, como exposições de pintores consagrados portugueses e internacionais. Da mesma forma, a própria câmara adquire espólio artístico, ao nível das artes plásticas, para constituir uma colecção própria, num sentido estético – salvaguardando os interesses artísticos do próprio edil – mas, igualmente, num sentido de economia da cultura e da arte, dotando os equipamentos municipais de bens culturais, neste caso artísticos.

... portanto... pronto, é realmente... são as galerias [o E. fez um sinal de assentimento] o sítio onde tem os se [hesitação], onde eram os fornos... portanto é um, neste momento nós temos... museu, portanto a parte... dos fornos é a parte museológica [o E. fez um sinal de assentimento], em cima há uma sala de espectáculos [o E. fez um sinal de assentimento], e depois há mais 2 salas de exposições [o E. fez um sinal de assentimento] e ainda, e tem ainda um corredor que nós dedicamos normalmente para a escultura... portanto temos normal [hesitação], temos 10 salas que nós dedicamos mais à pintura... e outro tipo de exposições, por exemplo de arquitectura, ainda agora o arquitecto Souto Moura... Souto Moura fez lá uma exposição p'tanto e tivemos lá uma exposição que foi considerada no, no ano... passado a melhor exposição a nível nacional... porque ti [hesitação] tivemos desde Silva Pinto, Alfredo Caeiro... portanto todos os pintores portugueses p'tanto do... clássicos, não é... passando depois pelos Medinas e entr [hesitação] e entrando no Júlio Resende, nos, na... na...ai [!]. no Amadeu de Sousa Cardoso, etc., etc., etc., tivemos tudo isso exposto na mesma altura... lá... que fo [hesitação], eram 130 obras-primas [o E. fez um sinal de assentimento]... veja... foi realmente uma coisa que ainda hoje me deli [hesitação], delicio só de pensar que... que consegui proporcionar à população uma coisa muito bonita. Por outro lado, comprei um espólio também... de pintores aqui p'ró concelho, temos aqui... pronto

¹⁶ Como refere num tom irónico e sorridente: (...) *durante muitos anos Valongo e Ermesinde foram dormitórios do Porto, não é [?]... hoje já têm... muita autonomia portanto quer sob o ponto de vista cultural [o E. fez um sinal de assentimento], no ano passado dizia-se que em termos de cultura, e em termos de espectáculos e qualidade dos espectáculos, que o Porto 2001 que era em Valongo...e. ... pronto foi, foi engraçado, porque na realidade o nível, já tivemos por exemplo Tom Sullivan, por exemplo veio cá, o Ballet da Gulbenkian veio, não é, temos conseguido trazer aqui o que há de melhor... no ponto de vista, sob ponto de vista cultural...[presidente da câmara municipal de Valongo, 66 anos, PPD/PSD]*

António Carneiro... Medina, até temos aqui vários... clássicos e temos também alguns modernos, no Museu daqui de Valongo... que foi construído na, no edifício da antiga Câmara, que é o único edifício da época pombalina existente no norte de Portugal... portanto há um conjunto de... [*presidente da câmara municipal de Valongo, 66 anos, PPD/PSD*]

É interessante focalizar a perspectiva de formação de públicos do autarca: não há desenvolvimento de um concelho se não houver desenvolvimento cultural. Concebe ser um trabalho difícil, moroso e persistente, e que exige investimento financeiro. Projecta fazer mais investimento na *oferta cultural cultivada* (mais espectáculos e mais concertos regulares) para mudar mentalidades e formar pessoas. Considera o investimento político e financeiro na área da cultura uma vitória política e social do concelho, investimento este que tem sido feito, de igual modo, com actividades de formação entre associações e criadores culturais locais, articulando o trabalho do município com o dos actores locais.

... pronto, sem, sem ser, quando eu digo pela força é impingindo-lhes coisas, não [!], quer dizer quero que as pessoas gostem e quero que se habituem a pensar... numa forma diferente em relação, porque quando nós começamos as apostas na cultura... a princípio as pessoas não estavam nada receptivas... nada receptivas [!][*o E. fez um sinal de assentimento*]... e... e ao fim de... digamos dum ano começaram... começaram-se a ver resultados [*o E. interveio*]... e depois têm-se vindo a ver os resultados, sucessivamente [*o E. fez um sinal de assentimento*]... mas foi um esforço muito grande, eu as primeiras vezes, a primeira tal [!] o primeiro concerto só me faltou chorar [*risos*]... porque na realidade pronto é.. é complicado, não é... não, mas... há todo um conjunto de coisas... que se tem feito e que me dão muita, muita satisfação, porque há evolução... no sentido positivo. (...) eu acho que... ter uma Biblioteca... razoavelmente... bem montada em cada freguesia, e uma sexta central... não há, não há concelho nenhum em Portugal que tenha um... uma coisa assim... nenhum município tem uma biblioteca em cada freguesia e... eu gostava que depois fosse aos centros culturais porque vai ver que os centros culturais... são realmente... muito importantes, foram muito bem concebidos, foi uma aposta muito [!] forte que nós fizemos e nós fazemos todas as sextas... [*o e.2 interveio*] ... todas as quintas... isso é o Museu da Lousa, em baixo está instalado o Museu da Lousa... todas as sextas e sábados nós fazemos espectáculos... nos centros culturais e... temos um acordo quer com um grupo de teatro profissional... que não só dá espectáculos aqui como faz acções de formação nos... pr'os grupos de teatro, temos muitos [!] grupos de teatro [!]... amadores aqui, muitos [!] e temos já um grupo de teatro profissional que faz acções de formação com eles... temos muitos grupos de dança... eu não exagero são... 20 e tantos grupos de dança, pronto e nós inclusivamente utilizamos esses grupos para fazerem... as suas acções e fazerem os seus espectáculos... [*presidente da câmara municipal de Valongo, 66 anos, PPD/PSD*]

No caso da Póvoa de Varzim, *concelho da orla marítima* e de tradições piscatórias e balneares, o discurso do autarca estrutura-se em torno de um *conceito*

de cidade cultural e turística e não tanto de um concelho com estas mesmas características, ressaltando, de certa forma, que o investimento político tem sido feito nalgumas potencialidades culturais e turísticas que a própria cidade tem. Do ponto de vista do desenvolvimento assumiu que resulta de uma pluralidade de factores – revelando uma concepção global do desenvolvimento económico e social do concelho – e, no caso da Póvoa de Varzim, de um programa eleitoral concreto, apresentado a um candidato sem passado e experiência políticas, mas interessado na mudança e no rumo estratégico da cidade.

(...) como cidadão atento do meu país e da minha cidade, eu sentia-me... profundamente desgostoso com o, o rumo que a cidade da Póvoa de Varzim teve no período de 75 a 90. De tal maneira que levou à perda, à perda de auto-estima, dos poveiros, levou... a um desenvolvimento caótico e anárquico... sob o ponto de vista urbanístico, sob o ponto de vista de desenvolvimento estratégico não havia, o... ao ponto de... não haver uma... uma, uma política cultural, uma política de desenvolvimento urbanístico, um, uma, uma total desorientação em termos estratégicos de desenvolvimento das cidades competitivas que cada vez mais hoje as cidades têm que se propor... de... tal qual como as empresas... numa forma competitiva [o e. fez um sinal de assentimento] ... e isto o... há um conjunto de problemas infraestruturais desde a falta de acessibilidades... infra-estruturas... básicas por resolver, saneamento básico, a água, o, o tratamento dos lixos... enfim, uma cidade que estava em 1900, em Janeiro de 1994, quando nós, quando nós tomámos posse, digamos que era uma cidade que descaracterizada, cuja população não tinha auto-estima e que precisava dum ideia dum projecto... [pausa] [presidente da câmara municipal da Póvoa de Varzim, 53 anos, PPD/PSD]

A caracterização que faz da cidade antes do início do seu primeiro mandato reflecte tendências que, de alguma maneira, constatamos noutros concelhos da AMP: ausência de uma política de ordenamento do território e urbanística, e de uma política cultural estratégica; não cumprimento dos níveis primários do desenvolvimento: infra-estruturas, acessibilidades, água e saneamento, tratamento de lixos. E acrescenta, uma cidade *sem auto-estima e identidade local*. Parte do conceito de desenvolvimento político e social da cidade no sentido de ter um *gestor da cidade* (o gestor da *polis*) com um projecto de *desenvolvimento sustentável*. Este projecto integra, segundo o edil, três momentos: o *primeiro*, que passou pela reorganização administrativa dos serviços da câmara e pela contratação de equipas para determinados projectos; pela satisfação das necessidades básicas da cidade e do

concelho (água e saneamento e tratamento dos lixos); e pela construção de infra-estruturas, acessibilidades e instrumentos de gestão urbanística controlada. Assume uma tríade de acção relevante, se pensarmos no contexto político local anterior: *observar* a situação, *fazer o diagnóstico* e *actuar*. Pressuposto de actuação política, diríamos, transversal às equipas de eleitos locais que tivemos a oportunidade de entrevistar. O *segundo*, passou por lançar outras necessidades básicas, a partir da orientação estratégica direccionada no sentido da cultura, do turismo e do lazer, tentando reanimar a auto-estima local da população e dotar a cidade de grandes equipamentos (culturais e desportivos), reactualizando algumas das características que a Póvoa tinha nos anos 50 e 60, com um particular investimento nos arranjos urbanísticos e na marginal marítima. O *terceiro*, que corresponde ao momento actual à data da realização da entrevista, implica o investimento na *qualidade de vida dos cidadãos munícipes e dos que visitam o concelho*, no alargamento do saneamento a todo o concelho, na construção da primeira fase do Parque da Cidade, com uma componente desportiva e uma componente de lazer, na construção da ETAR para tratamento das águas da praia, na conclusão das vias rodoviárias, e na conclusão do Plano de Urbanização para racionalizar o novo crescimento da cidade. Reconhece que é necessário, numa lógica de desenvolvimento, planear de modo reflectido os investimentos em grandes equipamentos culturais, desportivos e educativos¹⁷.

Havia que fazer novamente o relançamento doutras necessidades básicas em termos de... orientação estratégica da cidade para a tal cidade do, do turismo, da cultura, do lazer. Isto é, feitas as acessibilidades, feitas as, as, as, o melhoramento urbanístico das ruas, das praças... da frente de mar, portanto, procurando com isto o quê? Procurando... ganhar a auto-estima, que as pessoas ganhassem a sua auto-estima, o orgulho [!] do poveiro, o orgulho de ser poveiro... buscando a história da cidade como cidade, uma cidade inicialmente pequena cidade, de pescadores mas que depois já no desenvolvimento do século XIX, no início do século... no final do século XIX e sobretudo, nos, nos primeiros, nos primeiros 20 anos do século XX... seguindo uma estratégia na altura que estava na moda, que era também as cidades marítimas, as cidades casino, até aos anos 30, 35, as, uma filosofia... que era as cidades casino em que eram cidades marítimas... do, do Atlântico,

¹⁷ Como afirma: *eu acho que esta, este, esta falta de, de estratégia que é muito comum nos portugueses, de cada um ter a sua quintazinha e... e, e falta de, falta de grande, de grandes princípios orientadores e de aglutinação é fundamental em termos de desenvolvimento para a produtividade das cidades* [o E. fez um sinal de assentimento], *porque se nós não tivermos qualidade nós não podemos competir... e portanto, este é muito importante...* [presidente da câmara municipal da Póvoa de Varzim, 53 anos, PPD/PSD]

começou lá em cima em Biarritz, Santander, San Sebastião [sic]... Póvoa de Varzim, Espinho, o... Figueira da Foz... e Lisboa. Isto correspondia na época, de 1935 a cidades que... as pessoas começaram a... a frequentar como forma de lazer mas também de terapia, da helioterapia, terapia pelo sol... e portanto uma nova moda, uma nova moda que, uma nova moda de lazer que era a... a talassoterapia e a helioterapia, portanto tratamento das águas do mar, salgada, e o trata [hesitação], ah! E banhos quentes e o tratamento do sol que hoje é tão apreciado em todo o mundo... bom... e a cidade desenvolveu-se à volta disto, à volta disso desenvolveu-se toda uma outra actividade como: construiu-se também o teatro... o passeio marítimo e portanto a cidade desenvolveu-se... neste sentido e, e foi nessa altura considerada a Cascais do Norte! Porque as pessoas, dada a sua qualidade, e essa grande visão que um grande Presidente da Câmara... teve na altura que foi o Dr. David Alves, que projectou a cidade nesse sentido! ... Tendo essa visão já estratégica a cidade dos anos 60 da Póvoa de Varzim era uma cidade top [!] no Norte de Portugal, era digamos que a cidade do lazer e, e banhar por excelência. Bom, os anos passaram, e como tudo na vida... se nós não contemporizarmos o desenvolvimento e se não estivermos permanentemente preparados pr'ó futuro e com novas soluções para a competitividade das cidades, nós... perdemos, perdemos... essa competitividade, de, de cidade excelência. E foi o qu'aconteceu com a Póvoa de Varzim. [presidente da câmara municipal da Póvoa de Varzim, 53 anos, PPD/PSD]

Reconhece que o concelho tem potencialidades económicas e culturais, marcado ainda pela associação entre urbano e rural, e com actividades tradicionais residuais como a pesca (alvo de emigração dos pescadores em trabalho sazonal para o sul do país e o norte de Espanha). A agricultura, a horticultura e a agro-pecuária são ainda marcantes nas freguesias do concelho; o comércio, o turismo, uma pequena indústria na cidade e uma forte pequena indústria no concelho (no Parque de Laúndos), constituem sectores de actividade que, segundo o autarca, constam do plano de desenvolvimento mais global. Sugere um equilíbrio entre estas dimensões do desenvolvimento a partir da formação profissional, das acessibilidades, do investimento privado e público na melhoria de produtividade e do emprego local (por exemplo, na agricultura, com o apoio às associações de agricultores e de produtores de gado e de leite), e na dotação de uma rede de equipamentos educativos e de apoio social básicos. Perspectiva, de igual modo, que Póvoa de Varzim é uma cidade autónoma face às demais limítrofes e às da própria AMP, com especificidades económicas e pendulares, com sinergias de actividades e de pessoas, e com grandes acessibilidades, o que a torna uma cidade de residência e de segunda residência e não uma *cidade dormitório* do Porto.

Quando perspectiva a *política cultural*, perspectiva-a em consonância com a vertente turística. O investimento nestas áreas não se dissocia da criação das acessibilidades a norte, com a ligação ao norte e à Galiza, mercado potencial de turistas, e ao interior do Vale do Ave e do Cávado, outro potencial mercado turístico para o concelho. Curiosamente, e pela especificidade deste traço, que em nenhuma outra situação de entrevista verificamos, faz uma associação particular entre cultura, desporto e turismo, integrando o futebol - o clube da cidade e a identidade em torno do clube local - e a formação das camadas juvenis na prática desportiva. Perspectiva o futebol na sua dupla vertente desportiva e económica. Como refere:

(...) o Varzim é um clube emblemático que representa um pouco o carácter e o temperamento das, das pessoas da terra e hoje o futebol é, um, um desporto e um espectáculo mediático, e portanto em termos de projecção da cidade, em termos de projecção dos media é importante, e foi uma das grandes apostas também foi na ressuscitação do nosso Clube para a primeira divisão e assim conseguimos-lo, trouxemos da terceira divisão num espaço de 3 anos, trouxemos da primeira divisão... praticamente da terceira divisão à primeira divisão, e hoje o Varzim é... respeitado, e tem uma grande projecção mediática. Isso é importante pr'às cidades! Em termos de mobilização das pessoas, em termos de... identificação com o próprio, com o próprio, com a própria população, em termos de apoio de massas e em termos de desenvolvimento económico, porque hoje o futebol já não é um desporto, é um espectáculo e isso custa muito dinheiro e portanto implica grandes investimentos. Portanto, um município pobre não pode ter um clube na primeira divisão... e só se pode manter na primeira divisão dada a grande competitividade, eu penso qu'este é um modelo de, de referência p'ra si... pode ser um modelo de referência p'ra si... em termos de barómetro! Barómetro de desenvolvimento duma cidade... a que nível os seus clubes, por exemplo, na alta competição consegue a sustentabilidade? Se esses, se esses clubes que estão na alta competição têm sustentabilidade, é porque o teu município tem sustentabilidade económica! [o E. fez um sinal de assentimento] [presidente da câmara municipal da Póvoa de Varzim, 53 anos, PPD/PSD]

Do ponto de vista turístico, e avaliando o investimento feito fora da cidade e no concelho, ressalta a recuperação do património (centro histórico de Rates e as masseiras agrícolas), as investigações arqueológicas (Cividade de Terroso), e o apoio a áreas de lazer numa freguesia que tem um culto religioso em torno da Santinha de Balasar, procurando fomentar, à semelhança de algumas cidades das Astúrias, nomeadamente Covadonga, o *turismo religioso*. Prevê, e sugere, à luz do espírito metropolitano, uma convergência de sinergias ao nível dos equipamentos culturais e desportivos e do investimento turístico na Região Norte.

(...) quem fez uma entrega total, interrompeu a sua profissão... de que gosta muito, e fez uma entrega total ao longo destes anos... dalguma forma sente-se compensado pelo seu trabalho e... fundamentalmente por duas coisas: primeiro, pelo reconhecimento popular em três eleições, isto é, que o povo percebeu, o povo acredita em nós e percebe o sentido do nosso projecto... terceiro, nós reconhecemos na prática que... a aposta que fizemos... no sentido da cidade da excelência, do turismo, numa certa especialização, não descurando obviamente... o desenvolvimento doutras actividades que essa é a riqueza da Póvoa de Varzim, porque ela não vive só do comércio, do, da, da, da época balnear... do turismo mas também... da horticula a norte, da agro-pecuária a nascente e da pequena indústria sobretudo em termos de emprego, de tal maneira que hoje somos um, um... um, um... um município que tem... quase pleno emprego, 4%, 5% o que, em termos europeus praticamente não existe desemprego, o que dá uma grande coesão, qu'esse o grande objectivo do político, o político é fazer com que a cidade e o seu concelho funcione, com coesão... com... qualidade de vida... tendo, tendo um projecto que seja sustentável em termos de competitividade com as outras cidades e eu acho qu'isso nós conseguimos mas somos mais ambiciosos e queremos passar desta cidade regional para, para uma cidade referência em termos, em termos de... grande região do Norte do País e Galiza, p'tanto Noroeste Peninsular e... p'ra isso precisamos ainda mais duas coisas: é a ligação da auto-estrada da Póvoa de Varzim-Viana do Castelo-Valença, porque... esta infra-estrutura que existe de, de, de Valença, de Vigo-Valença... passa por Braga e, e, e alguns dos turistas aqui do Norte da Galiza que é um dos nossos... mercados alvo... passa um pouco ao lado... da cidade da Póvoa de Varzim e acho que é fundamental esta infra-estrutura e p'ra isso estamos à espera que o governo avance a auto-estrada... Viana do Castelo-Valença uma vez que já é possível ir d'auto-estrada daqui a Viana e esta ligação directa é fundamental [o E. fez um sinal de assentimento] em termos de, de, de, de desenvolvimento, e a outra, a outra acessibilidade que é a ligação ao interior do País porque... grande parte desse mercado que nós temos, mercado chamados banhistas, vem do interior do País e vem de Fafe, a partir de Fafe, Vila Real e Bragança, e é fundamental esta ligação a Chaves, portanto ligação, complementar a ligação de Póvoa-Famalicão... Famalicão-Guimarães-Fafe já está e depois o resto até Chaves, isto nos próximos 2 anos será concluído e portanto em termos de, de acessibilidades a Póvoa fica... extremamente bem colocada... e portanto o, é esta a ideia base do desenvolvimento [o E. fez um sinal de assentimento] da tal cidade do turismo, do lazer e... da cultura. [presidente da câmara municipal da Póvoa de Varzim, 53 anos, PPD/PSD]

No caso de Espinho, outra cidade e concelho da *orla litoral*, e com passado turístico balnear, o discurso do autarca pauta-se por um traço muito semelhante aos dos demais quando perspectiva o desenvolvimento do seu concelho por confronto directo com os mandatos dos seus antecessores. O autarca pondera, por um lado, a área e a população do concelho, residente e flutuante ao longo do ano, não apenas por efeito do *turismo balnear*, mas sobretudo pelas actividades de pequeno comércio, e, por outro, a impossibilidade territorial em desenvolver-se por via do sector industrial tradicional. Nesse sentido, considera que o princípio básico do desenvolvimento estratégico do concelho passa pelos serviços e, segundo o plano estratégico encomendado, pelos serviços associados ao turismo. O plano de

desenvolvimento passou por dotar o concelho de equipamentos desportivos e culturais, com níveis de ocupação nacional e internacional ao longo do ano, por requalificar, em momentos faseados, a parte norte da cidade, a parte sul, a parte da beira-mar e a parte central, esta última com o projecto de enterrar a linha de comboio que atravessa a cidade. Posiciona muito o seu discurso em termos de cidade, e da cidade de Espinho, indiciando-se, um pouco à semelhança do autarca da Póvoa de Varzim, uma centralidade discursiva no desenvolvimento da cidade de Espinho. Reconhece que quando chegou à câmara, em 1993, o concelho tinha um nível adiantado de satisfação das infra-estruturas de saneamento e água, o que lhe permitiu investir noutras áreas – cultura e desporto – que, associadas, potenciam a oferta e a procura turísticas do concelho. Actualmente, continua a investir nos *equipamentos desportivos e culturais*, na melhoria dos acessos à cidade e para fora da cidade, e na redução dos focos de pobreza absoluta no concelho, nomeadamente na cidade de Espinho. Salaria outras áreas prioritárias de intervenção: a construção da habitação social com qualidade residencial, o tratamento das águas do mar e das ribeiras, e a segurança urbana do cidadão.

(...) básico, básico num concelho normalmente nos tempos que correm... chama-se água, rede de distribuição d'água, chama-se rede de saneamento. Nós felizmente a esse nível 'távamos bastante adiantados, p'tanto os autarcas que me antecederam fizeram um bom trabalho nesse aspecto, tenho que reconhecer isso, aliás sempre reconheci... infelizmente Espinho a outros níveis estava completamente... a zero, mas nesse aspecto e é, esse aspecto é um aspecto importante porque são dos investimentos mais difíceis de fazer, e esse é um dos maiores problemas deste país... porque lá está, as pessoas gostam de fazer coisas que se tornem muito visíveis, e o saneamento básico ente [*hesitação*], é enterrar dinheiro, é enterrar dinheiro e incomodar as pessoas, porque quando se fazem buracos p'a meter o saneamento básico as populações reagem mal, quando se gastam milhões de contos a enterrar o saneamento básico as pessoas não se apercebem disso, mas se em vez duns milhões de contos gastar... 10 ou 20 mil contos a fazer um jardim muito bonito em frente da, da, dumas habitações, as pessoas ficam felicíssimas e portanto isto é muito complicado [!] e de facto neste país optou-se muito... em muita, numa grande parte do concelho optou-se muito pelas tais obras de fachada, pelas tais coisas bonitas que se vêem e que... obviamente... são simpáticas p'ras populações esquecendo as infra-estruturas básicas das quais depende uma boa qualidade de vida e que é... decisivo para um país que pretende viver do turismo... quer dizer ninguém vem p'ra Portugal hoje, passar férias... sem saber se há saneamento básico, se há água, mas alguém vai hoje para o Algarve, para uma zona em que se sabe que durante o mês de Agosto vai falhar a água [?], as pessoas não vão [!], e, e, e o grau de exigência está a aumentar, porque as pessoas hoje perguntam-me, e como é que é o hospital? Quais são as valências que tem?... Como é que é a rede de transportes? O aeroporto fica a quanto, a quanto tempo?... As pessoas hoje querem saber isso tudo. Como é

que é a segurança? São aspectos extremamente importantes, e... bom nós aqui em Espinho de facto tínhamos algumas coisas e tínhamos algumas coisas boas, e continuamos a ter, mas é evidente que estas coisas não se mantêm eternamente, elas têm que ser renovadas, e nós temos vindo a renovar e vamos continuar a renovar. Neste momento nós...achávamos que era preciso... agarrar bem... o aspecto turístico [*o E. fez um sinal de assentimento*]... os, e a, e a, e a, e a, e a, e portanto para isso era preciso desenvolver o turismo de cultura e o turismo de desporto, e isso nós avançámos nesses sectores, e obviamente nós não acabámos essa obra (...)
[*presidente da câmara municipal de Espinho, 51 anos, PS*]

Desta forma, articula o desenvolvimento económico-social com a dotação de equipamentos culturais e desportivos, considerando-o um princípio estratégico ao longo do seu mandato. Os equipamentos hoteleiros já existiam, mas não com a qualidade e localização desejadas. Os eventos desportivos (por exemplo, o Campeonato Mundial de Andebol realizado na Nave Desportiva) e culturais (o Festival Internacional de Animação - Cinanima e o Festival Internacional de Música) mobilizam, todos os anos, públicos para o concelho. Associados à recuperação de espaços com valor arquitectónico e histórico local (a Fábrica Brandão Gomes & Companhia), surgem espaços para exposições, conferências e cinema e, no mandato presente, um centro cultural (o designado FACE – Fórum de Arte e Cultura de Espinho, ainda em construção). Os planos de requalificação da cidade têm acompanhado os três mandatos do autarca. Defende, de igual modo, e à semelhança de outros testemunhos políticos, uma visão de desenvolvimento turístico alargado, integrando a Região Norte e o norte da Galiza, e uma política de desenvolvimento cultural e turístico que rentabilizaria mais e melhor a sua rede de equipamentos se fosse perspectivada em termos metropolitanos e regionais.

(...) Espinho tinha que se desenvolver por esta via e portanto tinha que apostar... no turismo nomeadamente, mas desde logo tem um pequeno problema porque... quando se fala em turismo em Espinho desde há muitos anos pensa-se sempre no Verão, pensa-se sempre no sol... e no mar, e é evidente que todos nós sabemos que hoje... isso só por si não resolve qualquer problema, porque temos que ter consciência que ninguém vem para Espinho para fazer 15 dias de férias a tomar banho na praia... ninguém [!], antigamente isso acontecia, também acontecia com muito pouca gente como, porque há aqui um grande engano das pessoas quando dizem: «Antigamente é que era bom! Porque as pessoas vinham... para Espinho... passar...», mas vinham quantas? Não havia hotéis... as pessoas alojavam-se em apartamentos que algu [*hesitação*] que algumas outras pessoas libertavam durante aquele período e indo viver em condições menos apropriadas para casa de familiares, portanto o número de pessoas que de facto fazia esse tipo de férias era muito... muito diminuto... e portanto... os hotéis também não havia... portanto, onde ficavam as

pessoas? Essa é uma interrogação... que tem... que ser feita. Bom mas é evidente que hoje é que não há praticamente nenhuma possibilidade de se admitir que, que venham uns milhares de pessoas para Espinho, para durante 15 dias estarem aqui só a fazer praia... isso é uma coisa que não existe, em primeiro lugar porque... as pessoas hoje têm outros destinos como nós sabemos, se calhar até... a preços mais aceitáveis, como nós sabemos também, por outro lado tem... tem outro tipo d'água... com outra temperatura... e isso são coisas que nós não podemos resolver, mas... este aspecto... sol e mar é um aspecto extremamente importante, que tem que ser levado em conta no próprio desenvolvimento de Espinho, desde que acompanhado de... de, de, de outras coisas, daí que nós tenhamos apostado em desenvolver Espinho... pensando no turismo de desporto, pensando no turismo de cultura, pensando no turismo de conferência e aproveitando naturalmente a sua localização e o facto de ter... sol e mar... esse é um, é um, é um bem também que não podia de alguma forma ser desaproveitado... (...) É evidente que nós... pensamos... que... todas estas coisas... só... só, só serão importantes se contribuírem para um desenvolvimento harmonioso, esse desenvolvimento harmonioso do concelho exige cuidados aos mais diversos níveis... nomeadamente no aspecto urbanístico. O aspecto urbanístico é essencial para qualquer cidade, para qualquer concelho e eu penso sinceramente que... esse é talvez dos aspectos mais negativos que nós temos em Portugal... o aspecto urbanístico... Quem conhece bem este país sabe que foram cometidos autênticos atentados... por aí fora, nomeadamente na zona litoral, coisas difíceis hoje de remediar e que vão deixar marcas para toda a vida. Portugal é um país que para se desenvolver bem, deve fazê-lo... considerando como sector vital o turismo... mas... o, o... para que o turismo possa desenvolver-se... dessa maneira têm que ser acauteladas diver [hesitação], acautelados diversos aspectos, e este aspecto, o aspecto urbanístico é talvez dos mais importantes, este porque tem a ver com o ambiente, tem a ver com a qualidade de vida... (...) era impossível ao longo de tantos anos e com tantos responsáveis numa autarquia como a Câmara de Espinho... não se cometerem alguns erros, mas penso que o essencial foi preservado... é importante que, que isto seja dito. Espinho deve ser das poucas cidades no país onde a construção em altura sempre foi limitada e onde sempre se resistiu à pressão dos construtores, que é uma pressão de facto terrível... [presidente da câmara municipal de Espinho, 51 anos, PS]

Quanto a Vila Nova de Gaia, a centralidade discursiva do presidente na sua pessoa e no seu percurso político-partidário é visível, particularmente por assumir que constrói a sua ligação pessoal e política com o concelho e elabora o seu projecto de desenvolvimento a partir do nível zero de intervenção e, após uma fase curta de diagnóstico, segundo os seus princípios políticos e as suas prioridades de actuação. Por contraposição à gestão socialista anterior, define os parâmetros de desenvolvimento do concelho a partir da identificação dos seus problemas estruturais. Segundo o autarca, e em 1998, Gaia era um espaço territorialmente grande, o segundo maior concelho do país em termos de densidade populacional, com uma heterogeneidade socioeconómica e urbanística acentuada; um território desprovido de auto-estima local e feito de micro-identidades várias, com uma lógica de crescimento e não de desenvolvimento, anárquica, sem regras de ordenamento

do território, sem plano de urbanização e com uma acentuada pressão imobiliária na área da construção e da habitação social; um território sem equipamentos desportivos e culturais e sem acessibilidades feitas – por exemplo, a Via de Cintura Interna de Gaia – e com problemas de habitação e pobreza absoluta; um concelho em que apenas 10% do seu território tinha saneamento básico; e com as águas do mar e do rio poluídas, sem uma oferta de *turismo balnear* com qualidade.

Face a este cenário, o presidente acciona três princípios estratégicos globais. *Primeiro*, complementar a cidade do Porto, não num *sentido mimético*, mas desenvolvendo a identidade comum em torno do rio e dos centros históricos e permitindo o crescimento territorial do Porto para Gaia. Este princípio é entendido para o concelho como um todo e para a própria região metropolitana, constituindo esta *nova* cidade a capital administrativa e política da AMP. Desta forma, define, de igual modo, o posicionamento político e o papel do concelho de Gaia na lógica da Junta Metropolitana, que, segundo o autarca, não estava, à data da sua chegada à câmara, convenientemente definida e clara. Do mesmo modo, associa a intervenção política no concelho a uma liderança forte e visível, com capacidade de negociação junto do poder central, e com capacidade de evidenciar as mudanças em curso no concelho. Revaloriza-se, assim, e segundo o autarca, a auto-estima da população local e a identidade territorial.

As praias de Gaia, bom [!] não vale a pena falar, eram uns... aquilo que poderia ser um ex-libris do concelho eram uns... sacos de lixo pendurados nas árvores, tudo abandonado... as pessoas saíram de lá porque era difícil chegar ao Porto, porque era sujo, porque era inseguro... costa de rio... uma desgraça, o centro histórico nem se pensava nele, portanto... p'além da falta de projectos, sectorialmente o caos... ora bem, estou convencido aliás que... se não tem sido o safanão que foi dado ao concelho, eu estou convencido que teria que ter sido declarado há 2 ou 3 anos atrás ao serviço daquela inércia o estado de calamidade pública em Gaia [*o E. fez um sinal de assentimento*]... plenamente convencido. Face a isso... estabeleceu-se, estabeleci um... uma ideia de força p'ró concelho... colocar o concelho... 10, 12 anos... num círculo político, círculo político, com a lentidão da nossa administração pública são 12, 14 anos... numa situação de ombrear com o Porto, de igual para igual, não numa lógica mimética, portanto Gaia nunca será o Porto, o Porto é o Porto... mas numa lógica de completar o Porto... em termos de... as 2 cidades, p'tanto este é o meu modelo, não é modelo do actual Presidente da Câmara do Porto, por exemplo, era do anterior, das 2 cidades até poderem mais tarde vir a ser uma única cidade... (...) porque se nos abstrairmos do rio, os centros históricos, ou o centro urbano do Porto e de Gaia estão em frente um ao outro, se tirarmos o rio e juntarmos, eles estão assim. Está a o centro histórico, isto aqui, está o centro novo, a Boavista e a zona muito habitada hoje de Santa Marinha e Canidelo. Pois o

Porto não tem espaço de crescimento físico, 'tá prisioneiro hoje do rio e da Circunvalação. Gaia podia dar ao Porto esse espaço de crescimento físico, para instalação de equipamentos, de serviços, de indústrias que o Porto não pode instalar. Para além bom dum conjunto de questões históricas e culturais que ligam as 2 cidades e não ligam as outras. O centro de histórico de... o centro histórico, o centro cívico de Gondomar ou de Matosinhos estão lá longe, os centros cívicos de Porto e de Gaia estão aqui um ao lado do outro, e o coração das 2 cidades é a Ribeira, as 2 Ribeiras... e... e bom para isso é preciso olhar para o concelho de Vila Nova de Gaia e ter um projecto, o projecto passava muito... primeiro por dar um safanão à auto-estima das pessoas... a confiança das pessoas, por isso era preciso dar sinais, sinais, não é só fazer obras, é... é ter intervenção pública, é... as pessoas terem orgulho na... até na sua pró [hesitação], liderança da sua própria cidade... [presidente da câmara municipal de Vila Nova de Gaia, 48 anos, PPD/PSD]

Um *segundo princípio* passa pela intervenção estratégica, e atendendo à diversidade do concelho, em 4 zonas específicas, equilibrando a dotação das infra-estruturas básicas com as potencialidades económicas, culturais e turísticas do concelho: a zona das praias, a zona do centro histórico/orla ribeirinha, a zona da cidade e a zona nascente. O *terceiro princípio* contempla as políticas sectoriais nas áreas da educação, do turismo, da cultura e do desporto.

(...) para perceber... 3 patamares de intervenção, ou 4 se quiser. Primeiro, um primeiro... primeiro um macro assim que é o... o papel de Gaia... na Área Metropolitana do Porto, o segundo... desdobrado em 3 que é o próprio planea [hesitação] pol [hesitação], o projecto estratégico de gestão de Gaia... este segundo tem 3 vertentes, a, uma que eu já falei... que é as ques [hesitação], o, as dir [hesitação], a, a recuperação... dos atrasos básicos infraestruturais que foi estes que eu estive a falar [o E. fez um sinal de assentimento], o segundo... de que falarei agora um bocadinho brevemente é a, a, a int [hesitação], int [hesitação], intervenção estratégica... sectorial em termos de 4 áreas que têm tratamento diferente, a terceira nível de intervenção, que é as chamadas políticas de... se quiser chamar-lhe de excelência, de as políticas que fazem uma discriminação positiva em termos comunitários, onde está a educação... onde está o desporto... onde está a cultura... o lazer... o turismo... São estes [o E. fez um sinal de assentimento] os 3 patamares. (...) Estamos aqui no primeiro patamar [o E. fez um sinal de assentimento], é um patamar digamos... de século XIX...trazer o pa [hesitação], trazer o concelho do século XIX p'ó XXI, o segundo patamar é de século XX, o terceiro patamar é o, é o do século XXII... claro que é evidente que temos que ter e nestes 4, 5 anos tem que haver uma certa... jus [hesitação]... justiça nessa avaliação... não faz muito sentido tratar os problemas do século XXII, sem tratar os do século XX e dos do século XIX... não podemos ser com'aqueles... ditadores espertinhos que fazem uma cathedral igual à... ao Vaticano e depois está toda a gente a morrer à fome, cá fora. P'tanto não... a política cultural e a cultura é muito importante, mas sem haver saneamento, sem haver habitação social, sem haver... estradas, sem haver transportes, bom... há prioridades... mas... julgo que nalgumas coisas avançamos muito, noutras coisas pelo menos formatámos a, as ideias p'avançar... [presidente da câmara municipal de Vila Nova de Gaia, 48 anos, PPD/PSD]

Neste sentido, o autarca associa as políticas sectoriais à política global, priorizando-as: primeiro, o desenvolvimento das infra-estruturas básicas, depois, os

investimentos na política cultural e turística. O investimento tem sido feito, nos dois últimos mandatos, a partir de uma matriz comum: os atrasos infraestruturais básicos como a salubridade pública, a habitação, a mobilidade urbana, as acessibilidades e os transportes; e os equipamentos básicos desportivos, culturais e sociais, a segurança e protecção civil, a nova política urbanística e ambiental, esta última, segundo o autarca, de realçar, se se atender às 5 estações de tratamento de águas e lixos existentes no concelho.

Quando aborda a *política cultural*, e desconstruindo a concepção existente no concelho de política cultural, faz um paralelo entre cultura e turismo e associa a vertente da fruição à da formação de base na área da criação cultural e artística. Considera que o nível de política cultural que implementou não é ainda satisfatório e coincidente com aquilo que pretende – avaliando o desfazamento temporal e substantivo entre o projectado e o concretizado - mas condicionalismos temporais e financeiros não lhe permitem uma actuação diferente.

(...) a perspectiva que existia era... da política cultural em Gaia era... as febras do porco, o mata porco [sorrisos], o rancho folclórico, a tuna [o telefone começou a tocar]... a fanfarra... deixe-me atender (...)Ao cabo de 4 anos sinceramente a sit [hesitação] a situação foi esta, fruto daquilo que eu vinha a referir, ou seja... saneamento, habitação social, estradas, pôr tudo isto em movimento, bom a cultura é importante, mas... mas... e... como já lhe disse com toda a autocritica a perspectiva de política cultural, p'tanto de Gaia, não lhe vou dizer que não existia, existia [!], só que no meu entender não é a que eu gosto, não é a que eu quero, não é a que eu desejo, não é a que eu perspectivo, mas... mas também não sou...sou, sou um gestor político também, p'tanto tem os seus *timings*, os seus... no início deste mandato... fruto dessa minha... de eu considerar que a [hesitação], que acho, que as coisas essenciais estavam a andar e portanto eu podia libertar mais, estava enganado, como se 'ta a ver, entretanto surgiram... mais complexos problemas que me... que me tiram tempo e... [o telefone começou a tocar] nomeadamente financeiros, infelizmente eu não fiquei nem com a disponibilidade... nem com o discernimento suficiente para ter avançado com as coisas já como queria ter avançado, até porque se enxertou nisto tudo uma crise económico-financeira gravíssima [!], gravíssima [!], do país, e obvia [hesitação] e obviamente das autarquias, [o telefone começou a tocar], mas ela é mesmo dramática. [presidente da câmara municipal de Vila Nova de Gaia, 48 anos, PPD/PSD]

Dentro destes condicionalismos, tipifica dois *objectivos primordiais* da política cultural para Gaia: primeiro, estar ao serviço da promoção da imagem do concelho e da região numa lógica de *turismo cultural*; segundo, criar eventos e actividades que a longo prazo alterem e, inclusive, alarguem os hábitos de consumo cultural dos

gaienses no sentido da *cultura cultivada*. Ao longo do discurso do autarca é notória a distinção entre *níveis de cultura* e a tentativa de dignificar a oferta cultural municipal a partir de eventos de índole da *cultura cultivada* e das *indústrias culturais*.

Qual é a concepção?... A concepção é... a ideia primeiro lugar que há... a política cultural deve-se adaptar também a objectivos estratégicos... da própria comunidade, não deve ser uma coisa abstracta, esotérica, uma espécie de ilha que vai reflectir os gostos culturais, estéticos, e realização pessoal do Vereador ou do Presidente da Câmara, pronto. Às vezes até pode ir contra esses gostos [o E. fez um sinal de assentimento], pronto...é... mas fundamentalmente deve de reflec [hesitação], deve reflectir os objectivos globais do desenvolvimento da comunidade... numa lógica da sua projecção p'ó exterior, mas numa lógica também da formação da sua própria comunidade, e da própria educação das pessoas [o telefone começou a tocar], da sua educação cultural... a política cultural de Gaia, eu vejo-a numa lógica de preencher uma determinada lacuna que existe... na Área Metropolitana do Porto... e por outro lado de também servir determinados desígnios de formação de... uma... formação cultural duma comunidade que tem défices digamos em termos educacionais, em termos da sua pr [hesitação] própria perspectiva do que é a cultura, e daquilo que gosta de consumir. Daí o objectivo... os 2 objectivos fundamentais da política cultural de Gaia devem ser... que a política cultural esteja ao serviço da promoção da imagem do concelho e da região, numa lógica... de... turismo cultural. O segundo objectivo de que muitos das actividades, dos eventos, das iniciativas, dos equipamentos sirvam para no espaço dalguns anos elevar substancialmente... a... indústria de consumo... produtos culturais de facto da comunidade gaiense, ou seja que passe a gostar mais d'óperas em vez de gostar de bandas, que passe a gostar de ballet... em vez de só gostar de fanfarras, que passe a... poder, saber ir a um concerto em vez de só ir às romarias... p'tanto são estas as 2 orientações fundamentais... [presidente da câmara municipal de Vila Nova de Gaia, 48 anos, PPD/PSD]

Por outro lado, apresenta um projecto de complementaridade entre Gaia e Porto do ponto de vista cultural e turístico. Para além da necessária coordenação metropolitana que não existe – o planeamento conjunto e pensado a nível metropolitano – e de admitir que a oferta de Gaia tem especificidade suficiente que não colide com nenhuma das outras, inclusive com a do Porto, assume a centralidade cultural deste último e concebe que não fará equipamentos culturais à semelhança dos do Porto. Para dar cumprimento ao primeiro objectivo, concebe um Festival Internacional de Cultura de Gaia, um evento mobilizador, aliado à imagem estratégica do Vinho do Porto e das Caves, e conciliando as apresentações em espaços convencionais com as ao ar livre, aproximando as manifestações culturais *mais eruditas* da população local, tornando-as *cultura popular* porque mais acessíveis no espaço físico e social, e não tanto no espaço da recepção cultural e artística. Este,

reconhece-o, é um processo mais lento, mais exigente e mais difícil. Concebe, por esta ordem de ideias, a formação nas áreas da *cultura erudita* para os grupos mais jovens. De modo a tornar sustentável este projecto cultural e turístico, estabelece a articulação com o mundo empresarial na lógica do mecenato cultural, numa primeira fase, e, num segundo momento, numa lógica de quotas que cada empresa pagaria para ter associado o seu nome ao evento.

(...) vou privilegiar, fazer 1, 2, 3, 4, 5 espectáculos por ano d'ópera ao ar livre, é evidente que há ópera ao ar livre, e há ópera ao ar livre, quer dizer, se calhar a ópera do Ver [hesitação], de Verdi tem que se privilegiar o Verdi em detrimento de... de [risos], de outros, bom, quer dizer mas... o facto de se ter este modelo corresponde ao 2 perfis que eu indicio como alvo, um de ser espectáculo [!]... e outro por outro lado de sendo ar livre é popular, sendo popular as pessoas vão ver, vão ver vão começar a apreciar e p'tanto 'tamos a fazer um duplo objectivo que é o de, da promoção, o da, o da festa e o de... ensinar às pessoas que... ballet, um concerto sinfónico, que ópera não são coisas necessariamente más é preciso é aprender a gostar. [presidente da câmara municipal de Vila Nova de Gaia, 48 anos, PPD/PSD]

A Ribeira de Gaia acaba por ser o vector da cidade privilegiado para o investimento político na cultura e no *turismo cultural*, resultado das potencialidades turísticas da beira-rio e do Vinho do Porto e da reabilitação, entretanto feita, do património existente. Visualiza, igualmente, o turismo na sua feição económica - promovendo a venda de centros de estágio desportivos a equipas de atletas internacionais que treinam no sul da Europa, a construção de hotéis à beira-rio e à beira-mar, direccionados para um *turismo de negócios* - e na sua feição cultural - com a candidatura das Caves do Vinho do Porto a Património da Humanidade. Perspectiva dias da semana para eventos diferentes, mantendo a *festa cultural* na cidade.

(...) em relação à primeira orientação... ela assentar essencialmente... num... produto, essencialmente num produto que é... isto pode ser redutor, mas não é, é pragmático... esse produto vai-se chamar Festival Internacional de Cultura de Gaia... que vai arrancar este ano, coxo [!]... coxo... numa atitude voluntarista do género que mais vale começar [sorrisos]... depois se verá... porque senão nunca mais começa que... se estende de Maio... a Outubro e que fundamentalmente do ponto de vista... físico se vai concentrar em espaços... e equipamentos... da beira-rio e da beira-mar, nomeadamente da beira-rio, sobretudo... dentro da tal perspectiva que eu há pouco lhe estava a falar ou seja, de ligar... a actividade cultural à promoção da imagem, e à promoção turística do concelho, ser a grande âncora da promoção turística do concelho, daí [!] a beira-rio, porque a beira-rio tem uma grande

exposição... física... pela própria localização, porque tem as Caves do Vinho do Porto porque são uma amarra, uma âncora importante... em termos... de património histórico e cultural do concelho e porque tem... à partida uma, um garante, que pode ser o grande... promotor desde que bem trabalhado do sucesso... em termos de participação... do projecto, que é... vão à Caves do Vinho do Porto cerca de 600 mil pessoas por ano... destas 600 mil pessoas há uma parte delas que se vai às Caves do Vinho do Porto e não vai a mais nada, nem ao Porto vai [!], mete-se no autocarro e vai p'ra excursão. E dep [hesitação], a ideia será que este Festival se transforme em algo que permita entre Maio e Outubro que as pessoas... sintam, digam: «Oh, onde é que vamos quinta-feira à noite? Vamos jantar à Ribeira de Gaia, e vamos ao cinema e depois há lá um espectáculo ao ar livre, ou há um espectáculo nas Caves, ou há um concerto, ou há um ballet, ou há uma ba [hesitação], até uma banda de música bonita, mas seria bom...», e... é esta a, a, a ideia. Não significa que o resto do ano não há, não vão existir actividades culturais, não significa que vou acabar com o mata-porco, que vou acabar com os ranchos folclóricos, que vou reescrever a história... ou de uma forma estalinista dizer que acabou a cultura popular de base à moda de Gaia, não é isso, mas... este projecto... vai arrancar... muito ligado à imagem do Vinho do Porto numa questão estratégica como se ele se transformasse numa espécie... p'tanto 'tou-lhe a dizer o modelo que eu gostava, não, mas um modelo como? Um modelo em termos... do significado que tem, não em termos do próprio... modelo em termos estritos porque não temos... se calhar até temos condições nalgumas coisas p'a melhor, e noutras manifestamente p'a pior, mas por exemplo toda a gente no Verão conhece Verona por causa da temporada de espectáculos da Arena de Verona, nomeadamente dos p [hesitação], da ópera, do, do, bom... eu gostava que as pessoas pudessem consultar o qu' é que há em Gaia de Maio a... a... Outubro. (...) a ideia é ter um, uma, um, uma, privilegiar muito sempre que possível o ar livre, sempre que possível o ar livre... bom... até porque tem [hesitação], vamos ter equipamentos ao ar livre bons... mas não significa que não haja algumas coisas [discurso imperceptível], debaixo de tempo. Privilegiar o ar livre porquê? Porque corresponde a esta, a esta ideia de, de, de, da lógica de, de ter uma componente de movida e de turismo muito grande. [presidente da câmara municipal de Vila Nova de Gaia, 48 anos, PPD/PSD]

Sem esquecer a relação institucional com o movimento associativo local, mas reconhecendo politicamente as insuficiências daquele quanto às possibilidades de formação cultural para além dos níveis das tradições populares, prefigura um trabalho de conciliação entre a autarquia e as associações locais, no sentido da diversificação da oferta e do cruzamento de expressões culturais diferentes.

... a nossa ideia é por exemplo... às quintas, sextas, sábados e domingos não vamos ter Plácido Domingo lá todos os domingos, é chato... quem me dera [!] [risos] não é, não vai ser possível, mas a minha ideia é que nesses espaços vazios haja sempre festa, sempre festa [!], e aí as tais ditas bandas de música, os tais ranchos folclóricos e tal se lhes limparmos um bocadinho o suor e arranjarmos um... umas vestimentas mais bonitinhas, tirarmos os mais desafinados e os pusermos por ali a percorrer aquilo, é... é interessante, e este ano vamos fazer isso [o E. fez um sinal de assentimento]... a Academia de... Musical de Vilar do Paraíso, bom não é propriamente... nenhuma daquelas companhias de, de primeira linha da Broadway, mas tem 3 ou 4 coisas que faz que não faz, que faz menos mal, e que não envergonha e portanto vamos deixá-los lá fazer o Rei Leão, deixá-los lá fazer o... o... Jesus Cristo Superstar, ou, bom, vamos deixar [o E. fez um sinal de assentimento], portanto também... temos que preencher o espaço e também... corresponde a duas perspectivas, primeiro não... marginalizar estas... estas instituições, segundo estamos convencidos que

isto pelo menos vai puxar pelo... pelo brio de [o E. fez um sinal de assentimento] e por ir fazê-las melhorar, e por outro lado vai man [hesitação], manter festa, festa [!], vai dar a ideia de festa permanente que é o que nós queremos... também... pronto... [presidente da câmara municipal de Vila Nova de Gaia, 48 anos, PPD/PSD]

Confrontemos, mais uma vez, os discursos dos presidentes das edilidades entrevistadas com os das vereações responsáveis pelas áreas da cultura e do turismo. Parece-nos relevante tal exercício, e num sentido de triangulação de dados, para tipificar características das políticas culturais e turísticas dos concelhos da AMP. Não só porque estes últimos eleitos locais denotam, na sua maioria, um conhecimento mais operacional da concepção e da operacionalização da política delineada, como também tipificam mais os eventos culturais e turísticos dos concelhos e da própria AMP. Não deixa de ser curioso, em contrapartida, algumas das vereações revelarem, e um pouco à semelhança daquilo que havíamos tido entre os discursos dos presidentes, uma objectivação política do próprio processo de desenvolvimento global do concelho e das potencialidades culturais e turísticas como vectores transversais ao desenvolvimento endógeno dos concelhos aqui em causa. Se voltarmos, de novo, à agregação dos concelhos segundo a sua localização territorial, e as potencialidades culturais e turísticas daí advenientes, vejamos os posicionamentos das vereações de Gondomar e de Valongo, a primeira estruturante se pensarmos que neste município não nos foi concedida entrevista pela presidência da edilidade.

Quando nos confrontamos com o testemunho da vereação do turismo de Gondomar, apercebemo-nos de que a *política turística municipal* se enquadra nalguns vectores que, no mandato em curso, se tornam necessários e justificáveis. A política global de desenvolvimento para o concelho definida pelo presidente, e segundo a posição da entrevistada, atende nos primeiros mandatos (entre 1993 e 2001) às carências básicas da população local – os níveis primordiais do desenvolvimento de que temos vindo a falar, no caso concreto, rede viária e acessibilidades, habitação, educação e saneamento e água – e, desta forma, só se posiciona algum investimento político na área do turismo a partir do terceiro mandato da equipa política no poder.

... eu tenho que recuar um bocadinho no tempo [*entrou a assessora da vereadora e sentou-se junto dos interlocutores*], eu tenho que recuar um bocadinho no tempo e situar esta, e p'ra responder tenho de facto fazer aqui uma introdução que é assim... as câmaras não vivem só do turismo [*o E. fez um sinal de assentimento*]... por acaso quando eu cheguei à Câmara há 9 anos não como vereadora, mas como assessora pude acompanhar todo o trabalho que tem sido feito ao longo destes quase 10 anos. E... e o que, o que... e o que deparámos quando chegámos... à Câmara de Gondomar, sem com isto querer fazer crítica absolutamente nenhuma a quem nos antecedeu, nem politizar minimamente a conversa com' é evidente, nem, nem faria sentido, havia de facto lacunas enormes [!] a nível do concelho, ou seja havia... necessidades elementares, básicas, que hoje nós, das quais hoje nós falamos muito mas que eu as constatei, ou seja habitação social não havia, e a rede viária praticamente não existia, as escolas centenárias, p'tanto do ensino dito... primário, básico... estavam em perfeita degradação ou completa degradação... não lhe vou falar por exemplo, mas posso que... não tínhamos praticamente plantação d'árvores nenhuma, não tínhamos praticamente espaços verdes... não tínhamos pavilhões, não tínhamos piscinas municipais, não tínhamos uma biblioteca, não tínhamos uma misericórdia, portanto eu estou-lhe a falar... de, e pronto e faltarão aqui muitas outras coisas, não tínhamos uma livraria... isto é só para depois eu lhe poder falar do resto, porque se eu vou directamente ao assunto, sem fazer algum enquadramento... pode... também ser deselegante da minha parte, portanto é assim... O facto deste concelho era um bocadinho negro, aliás a situação do concelho era um bocadinho negra, atendendo também comparando com alguns concelhos da Área Metropolitana. Quando entretanto... há 10 anos ou quase há 10 anos... nós chegamos à Câmara, eu penso que foi política pronto do actual Presidente... atender primeiro aos problemas ditos... mais urgentes, e qu'eu tenho que confessar que também [!]... acho isso, então a política da Câmara nessa altura foi... tentar investir ao máximo... em todas essas áreas (...) [*vereadora do turismo da câmara municipal de Gondomar, 50 anos, PPD/PSD*]

É a própria vereadora a reconhecer as debilidades estruturais do concelho do ponto de vista da capacidade hoteleira e informativa – à data da realização da entrevista, o concelho não dispunha de um hotel nem de um posto de turismo municipal – e a falta de investimento político no turismo local, nomeadamente nas áreas com potencialidades para o desenvolvimento.

(...) é um concelho [*pausa*], é um concelho que precisa de muita coisa! É um concelho que... que devia ser [*pausa*], que devia ser [*pausa*]... amado... por alguém que gostasse de, do tur [*hesitação*], de turismo, entende? Portanto, de alguém olhar p'ra ele e perceber... Como é qu'um concelho com quase 130 mil habitantes com 24 km, banhado por 24 km de, de, de, de rio... com alguma, com alguns vestígios, ainda ontem falava nas minas d'ouro, com... com certamente gente que deve-se ter dado imenso, que deve andar por aí perdida!... Por que razão nós não encontrámos em Gondomar um grande, um grande património arquitectónico... porquê? Se calhar a razão por não termos encontrado podia-nos levar se calhar a descobrir outras coisas que poderiam ser, ser dalgum interesse para, para o turismo, para, para, para proporcionar turismo [!] em Gondomar... (...) Em Gondomar não as estamos a deitar fora, porque estamos agora a tentar fazer algumas coisas, mas... não lhe vou dizer que me... quer dizer, que, que estou deliciada com o, com o turismo que se faz, não lhe vou dizer porque, quer dizer também acho que, acho que não, não, não faria sentido [*o E. fez um sinal de assentimento*] isso portanto... [*o E. Interveio*] [*vereadora do turismo da câmara municipal de Gondomar, 50 anos, PPD/PSD*]

A *política turística de Gondomar*, ainda que estruturalmente pouco objectivada na situação de entrevista, contempla alguns projectos – o Plano Estratégico para o Desenvolvimento do Turismo em Gondomar, o Museu Vivo de Ourivesaria, as Rota da Natureza e Rota do Ouro, articuladas com o Desenvolvimento Turístico da Zona Envolvente ao Rio Ferreira, e os protocolos de cooperação e formação com a Escola de Hotelaria do Porto. E são estes projectos, e por aquilo que a situação de entrevista nos permitiu registar, que procuram iniciar um percurso no concelho do ponto de vista da oferta municipal e, dentro do quadro das intervenções urbanas previstas ao abrigo do Programa Polis, uma oferta turística local.

O testemunho do vereador da cultura e do desporto de Gondomar clarifica-nos algumas dimensões quanto às potencialidades turísticas da oferta cultural local, tal como vimos no Capítulo 5. Do ponto de vista da *política cultural local* e da relação com o projecto de desenvolvimento global do concelho, a posição do autarca é esclarecedora. Até 1993, *não havia uma política cultural* do município: para além do apoio formal ao associativismo local, mas segundo o vereador casuístico e sem critérios objectivos de atribuição dos subsídios, faltava uma estratégia de acção global, pautada por objectivos e por linhas de actuação. As prioridades da equipa executiva, a partir dos meados dos anos 90, foram as de alargar os serviços já existentes e de criar, com um esforço de descentralização ao nível de algumas freguesias, novos serviços culturais que passavam pela dinamização de equipamentos já existentes e pela diversificação possível e paulatina das actividades já implementadas. Após esta primeira fase, e segundo o vereador, assumiu-se a definição das *linhas estratégicas da política cultural municipal*. Por um lado, investir na formação da população local e na dinamização do tecido social local - cultural e desportivo - com a criação de actividades culturais e desportivas, com o apoio ao movimento associativo, com um trabalho articulado com as escolas do ensino básico e secundário do concelho. Por outro lado, procurar democratizar o acesso dos locais à oferta cultural e desportiva, generalizando a intervenção às freguesias e aos diferentes grupos etários e sociais, e criando valores culturais próprios.

(...) nestes últimos 8 anos das prioridades do município mas a cultura tem estado efectivamente a par, logo nas, nos investimentos, a cultura e desporto têm estado logo a seguir... praticamente à educação ocupando [o E. fez um sinal de assentimento]... a terceira posição mais ou menos, a quarta ao nível dos investimentos da, da autarquia, depois ao nível especialmente ao nível da formação, da dinamização... do tecido social... do concelho de facto tem havido uma preocupação muito grande em investir, por um lado dinamizar... o tecido social e cultural e desportivo, o movimento associativo, as próprias escolas, investir na formação e criar espaços... de participação como... sejam... pronto dentro, numa perspectiva sempre de democratizar no sentido de generalizar e tornar acessível ao maior número de pessoas e criar a necessidade de realizar valores culturais, tem sido essa a preocupação destes 8 porque de facto o concelho tinha a ausência de projectos, ausência de, de iniciativa... e também praticamente não, não tinha uma estratégia de fidelizar a população a Gondomar... e ela própria quer na área da fruição, quer, quer na área da criação quer na área da fruição cultural terem de facto aqui também espaços de intervenção [o E. fez um sinal de assentimento], fidelizámos ao concelho portanto normalmente quem queria... aceder a... à cultura tinha que se deslocar para fora do concelho não só para ... para... fru [hesitação]... usufruir, mas também na área da, da criação, nós... começámos a utilizar uma estratégia que começássemos efectivamente também aqui... a criar aqui condições para fixar a, a população e oferecer também esse tipo de... serviço... pronto em várias áreas que, que poderei... a seguir explicar...[vereador da cultura e do desporto da câmara municipal de Gondomar, 34 anos, PPD/PSD]

Segundo o autarca, este tipo de trabalho passa por *dois momentos*: o *primeiro*, o de criar equipamentos municipais e espaços culturais com condições para dotá-los de uma oferta cultural local - por exemplo, os serviços de biblioteca e de promoção do livro e da leitura no concelho e os serviços de arquivo histórico local – e respondendo às necessidades básicas da fruição e da formação cultural; o *segundo*, mais direccionado para a projecção cultural do concelho, a partir de eventos culturais significativos, e para uma franja da população que procura os consumos da dita *cultura cultivada*. Destaca, neste processo faseado ainda em curso, o apoio estratégico que a autarquia tem dado ao movimento associativo local, concebendo-o como um *parceiro transversal* na política de desenvolvimento global do município.

Apostando... num... numa estratégia de... de diversidade na oferta, não é... diversidade da... na, na oferta que... que colocámos à disposição... das pessoas e... e... também rentabilizando os recursos já existentes, e de facto o movimento associativo pela tradição... que tem em Gondomar... pelos recursos humanos que tem de uma forma voluntária, p'tanto nós entendemos que eram... que tinham... condições para ajudar a Câmara na... nesta, nesta missão e portanto procurámos... com eles ter uma relação de proximidade... e estabelecer parcerias... p'tanto... em vez de... e o que normalmente acontece é que se trata o movimento associativo como uma gaveta isolada, não é, nós procurámos ver o movimento associativo numa perspectiva transversal e que, cada uma das áreas sectoriais da Câmara, deve estabelecer parcerias se... o movimento associativo puder oferecer um serviço ou ele próprio também se puder enquadrar na política desenvolvimento qu'ó

município tenha em determinada área sectorial, pronto, e de facto na Cultura... nós entendemos que as associações eram importantes e criámos programas de apoio ao associativismo cultural e recreativo, apontando determinadas metas, determinados objectivos... e portanto quem se enquadrar, quem quiser estabelecer parcerias com a Câmara para nos ajudar a cumprir esses objectivos nós concedemos apoio financeiro (...) [vereador da cultura e do desporto da câmara municipal de Gondomar, 34 anos, PPD/PSD]

Numa articulação estreita com os recursos do tecido associativo local, é intenção da autarquia criar e dotar o concelho de uma rede de equipamentos culturais, que permita a diversificação da oferta municipal.

(...) em vez de ser a Câmara a criar uma escola municipal de teatro, a criar um... uma escola municipal de dança, de música e tudo mais, quer dizer não cria directamente, estimula... e cria as condições financeiras... e logísticas... e... e físicas porque... em muitas situações também teve-se que criar uma rede de equipamentos que permitam também as artes do espectáculo e outros tipos de acções e portanto... isso permitiu com que, apontando determinadas estratégias e objectivos e estabelecendo estas parcerias... permitiu que em determinadas áreas de facto... nós... avançássemos [o E. fez um sinal de assentimento]... duma forma muito... muito significativa e... p'tanto com números e dados objectivos qu'apontam de facto para... quer na área da criação quer na área da fruição um, um aumento significativo... de, de pessoas que [o E. fez um sinal de assentimento] cada vez mais acedem à, à cultura e portanto, que vão... tendo essa, sentindo essa necessidade no... dia a dia, não é... [vereador da cultura e do desporto da câmara municipal de Gondomar, 34 anos, PPD/PSD]

Desta forma, os *principais objectivos* da política cultural do município de Gondomar são, por um lado, o da *generalização do acesso à cultura* enquanto elemento de qualificação da vida quotidiana das pessoas e de socialização no tecido social local, contrariando os fenómenos de exclusão social; e, por outro, o da *criação do gosto cultural*.

(...) nós temos de facto este objectivo na cultura é... generalizar o acesso à cultura ao maior número de pessoas enquanto susceptível... não só de humanizar a vida das pessoas, qualificar os recursos... nesta perspectiva que o património mais rico que uma determinado concelho, uma região tem... são de facto as pessoas... e portanto temos também esta... digamos [riso] em pano de fundo este é o objectivo, p'tanto é humanizar... a vida das pessoas, qualificar os recursos enquanto factor que também contribui para a socialização e integração das pessoas através... o acesso à cultura de facto também é, é um meio de... integrar, de... socializar e evitar também fenómenos de exclusão na medida em que uma prática, o, o... interesse por uma determinada área... e, e enquanto que... permite as pessoas integrar-se, socializar-se acaba por também reduzir como digo fenómenos de exclusão porque a partir do momento que nós conseguimos criar o gosto... e a ocupação dos tempos livres, portanto estamos também a entrar por fenómenos de exclusão, temos

também esta perspectiva... [vereador da cultura e do desporto da câmara municipal de Gondomar, 34 anos, PPD/PSD]

O eleito gondomarense destaca, assim, algumas *áreas privilegiadas de intervenção municipal*: i) a criação de uma rede de equipamentos culturais, composta por espaços formais de cultura e por espaços comunitários de expressão cultural, que se complementam e que permitem equilibrar os défices educacionais e sociais da população local no acesso às diferentes expressões culturais e a oferta de manifestações culturais aos diferentes grupos etários e sociais; ii) a criação de uma identidade cultural e social local, assente na identificação, valorização, divulgação e preservação do património gondomarense, e que potencie os usos turísticos das tradições locais mas, igualmente, os usos dos espaços e da oferta pelos residentes em Gondomar, provindos, pela proximidade ao Porto e pelo custo acessível da habitação, dos concelhos limítrofes e com uma forte ligação, identitária e cultural, ao concelho do Porto; iii) a promoção do livro e da leitura, incrementando os hábitos de leitura e a ocupação dos tempos livres; iv) e, por fim, a animação cultural propriamente dita, com a promoção de actividades de recreio em espaços informais - fazendo a apologia do sentido da *feira urbana* - e em espaços convencionais, com a formação nas diversas expressões culturais.

(...) e depois a, a área da animação, não é, portanto a área da animação portanto também é importante que é... a cultura enquanto... factor de recreio, ou de, de ocupação e lazer, de ocupação dos tempos livres de uma forma mais liberta e menos formal, também achamos que é importante, que é necessária, porque as pessoas muitas vezes também têm que preencher com actividades... com actividades mais... mais lúdicas e menos formais os seus tempos livres e prontos conviverem, fazerem a festa, isso também faz parte, faz parte da, da nossa preocupação, e a par disso depois de facto... criar espaços para que especialmente os jovens... as crianças e os jovens, possam... contactar com as novas, com as várias expressões... quando eu... às vezes costumo dizer que... o facto duma criança... ir para um grupo coral, para uma escola de música, para um atelier de... de... de pintura não quer dizer que todos venham a ser bons pintores ou que venham a ser pintores no futuro mas... se calhar cultivam o gosto... e portanto para poderem aceder [o E. fez um sinal de assentimento] não na área da criação mas da fruição, portanto [o E. fez um sinal de assentimento] vai-se cultivando, vai-se sensibilizando, vai-se ensinando, vai-se formando, as pessoas não podem gostar daquilo que não conhecem, que não têm acesso, portanto, nós valorizamos muito isso com o movimento associativo que é um parceiro importante e com as próprias escolas, não só do primeiro ciclo mas mesmo com o 2º e 3º ciclo que temos acordos específicos para valorizar as acções que elas têm na dinamização... cultural e na ocupação dos jovens, sobretudo neste tipo d'acções quer da cultura, quer desporto, que nós

chamamos as actividades escola-meio (...) [*vereador da cultura e do desporto da câmara municipal de Gondomar, 34 anos, PPD/PSD*]

Enumera, por último, e sem aqui esgotá-los todos na sua especificidade concelhia, alguns eventos culturais¹⁸: o Festival Internacional de Folclore da Cidade de Gondomar, o Festival da Canção Infanto-Juvenil, as Festas do Concelho, a Bienal de Pintura Júlio Resende, o Festival de Música Moderna, os Encontros de Literatura em Gondomar, o FETOR – Festival de Teatro de Amadores e os concertos da Orquestra do Norte, protocolados entre esta e a autarquia.

No caso do concelho de Valongo, há a registar outros traços que não só indiciam aproximações à estratégia cultural de Gondomar, como coerência com o projecto global apresentado pelo próprio presidente da edilidade. Sobre as questões culturais do concelho de Valongo, o vereador responsável reitera as duas fases de actuação do pelouro: o primeiro mandato em 1993, com destaque para a satisfação das necessidades básicas da população do concelho e com um menor investimento político e financeiro na área da cultura; e o mandato de 1997, a partir do qual a cultura é politicamente assumida como vector estratégico da actuação da autarquia. Os *dois grandes princípios estruturantes da política cultural* de Valongo, desde essa data em diante, têm sido, e mais uma vez reiterando o discurso do responsável pelo executivo municipal, i) a criação de equipamentos culturais que permitam a apresentação de uma oferta cultural fixa e ii) a criação e diversificação dos eventos culturais anuais, constituindo uma oferta cultural local. Para além da preocupação em diversificar as áreas – teatro, dança, magia, artes plásticas, música – o autarca refere a necessidade de criar eventos fixos ao longo do ano que se complementam com outros, organizados pelas próprias associações do concelho e pela autarquia, e que acabam por definir, pelo menos à data da realização da entrevista, Novembro de 2002, um painel de 225 eventos já realizados.

¹⁸ A recolha e o tratamento qualitativo das agendas culturais do concelho, que conseguimos localizar entre 1994 e 2001, espelham o cruzamento de actividades culturais, para diferentes grupos etários e sociais, e dinamizando espaços locais, mais ou menos formais, de cultura.

(...) a cultura ia ser uma ap [hesitação], uma vertente na estratégia global da Câmara, de tal forma esta aposta foi feita qu'eu hoje penso que não deve haver qualquer dúvidas que na Área Metropolitana do Porto é o concelho de Valongo aquele que mais actividade cultural tem... no fundo actividades, pela qualidade das actividades. Esta aposta... incidiu em dois campos, um dos campos prende-se, prendeu-se com a criação de equipamentos que permitisse fazer realização de eventos culturais [o E. fez um sinal de assentimento] e nós hoje somos um concelho que em cada freguesia temos um, um centro cultural com uma biblioteca, e um auditório, em todas as freguesias temos isso numa, numas freguesias maiores [o E. fez sinal de assentimento] noutras menores... este foi um lado da, da aposta, do outro lado da aposta foi no, nos eventos culturais em si mesmos c'uma diversificação muito grande, com uma criação de eventos fixos, p'tanto todos os anos o nosso concelho tem cerca de 10 eventos fixos... na área do teatro, temos até bastantes na área do teatro, na área da magia, na área da dança, da música... portanto temos, das, das artes populares, temos uma, um conjunto de eventos fixos que só por si já trazem uma animação muito grande mas depois complementamos isso com eventos permanentes durante todo o ano, o que faz com que de facto a oferta cultural ao fim de um ano seja, seja muito grande, só p'a lhe dar uma ideia por exemplo nós est'ano tivemos até hoje 225 eventos culturais neste concelho [o E. fez um sinal de assentimento] o que é um fenómeno mais ou menos invulgar, 225 fen [hesitação], eventos culturais patrocinados pela Câmara. [vereador da cultura e do turismo da câmara municipal de Valongo, 36 anos, PPD/PSD]

Considera a política cultural municipal de Valongo *abrangente*: em primeiro lugar, porque é distribuída por todo o concelho, e a partir dos eventos culturais realizados em cada um dos centros culturais das freguesias; em segundo, porque reúne o cruzamento possível entre áreas culturais diferentes; e em terceiro, porque procura fazer o cruzamento entre a criação cultural feita fora do concelho e aquela que é produto interno do concelho. Acrescenta ainda que, no mandato actual, a prioridade é dada ao *vector interno* da criação cultural, em face da maturidade do trabalho realizado pelas associações e das iniciativas culturais e artísticas dos próprios criadores locais.

Abrangente mesmo no... abrangente visto, visto no seu termo mais, mais abrangente possível [risos] e porquê? Porque é, é uma política distribuída portanto por todo, por todo o concelho, há, esta preocupação p'ra nós é fundamental, é colocar eventos culturais em todo, em todas, em todo o território do concelho... com certeza que lhe vão fornecer a agenda daquilo que fizemos... est'ano e há-de reparar que todos, todos os eventos estão distribuídos, quer dizer há um... num fim-de-semana são 3 freguesias, noutra fim-de-semana são outras 3 e depois vem mais 2 e depois vem 4, e há es, há esse cuidado e portanto é abrangente territorialmente, é abrangente porque nós tentamos abranger o maior número possível de artes, portanto temos tido o cuidado de, d'ir à fotografia, à pintura... às antiguidades, aos diversos tipos de música, aos diversos tipos de teatro, portanto tentamos... jogar em todas as frentes o que é facilitado pelo facto de termos muitos eventos, portanto se temos muitos eventos também podemos diversificar mais... há o fado... que também fazemos uma aposta, e é abrangente porque dividimos a nossa, a nossa, os nossos eventos culturais em, em eventos produzidos no próprio concelho e eventos... trazidos de

fora, não é [o E. fez um sinal de assentimento], nós se não trouxermos... eventos de fora corremos o risco daqui a 2 anos ou 3 ficarmos a trabalhar todos cá p'ra dentro sem percebermos o que se está a passar, e portanto é abrangente nestes sentidos todos. Este ano, o que vem, vamos apostar um bocado mais nos eventos produzidos no concelho, e porquê? Porque esta política cultural também faz com que as próprias associações ao longo dos tempos melhorem [!] nós hoje temos aí associações que têm danças, grupos de dança... muito bons [!], eu diria quase profissionais, que podiam ser profissionais praticamente, temos... bons cantores, bons grupos [!] musicais, nós fazemos um espectáculo que é o VLG Rock, em que gravámos um CD, eu não sei se tem conhecimento disso, qu'até até lhe vou dar já 2 [risos] [o Vereador levantou-se e dirigiu-se à sua secretária; e procurou os respectivos cd's] prontos que é rock puro, puro rock! [o E. fez um sinal de assentimento] Nós a dado momento, porque nós fazemos muito a auscultação das necessidades locais e depois... (...) Com um contacto muito próximo com as associações, com a divulgação muito grande dos nossos eventos, muito, muito grande, nós temos, a nossa página da Internet se a for visitar, há-se reparar... que são os eventos culturais que aparecem em primeiro lugar, não é... (...) e é, digamos assim, e... ainda por cima como fui eu que a construí... eu tive o cuidado de ver os eventos culturais como é a parte mais dinâmica da Câmara é aquela que temos que apresentar em primeiro lugar [o E. fez um sinal de assentimento] para que as pessoas se habituem a ir à página, porque se forem à página e for e, e estiverem lá os centros culturais, os centros culturais não mudam [!] não é [o E. fez um sinal de assentimento], portanto as pessoas fartam-se de ver, se forem os eventos [o E. fez um sinal de assentimento] culturais estão sempre a acompanhar isso... [vereador da cultura e do turismo da câmara municipal de Valongo, 36 anos, PPD/PSD]

Não deixa de ser significativo que o vereador reconheça a centralidade funcional do Porto na área da cultura¹⁹ e do *turismo cultural*, pese embora relativizá-la a partir do trabalho cultural da autarquia valoguense entre 1997 e 2002. Assinala que dificilmente se contraria o efeito centrípeto da oferta cultural da cidade do Porto sobre os demais concelhos da região, nomeadamente da AMP. E, à semelhança de outros vereadores, dos concelhos limítrofes ao do Porto, retrata a falta de articulação política interconcelhos da AMP aquando da realização de eventos no âmbito do Porto 2001 - Capital Europeia da Cultura. Do seu ponto de vista, tal facto não permitiu a descentralização cultural do fenómeno cultural em larga escala. Nesse

¹⁹ E refere a partir da sua própria experiência pessoal e familiar que foi no Porto que iniciou a sua actividade cultural como consumidor: *eu, eu, eu dizia ao Júlio Cardoso um dia destes, do Seiva Trupe, dizia-lhe isto: "Eu comecei a ver teatro com, com o, o Seiva Trupe [o E. fez um sinal de assentimento], ou melhor eu comecei antes [o E. fez um sinal de assentimento] vinha uma companhia de Lisboa e o meu pai pegava, vestíamos a melhor roupa de domingo e metiamo-nos no comboio e íamos ao Porto, íamos ver um grupo, normalmente era Revista, quase sempre era Revista, íamos d'ano a ano e com o Seiva Trupe não [!], o Seiva Trupe vulgarizou o teatro no Porto", não é, tornou o teatro, vulgarizou, o teatro era uma coisa que se ia hoje a uma festa e passados três minutos ia-se a outra festa e vulgarizou neste bom sentido... e eu... e eu ia sempre ao Porto, era o Porto era a referência, e hoje eu não vou ao Porto [!], eu quase não ponho os pés no Porto [!] (...) a oferta cultural do concelho satisfaz-me e aí dá-me um gozo muito grande trabalhar nesta área... [o E. fez um sinal de assentimento] [vereador da cultura e do turismo da câmara municipal de Valongo, 36 anos, PPD/PSD].*

sentido, os eventos culturais em Valongo não têm a mesma capacidade de mobilização de públicos como a oferta cultural do Porto e, em primeiro lugar, direccionam-se para os públicos locais. Do mesmo modo, não deixa de referir que nalgumas áreas de actuação – como a do teatro – Valongo detém uma oferta cultural significativa e competitiva com a da própria cidade do Porto, assinalando o evento MIT – Mostra Internacional de Teatro - como aquele que direcciona públicos da cidade do Porto para Valongo.

Hoje nós temos um... em termos de teatro temos de facto uma situação invulgar [!] que eu nem conheço outro concelho que tenha assim... tão forte, provavelmente o Porto, não é [o E. fez um sinal de assentimento] que é, que, que joga aqui a outro nível, e eu acho que é este tipo d'aposta [!] que tem havido... na cultura que tem feito com que a tal qualidade que é uma coisa subjectiva [sorrisos] seja cada vez mais... notada. O teatro é um bom exemplo, é claramente um bom exemplo o... teatro... e hoje... este ano eu, eu fiz uma reunião com os grupos todos de teatro e disse-lhes assim, e disse-lhes: «Vocês têm agora o Centro Cultural um em cada freguesia [discurso imperceptível] podem actuar... se calhar 'tá n'altura dos senhores comecem a fazer teatro, cobrem bilhetes e assim comecem a medir a tal qualidade que nós falamos, porque depois o próprio mercado há-de dizer aqueles que... que são bons e aqueles que são maus, não é» [o E. fez um sinal de assentimento] e... e eu tive esta reunião há cerca de 3 meses 2, 3 meses e... este fim-de-semana vai ser o quarto grupo de teatro que vai fazer esta experiência... p'ró caso no Centro Cultural de Campo e d'Alfena vão, vão o Grupo Orelhas Moucas, Palavras Loucas vai, vai fazer 4 actuações, 2 num lado, 2 no outro [o E. fez um sinal de assentimento] a cobrar... e já, e já, e já sei que pelo menos p'ró primeiro dia tenho a casa cheia o que já é bom, não é [o E. fez um sinal de assentimento], o que é bom sinal. [vereador da cultura e do turismo da câmara municipal de Valongo, 36 anos, PPD/PSD]

Entre os eventos da oferta cultural local, o autarca destaca alguns, pela especificidade cultural e artística e pela dimensão da procura – dos públicos – que já sustentam²⁰: o Magic Valongo, uma mostra internacional de magia, a Mostra Internacional de Teatro (MIT), a Mostra de Teatro Amador, o protocolo com a Orquestra do Norte, e o VLG Rock, um festival de música rock que se iniciou com as bandas de garagem existentes no concelho.

²⁰ À semelhança do que fizéramos com Gondomar, e de uma forma exaustiva, a consulta das agendas culturais municipais editadas mensalmente pela câmara municipal de Valongo permitiram-nos averiguar a diversidade dos eventos culturais. Inclusivamente, constámos, no âmbito desta pesquisa, e por sugestão da própria vereação, do *mailing* institucional da autarquia para a divulgação de todas as actividades culturais realizadas, e que constitui um dos instrumentos de visibilidade pública do trabalho municipal local.

Do ponto de vista da *política turística* do município, indiciámos também uma articulação ideológica e discursiva com o posicionamento do edil do executivo. Pese embora o discurso do vereador evidenciar não tanto uma menor objectivação dos traços que compõem tal política, mas antes de mais um posicionamento menos estratégico da questão turística no projecto global da equipa municipal, dois aspectos se destacam: por um lado, não perspectiva uma relação sectorial *forte* entre cultura e turismo porque o concelho não detém nem um *turismo balnear* – *Valongo não tem praia*, como refere - nem um *turismo cultural* que se posicione estrategicamente ao mesmo nível do do Porto. Reconhece que o concelho de Valongo tem um património arquitectónico interessante e, acima de tudo, um património natural e ambiental que o torna num concelho com potencialidades turísticas a este nível.

Eu não gosto de separar isso e portanto eu enquadro [!], o Pelouro da Juventude mais no âmbito do Pelouro da Cultura [*o E. fez um sinal de assentimento*], o do Turismo já não [!], o do Turismo eu já, já não há uma relação... tão forte entre, entre Turismo e a Cultura. Apesar de na Câmara estarem debaixo do mesmo Departamento... e debaixo da mesma Directora de Departamento eu não acho que haja assim uma, uma, uma ligação tão grande, porquê? Porque aqui em Valongo turismo significa, 'tá muito ligado mais ao ambiente [*o E. fez um sinal de assentimento*], muito mais ao ambiente, porquê? Porque Valongo não tem praia... e é... enfim tem um património interessante mas não tem como o Porto [!], o Porto 'tá aqui ao lado e claramente o património do Porto é muito mais interessante para um turista, mas tem do ponto de vista natural aquilo que mais ninguém tem na Área Metropolitana do Porto, é que temos a Serra de Santa Justa, de Castiçal, as Serras de Pias, de Santa Justa e do Castiçal que fazem um conjunto verde qu' é a maior área verde da Área Metropolitana do Porto e depois do ponto de vista natural, eu não sei se sabia, mas tem um Parque Paleozóico [*o E. fez um sinal de assentimento*], o melhor Parque Paleozóico do, do país [*o E. fez um sinal de assentimento*], temos ... espécies raríssimas e interessantíssimas do ponto de vista natural, inclusivamente 4 delas que estão em extinção estão a ser trabalhadas entre a Câmara e a Faculdade de Ciências da Universidade do Porto com o apoio da União Europeia porque senão nós não tínhamos dinheiro p'ra tudo... que são, é uma, é a Salamandra Lusitana que é um, que, que tem aqui na Serra o seu, os seus melhores habitats e mais 3 Fetos que crescem nos Fojos, também temos aqui os Fojos Romanos... é muito interessante e muito bonito eu aconselho-a vivamente a vir visitar, porque é este turismo que nós podemos vender, é esse turismo natural temos plantas... [*o E. interveio*] [*vereador da cultura e do turismo da câmara municipal de Valongo, 36 anos, PPD/PSD*]

Quando nos confrontamos com o discurso do vereador da cultura e do turismo da Maia, alvo de uma objectivação política que nos parece relevante, detectamos, de novo, proximidades entre os concelhos aqui presentes,

nomeadamente entre os que se situam na *orla mais interior* da AMP e que não usufruem, como os seus eleitos sistematicamente referem, ou de valências naturais, como o mar e a praia, ou de valências históricas e patrimoniais, ou ainda de valências estruturais do desenvolvimento dos centros urbanos portugueses, como o exemplo da centralidade funcional da cidade do Porto.

Quanto aos traços da *política cultural* do concelho da Maia, também ela dependente de um trabalho articulado que, a dado momento, foi feito entre o próprio vereador e antecessores e a figura política do líder local²¹, o vereador responsável analisa a política cultural local a partir da sua relação directa com o processo de desenvolvimento do próprio concelho. E a este propósito salienta, tal como já o havia feito o próprio presidente da edilidade, que nos últimos 25 anos o concelho da Maia, marcadamente rural, foi alvo de um processo de desenvolvimento industrial e de urbanização progressivo, com alterações do tecido social local, em particular devido às atracções exercidas pelas redes viárias rápidas, pela oferta residencial mais barata e pela proximidade económica e cultural face ao Porto. Até aos anos 90 do século XX, a Maia vivenciou particularmente os primeiros níveis do desenvolvimento local, satisfazendo as necessidades básicas da população concelhia. E, nesse contexto, similar ao de outros concelhos da AMP, a prioridade do investimento na cultura não se colocava e a política cultural existente, segundo o autarca, traduzia-se na ocupação de tempos livres com algumas festas locais, mais próximas do universo da *cultura popular*.

Muito bem... ora vamo' lá ver a... a quest [hesitação], a questão do desenvolvimento das políticas culturais no concelho da Maia não pode ser dissociada... do historial do desenvolvimento do próprio concelho [o E. fez um sinal de assentimento]... como sabe o concelho da Maia há coisa de 20, 25 anos atrás era um concelho eminentemente rural [o E. fez um sinal de assentimento]... as nossas elites eram eminentemente rurais, p'tanto com todas as, as... os méritos e... questões que caracterizam os ambientes rurais... e portanto não havia efectivamente o, o, o, o hábito de... de consumo de bens culturais... pelas

²¹ Refira-se, e à luz dos testemunhos locais recolhidos, a proeminência social, política e cultural do líder político da Maia que entre 1979 e 2001 chefiou o executivo municipal. Os registos de observação directa permitiram-nos presenciar, e porque nos confrontámos com o contexto temporal recente da sua morte, a presença da imagem e das palavras nos diversos espaços do município. Assinale-se que a formação deste autarca nas áreas da ciência e da cultura, e o interesse manifesto pela cultura, potenciaram uma intervenção política cultural significativa no concelho.

condições do, do, do concelho nós nunca tivemos a formação... de uma burguesia comercial... e portanto o facto de não existir uma, uma burguesia comercial também... ao contrário do que se passav [hesitação], do que se passava em municípios ao la [hesitação], em concelhos ao lado do nosso em que foi... a, a, a burguesia a partir do século XIX fomentava os primeiros encontr [hesitação], os encontros, os saraus etc, na Maia isso não havia... p'tanto... quando o concelho... começa a fazer... a sua transformação de um concelho... eminentemente rural p'rá realidade qu'hoje, que é hoje que é completamente diferente... houve primeiro que... que resolver uma série de questões, ou seja... houve um esforço muito grande de infraestruturização do concelho, em coisas tão simples como, como... como saneamento, mas é preciso não esquecer que em, em, em, em, nos anos, nos finais dos anos 70... a, no ranking do desenvolvimento dos municípios do país a Maia ocupava... julgo eu... o quinto lugar a contar do fim [o E. fez um sinal de assentimento]... p'tanto o... e hoje... desse lugar ter-se transformado no concelho com maior qualidade de vida da Área Metropolitana do Porto, houve efectivamente que fazer muita, muita coisa em muito pouco tempo, e portanto... primeiro houve que... que resolver uma série de, de, de problemas, nomeadamente relacionados com, com, com, com a estruturação do tecido industrial... com, com questões da rede viária, com as questões de, de, de, de carácter, de carácter... ambiental, e é evidente que num contexto desses... a questão de uma política cultural não se impunha, não se impunha da mesma forma como s'impõe hoje, portanto... é natural que até... os anos 90, até o início dos anos 90... a política cultural fosse muito mais encarada do meu ponto de vis [hesitação], dum ponto de vista... do médio investimento e... e... e... e portanto as iniciativas... visavam apenas os objectivos, p'tanto eram mais uma questão de, de promover algumas festas, entre aspas [o E. fez um sinal de assentimento] de quando em vez do que propriamente... começar a corresponder a, a ou [hesitação], a outro tipo de expectativas que ainda não existiam... [vereador da cultura e do turismo da câmara municipal da Maia, 38 anos, PPD/PSD]

Neste sentido, houve necessidade de criar expectativas e necessidades culturais locais, equipamentos e oferta, e, como tal, públicos. A *política cultural*, nestes termos, passou a ser perspectivada como *vector estratégico* a partir dos anos 90, e após essa primeira fase do desenvolvimento básico do concelho. Um processo lento e difícil, se atendermos às características do tecido social local: composto por uma comunidade endógena, marcada pela ruralidade e pela inexistência de hábitos de consumo cultural, até finais dos anos 70, e sem tradições burguesas de investimento nas artes; mas, igualmente, composto por uma comunidade externa que passou a residir na Maia a partir dos finais dos anos 80 e cujos hábitos de consumo cultural se mantinham enraizados na cidade do Porto. A estratégia política da autarquia, e ciente de que não poderia, desde logo, alcançar a totalidade destes públicos potenciais, foi a de direccionar a sua intervenção cultural para a comunidade mais jovem do concelho, segunda geração dos residentes entretanto

chegados ao concelho, e dotar a comunidade local de uma maior homogeneidade identitária. Como refere:

Em relação a essa gente, a essa primeira geração... fixa aqui no concelho da Maia, é uma, é uma geração muito complicada porqu'é do ponto de vista de fixação... no território por outro tipo de coisas que não seja o dormir, ou o trabalhar, porque é muito difícil a quem tem, a quem passa... uma infância, e passa uma juventude numa cidade com'ó Porto, p'tanto tens os seus cafés, tens os seus... os seus cinemas preferidos, tem a sua discoteca, tem, tem o seu bar preferido e pelo facto de virem residir p'ra outro sítio que fica a 5 km de distância muito dificilmente essas pessoas mudam d'hábitos, p'a ir ao Porto é um instante [o E. fez um sinal de assentimento], e portanto esse foi um dos... apesar d'haver uma, uma população com expectativas de, de... em termos culturais completamente diferentes do que as expectativas da população aborígene se quiser... de qualquer maneira foi, foi, é, é, é um tipo de população que... dificilmente é conquistada, quer dizer em termos de, de fidelização a, a, a, a conse [hesitação] ao consumo d'hábitos de... ao consumo de bens cultur [hesitação], culturais localizados no próprio território, portanto isso foi um facto que, que nós fomos confrontados e tivemos, tivemos que definir uma estratégia, estratégia essa que visava... p'ra já e tendo em atenção que os recursos eram extremamente esca [hesitação], escassos e portanto não valia a pena nós perdermo-nos, perdermo-nos em tentar chegar a toda a gente, porque acabávamos por não chegar a ninguém, p'tanto obrigou-nos a focalizar... os investimentos e as preocupações principais de desenvolvimento do consumo cultural naquela camada da população que à partida nos parecia, que nos parece mais rentáveis em termos culturais e nesse sentido não é só uma questão de, de, de rentabilidade em relação ao benefício que as pessoas poderão... obter... das práticas culturais no concelho, mas também o benefício que a própria comunidade poderá ter em relação aos investimentos culturais que é no sentido de tentarmos criar cada vez mais uma comunidade mais homogénea possível [o E. fez um sinal de assentimento]... e portanto em qu'é que s'apostou? Apostou-se essencialmente nos filhos desses casais, desses jovens casais (...) [vereador da cultura e do turismo da câmara municipal da Maia, 38 anos, PPD/PSD]

Os *objectivos da política cultural municipal* são, assim, e tentando cruzar os vectores da diversão e da fruição com o da formação, os de i) criar uma oferta cultural diversificada e atractiva, e de ii) alicerçar localmente condições para a formação na área da criação cultural e artística. Como diz o próprio vereador, iii) delimitar estrategicamente uma *política cultural de carácter formativo*, direccionada preferencialmente para os jovens residentes no concelho.

(...) toda a política cultural da Câmara Municipal, embora não descurando a questão... do mero divertimento e do la [hesitação], do lazer procurou sempre associar às questões de... que são mais... efémeras do ponto da geração questões mais estruturais, e por isso é que nós a propósito dos festivais de música [o telemóvel do Vereador começou a tocar] criamos um... criamos um conservatório, é, é, é... por isso que nós a... através de, de, de, do festival de teatro criamos uma companhia de teatro, precisamente para... para além da, da, da, do aspecto do, do, do, do mero divertimento... tentamos... [o telemóvel do Vereador começou a tocar] criar mais [risos]... posso atender? Deixa-me... (...) procuramos... apostar... em... em

termos de política cultural em 3... esteios fundamentais... a nível do investimento tinha que estar, tem que estar presente [o E. fez um sinal de assentimento], porque as pessoas precisam disso... tentamos ser inovadores no, no tipo de oferta e no terceiro, p'ra mim o mais importante, na questão da formação... quer dizer, eu acho que... a aposta na formação é uma aposta essencial p'ra nós... em termos... em termos de município... e por isso... novamente olhando para a questão dos recursos, que como disse, são extremamente escassos... já que vamos fazer investimento e vamos fazer investimento na área da formação vamos ter que direccionar isso pr'aqueles que nos permitem [o E. fez um sinal de assentimento]... um recurso mais longo, um recurso mais longo desses, desses, desse próprio investimento, e por isso é que temos uma pos [hesitação], uma, uma política... cultural de carácter formativo muito apostada, muito direccionada para... para os mais jovens. [vereador da cultura e do turismo da câmara municipal da Maia, 38 anos, PPD/PSD]

Em última instância, e relacionando-a com o *plano de desenvolvimento mais global do concelho*, a cultura é uma dimensão necessária à formação cívica dos indivíduos, no exercício pleno dos seus direitos e deveres, e à identidade de uma comunidade com o território que a acolhe. O desenvolvimento cultural, assente na diversidade das propostas e nas possibilidades de formação, está na base do desenvolvimento económico. Face às contenções dos recursos financeiros, e não sendo possível alargar uma política estratégica a grupos etários mais idosos, o autarca postula o investimento nos grupos mais jovens que, num futuro próximo, poderão constituir uma comunidade local. Mesmo que os efeitos do desenvolvimento cultural não sejam imediatamente visíveis e quantificáveis – é essa a especificidade dos investimentos feitos na área da cultura – é por esse vector – pela formação cultural das pessoas – que perpassa o sentido do desenvolvimento equilibrado de um território.

(...) há aí um facto que não se pode, que nós, que nós não podemos... ultrapassar, é que efectivamente ou apostamos seriamente na, na... na formação da juventude e tentamos a partir daí... formar uma comunidade... pelo menos como disse mais homogénea em termos de sentido comunitário, de vivência... da vida total dentro dum dado território, ou seja, ter dentro dum dado território respostas com mais ou menos qualidade, com mais ou menos, com maior ou menor diversidade a tudo aquilo que constituem as expectativas de vida de um cidadão, ou apostamos aí, ou então, jamais conseguiremos, conseguiremos... formar essa comunidade, porque esta comunidade foi efectivamente uma comunidade que sofreu com a ruptura, uma ruptura provocada pelas transformações... económicas do... do concelho e que foi agravada, entre aspas pela entrada de muita gente nova que todos os anos entra! Das duas uma ou essas pessoas arranjam âncoras de fixação à... a e [hesitação], ao concelho de que fazem parte integrante e formam uma comunidade, ou nunca teremos uma comunidade [o E. fez um sinal de assentimento], p'tanto e acho que é a única forma possível, quer dizer... e acho que a única forma é apostar... naqueles que já... que já vivem aqui... desde o início [o E. fez um sinal de assentimento] porque, e por isso gostava muito de

ter, de ter possibilidade de... económica e financeira de tentar a [hesitação] apostar seriamente na disponibilização duma oferta... a técnicos mais, mais, mais idosos, mas não tenho recursos p'ra isso, portanto tenho que apostar... naquele nicho que daqui a 10 anos e tal me dá algumas garantias de, de, de... de poder efectivamente fazerem parte, formarem uma comunidade, que eu acho que é isso que nós precisamos, nós precisamos de formar efectivamente uma comunidade. [vereador da cultura e do turismo da câmara municipal da Maia, 38 anos, PPD/PSD]

E acrescenta a propósito do desenvolvimento cultural de uma comunidade:

(...) nós [sorrisos], nós não, nós... eu acho que atendendo à nossa, não é só à nossa realidade concelhia, é a nossa realidade nacional, ou apostamos claramente na qualificação da matéria humana que temos... ou estamos perdidos que nós não temos petróleo [!][o E. fez um sinal de assentimento]... p'tanto é que tem que ser por aí e as pessoas e quanto mais, enfim quanto mais formadas são as pessoas, quanto mais, quanto mais acesso as pessoas têm a determinado tipo de, de, de, de... de bens... mais, mais facilmente essas [hesitação] essas pessoas se tornam cidadãos responsáveis, e... o eu ser responsável não é só... desempenhar os seus deveres com, com, com... com... pronto com qu [hesitação], com qu [hesitação], com qualidade, é também saber exactamente quais são os seus direitos [!] e poderem exercê-los... de forma... inequívoca e portanto eu julgo que é por aí, o desenvolvimento, o desenvolvimento... um desenvolvimento económico harmonioso só é conseguido a partir dum desenvolvimento cultural também harmonioso [!], porque senão não temos [!], por isso é que nós temos o tipo de empresários que temos, por isso é que nós temos o tecido empresarial que temos, por isso é que nós temos as falências fraudulentas, por isso é que nós temos as... este mundo d'aldrabice porquê? Porque as pessoas... as pessoas não têm... a grande maior parte das pessoas durante anos e anos não lhes foi disponibilizado... instrumentos que lhes, que lhes permitissem na, depois no desenvolvimento da sua vida... poder pensar de forma diferente [o E. fez um sinal de assentimento], portanto e acho que é por aí, quer dizer seja na Maia, seja em Bragança, seja em Lisboa, seja... no Funchal [o E. fez um sinal de assentimento], quer dizer é, é, é, é só, é através da formação... e esta formação não, não visa minimamente... a... a unanimidade na... nas questões, eu acho que é a formação que, que permite exactamente fazer-se exercícios diversos de quanto seja possível exercer... agora o que é preciso é garantir... na medida das nossas possibilidades o... o... um acesso... igualitário a toda a gente [o E. fez um sinal de assentimento], quer dizer as pessoas que façam aquilo que quiserem com aquilo que recebem, aquilo que recebem, mas eu acho que é por aí quer dizer, e não, e não há... é evidente que isto é... uma ponte e uma estrada bem ou mal construída são visíveis [o E. fez um sinal de assentimento]... quanto está lá gastado [sic] ou não, os investimentos feitos na cultura são muito mais complicados do ponto, do ponto de vista de, de, de, de análise de... e de medir... os resultados, mas não há alternativa. [vereador da cultura e do turismo da câmara municipal da Maia, 38 anos, PPD/PSD]

Quanto aos eventos que marcam a política cultural do concelho, e num cruzamento estratégico entre diferentes níveis de expressão cultural²², o autarca destaca alguns como o Festival Internacional de Teatro Cómico, o Festival

²² Mais uma vez o trabalho exploratório em torno das agendas culturais do município, e de algumas publicações locais, permitiu-nos constatar a diversidade dos eventos culturais, atendendo aos vectores acima enunciados.

Internacional de Música, a Bienal de Artes da Maia, para além do trabalho desenvolvido no âmbito do Conservatório de Música e da empresa municipal Academia das Artes²³.

Do ponto de vista da *política turística* do concelho, o autarca constata a inexistência de recursos naturais que potenciem formas de turismo associadas aos lazeres e a um certo tipo de práticas de consumo cultural. Em contrapartida, e no contexto económico da Maia – concelho industrial por excelência – o *turismo de negócios* torna-se o mecanismo de atracção endógena, que justifica por parte da autarquia um investimento significativo na oferta gastronómica local e na qualidade dos serviços prestados na restauração.

Portanto, o turismo, vamos lá ver, o... em termos turísticos o concelho da Maia tem um problema. O concelho da Maia não tem nem... nem uma costa marítima [*o E. fez um sinal de assentimento*], 'tá, nós já tivemos mas já não temos... nem sequer temos uma serra em que, onde haja neve, p'tanto nós temos, temos algumas dificuldades do ponto de vista de, de, de... de, de oferta turística tradicional... p'tanto houve, houve que arranjar aí uns, uns... pensar um bocado e todas as situações e ver então: "Vamo'lá ver o qu' é que nós podemos criar como mecanismos de atracção em relação ao concelho". Nós temos aí na... um nicho importante que é, que, que, que se traduz pela quantidade de empresas que aqui temos. Nós na Maia temos instaladas mais de 2500 empresas... e portanto começamos a perceber que havia... muito [!] e não é por acaso que as 2 unidades hoteleiras da cidade estão sempre esgotadas... portanto havia aí, havia aí grandes possibilidades p'aqui p'ò chamado, p'ò chamado... turismo de negócios [*o E. fez um sinal de assentimento*], pessoas que vêm ao concelho por questões de negócios... o que é que nós temos p'a oferecer a isso? Quer dizer as pessoas que vêm fazer negócio ao... concelho da Maia não estão muito, não estão propriamente interessadas em ir visitar o, o, o Mosteiro de Águas Santas, ou o Mosteiro de... de, de Moreira da Maia, o que querem é, é... acessibilidades rápidas, da cidade às fábrica que lhes interessa ir, ir, ir colaborar e que tenham um sítio onde possam ir almoçar... com qualidade, fundamentalmente isso [!], e portanto nós apostamos seriamente na... começamos a fazer há cerca de... 4, 5 anos, agora não me recordo bem, uma coisa chamada... Concur [*hesitação*] Concurso de Gastronomia (...) nós sabemos que... se nós queremos que estes industriais que nos visitam alcem cá no concelho... temos que ter a certeza absoluta da qualidade da nossa oferta, e portanto é uma forma... esta, esta habilidade se quiser é uma forma de fazer perceber ao, ao tecido... industrial do concelho da área da restauração que tem que ter estabelecimentos a funcionar em condições, portanto mais do que a gastronomia propriamente dita interessámo-nos muito mais outro tipo de... outro tipo de questões, nomeadamente a qualidade dos serviços, da higiene, etc., e portanto os nossos concursos de gastronomia funcionam mais nessa base, ou seja tentar... mais que o prato... mais tentar saber qual é o restaurante... que tem o melhor bacalhau assado, mas é também qual é o restaurante que tem melhores condições de funcionamento, e as coisas [*o E. fez um*

²³ À semelhança de outros concelhos, que criaram as suas empresas municipais em áreas de intervenção cultural e desportiva, o autarca considera-a um mecanismo formal para agilizar os investimentos e os processos de viabilização das decisões políticas municipais.

sinhal de assentimento] têm corrido bem (...) [vereador da cultura e do turismo da câmara municipal a Maia, 38 anos, PPD/PSD]

Para além do investimento político e financeiro no *turismo de negócios*, e na articulação da oferta cultural com o tecido socioeconómico da restauração local, o vereador destaca ainda *outras componentes da política turística municipal* como o inventário do património local e a criação de folhetos de divulgação turísticos, as visitas guiadas ao concelho e os périplos gastronómicos.

Se confrontarmos os traços até agora apresentados pelas vereações respectivas quanto aos *concelhos da orla interior* da AMP com os *da orla litoral*, nomeadamente Espinho, Matosinhos, Póvoa de Varzim e Vila do Conde, voltamos a constatar especificidades transversais a todos eles.

A autarca de Vila do Conde, responsável pela vereação da cultura, e num concelho onde não nos foi possível realizar a entrevista ao presidente da edilidade²⁴, apresenta como *princípios da política cultural* da autarquia i) a conservação e a dinamização do património arquitectónico e ii) a programação de uma oferta cultural regular, que abrange as áreas da música, da dança, do teatro, do livro e da leitura.

Os traços fundamentais têm que ver com a conservação, dinamização e... lançamento a nível do, do reconhecimento público dos equipamentos, dos equipamentos e estes equipamentos, talvez não seja o termo correcto, do nosso património. O nosso pat [hesitação], património arquitectónico e, e em relação a isto eu digo-lhe por exemplo tivemos... o ano passado a comemoração dos 500 anos da Matriz em que realmente desenvolvemos um programa vastíssimo de modo a, que realmente dar a conhecer com as actividades que fomos desenvolvendo [o telefone da Vereadora começou a tocar] a nível

²⁴ Obtivemos um parecer negativo ao pedido de entrevista à presidência da autarquia. À data da entrevista à vereação da cultura, o presidente acumulava a gestão política da área do turismo, e como tal não nos foi possível objectivar, por via dos discursos dos eleitos locais, a política turística do concelho e, a um nível mais amplo, a de desenvolvimento global. Seria um dado importante na pesquisa, pelas possibilidades de avaliação de um projecto que a situação de entrevista oferecia ao próprio edil. Tenhamos presente que, em Vila do Conde, o líder político do executivo mantém-se, desde 1982, no poder local. A análise transversal de outras fontes documentais permite-nos antever que o investimento político na dotação de equipamentos culturais e desportivos constitui um vector para valorizar as actividades culturais e artísticas no concelho. Para além das potencialidades turísticas de Vila do Conde serem reconhecidas noutros discursos do autarca vilacondense (por exemplo, os recursos naturais, o artesanato, a gastronomia e o património monumental), assume-se também a falta de unidades hoteleiras, para além das infra-estruturas já existentes (residenciais e casas senhoriais para turismo de habitação), que potenciem outras modalidades de turismo, para além do turismo sazonal.

nacional... pronto esta riqueza que é a nossa Igreja Matriz cujos 500 anos se comemoraram e quem diz a Igreja Matriz diz... quer parar? (...) ... conservação e, pronto dinamização desses espaços e temos realmente um património riquíssimo... que realmente... é um, um, um [*o telefone da Vereadora começou a tocar*] dos... dos eixos em que nos centramos realmente... pronto, continuar... atento àquilo que é património e... e, e fazer a sua manutenção e, e a sua dinamização e dar a conhecer efectivamente o que também se temos os espaços e não criamos actividades [*o E. fez um sinal de assentimento*] que realmente... pronto promovam esses espaços junto do público também digamos que cairíamos na, na [*o telemóvel da Vereadora começou a tocar*] tradição do antigamente em que as coisas existiam, estavam fechadas e ninguém tinha acesso a elas e portanto era como se não existissem. Pronto depois, isso é portanto... um... dos eixos importantes... o outro tem que ver com a oferta a nível cultural que nós programamos no tal plano... de actividades para cada ano [*o telefone da Vereadora começou a tocar*] e que passam muito pela música, pela dança, pelo teatro... por... tudo o que é também dinamização da Biblioteca, nomeadamente a apresentação de escritores, da promoção de, de, de sessões de poesia, do conto para as crianças, enfim, pronto, todo um conjunto de, de, de, de actividades que programamos com muito cuidado de modo também a ir ao encontro do público que nós sabemos que temos. [*vereadora da cultura da câmara municipal de Vila do Conde, 53 anos, PS*]

Reconhece que o concelho tem uma rede de equipamentos vasta e satisfatória, mesmo os que pertencem às associações com mais historial social e cultural no concelho. São estas - como o Círculo Católico dos Operários - que estendem às freguesias algumas das actividades. O movimento associativo adquire uma centralidade no discurso da vereadora pelas virtualidades da sua própria acção cultural e social: num concelho composto por 30 freguesias, são as associações e os programas culturais inter-freguesias que contribuem para a maior facilidade em organizar eventos e diversificar a oferta ao nível da cidade e do concelho.

(...) eu tenho muito, muito contacto com o concelho, não faço um trabalho aqui de gabinete, procuro sair o mais possível, conheço muito bem as pessoas das associações, os Presidentes de Junta e etc. As pessoas também sabem que podem contar com, com, connosco para qualquer... pronto questão que queiram pôr a esse nível, e depois temos uma série de programas realmente inter-freguesias, 'inda agora acabou... portanto um programa desses onde as diversas associações culturais de todo, de toda, de toda a espécie... programam actividades de freguesia em freguesia e depois fazem um... pronto, um grande... espectáculo final. E portanto há este, há esta ligação, há esta proximidade e efectivamente, apesar das 30 freguesias eu aí não noto qualquer dificuldade em gerir esta complexidade que efectivamente [*o E. fez um sinal de assentimento*] existe mas que se gere, que se consegue gerir. (...) Muito! Eu dou imensa, imensa importância a essa vitalidade! [*o E. fez um sinal de assentimento*] E realmente penso que essa vitalidade é uma das responsáveis pelo sucesso do panorama cultural, sucesso pronto, dentro das medidas do que é possível no nosso concelho, as associações têm um papel muitíssimo importante [*o E. fez um sinal de assentimento*]. Principalmente a nível, as que funcionam a nível concelhio porque aqui na sede da cidade é mais fácil as coisas organizarem-se! Existem maiores equipamentos e... pronto, outra... oferta! As associações trabalhando no terreno, no seu terreno levam à prática e conhecedoras também aí daquilo que as pessoas... pretendem e gostam e...

portanto... estando mais próximas... aí, portanto desenvolvem um trabalho importantíssimo no concelho. [vereadora da cultura da câmara municipal de Vila do Conde, 53 anos, PS]

Destaca eventos culturais como a Feira de Artesanato, o Festival Internacional de Curtas-Metragens e a Feira de Gastronomia. Indica, e a propósito da maior ou menor presença de públicos nos eventos, que a oferta cultural municipal é gratuita, uma opção política da autarquia socialista, e, mesmo que não o tenha objectivado na situação de entrevista, parece-nos que o cruzamento de expressões culturais é transversal à oferta municipal²⁵.

E é curioso, deixe-me só dizer-lhe isto, que a nossa Autarquia nunca cobra qualquer... [o E. fez um sinal de assentimento] bilhete por seja que espectáculo for [o E. fez um sinal de assentimento], portanto todos os, prontos todo, todo, todo, todo, toda, todo trabalho que fazemos nesta área e que, e que promovemos junto das pessoas é sempre gratuito, que também é importante, embora aqui as coisas sejam talvez um pouco discutíveis [sorrisos], pronto, mas não interessa. [vereadora da cultura da câmara municipal de Vila do Conde, 53 anos, PS]

Quando questionada sobre o *plano de desenvolvimento local* do concelho, e sobre o posicionamento da cultura nesse plano, apenas objectiva a necessidade de projectar um desenvolvimento em que as dimensões educacional e cultural estejam presentes, e articuladas com as dimensões económicas e tecnológicas, e segundo a mesma ordem de importância política e social²⁶.

(...) sem educação e sem cultura não há nenhum programa, seja que programa for que mexa com populações como é o caso que possa ter sucesso! Para que realmente o desenvolvimento... que nós pretendemos para o nosso país... seja possível não é fazer estradas, não é fazer grandes edifícios, não é por aí que se consegue porque isso sem a parte humana desenvolvida, sem a qualificação dos nossos, da nossa população [o E. fez um sinal de assentimento], sem a preocupação do exercício da cidadania p'ra cada um de nós que é facultada precisamente por estes, por todos estes, por todo este trabalho que possa ser desenvolvido e agora pensando principalmente nas nossas crianças e dos nossos jovens para que realmente sejam acompanhados de maneira diferente ao longo do seu percurso de vida e sejam cidadãos diferentes e mais qualificados e mais responsáveis a todos os níveis do que, do que a população que, que temos actualmente, eu acho que sem isso nada se

²⁵ A análise transversal das fontes documentais disponibilizadas permite-nos confirmá-lo.

²⁶ O confronto que fizemos com outras fontes documentais relativas à câmara de Vila do Conde permite-nos localizar, nos discursos do responsável pelo executivo municipal, um interesse político pelo desenvolvimento económico do concelho, assente nas unidades industriais e nos serviços associados, e pela manutenção e valorização das questões ambientais.

consegue! E portanto a dimensão da educação e da cultura estão exactamente no mesmo plano do que a dimensão, do que todas as outras dimensões em que falamos porque se completam! E sem o todo a funcionar o projecto não resulta! [o E. fez um sinal de assentimento] Na minha opinião. [vereadora da cultura da câmara municipal de Vila do Conde, 53 anos, PS]

O vereador da cultura e do turismo de Matosinhos, por sua vez, apresenta o município, e a partir da sua memória e do conhecimento que procurou sustentar com a chegada à câmara, com uma peculiaridade no que diz respeito à cultura e ao turismo: independentemente da sua presença formal no organograma da câmara, e da visibilidade política dos investimentos feitos naquelas áreas, o concelho sempre teve uma atenção institucional e associativa particular para com as questões da cultura e do turismo. Do ponto de vista da *política turística*, as primeiras preocupações políticas com a projecção turística do concelho remontam, segundo o autarca, aos anos 40 e 50 do século XX, na sequência da construção do Porto de Leixões, que funcionava simultaneamente como um porto comercial e um porto de chegada de passageiros e de turistas. A divulgação da história de Matosinhos, das lendas dos pescadores e da tradição oral em torno das origens do concelho traduziram-se nalgumas preocupações de ordem turística, com a criação de um posto de turismo junto às docas de Matosinhos. Tais preocupações manter-se-iam, com maior ou menor protagonismo, até meados dos anos 80, momento em que o município delineou uma política turística direccionada para determinados segmentos, como o *turismo cultural* – nomeadamente a oferta em torno da arquitectura monumental antiga e da arquitectura contemporânea, e a oferta gastronómica local – e o *turismo de negócios*, por efeito directo da Exponor e das feiras comerciais, e do Porto de Leixões, localizados no concelho. Transparece no discurso do autarca a relação estreita entre turismo e cultura como *factor potencial do desenvolvimento local* e da atracção de sinergias externas.

(...) nós quando investimos, só p'a lhe dar um exemplo, nalgumas exposições de arquitectura foi também a pensar e um bocadinho em consequência disso num certo fluxo de turistas que nos apareciam a, para visitar... nomeadamente obras de arquitectura [o E. fez um sinal de assentimento], no caso mais, mais importante... mais na altura, hoje em dia já com mais duas *nuances*, que era no caso na altura o arquitecto Álvaro Siza, depois com a,

com a construção deste edifício começou a haver uma grande procura de visitantes também este edifício é do arquitecto Alcino Soutinho e mais recentemente do arquitecto Eduardo Souto Moura e portanto nós investimos aí, claro que depois introduzimos outros dados como sendo as obras do, do, do arquitecto Pedro Ramalho nomeadamente no, no campo da... do, do movimento cooperativo [o E. fez um sinal de assentimento], porque há uma cooperativa em Matosinhos que ganhou um prémio internacional de arquitectura, um prémio, um... um projecto do arquitecto Pedro Ramalho que é um projecto da cooperativa Sete Bicas... e agora... também mais recentemente o Eduardo Souto Moura quando fez umas casas no centro histórico de Matosinhos e com a nova Marginal de Matosinhos, e portanto, nós começámos a ter e achamos que devíamos fazer qualquer coisa no campo da cultura, as exposições, os livros, etc., etc... e devíamos aproveitar, aproveitar para fazer também alguma promoção em termos de, de turismo... com essas obras [o E. fez um sinal de assentimento], por isso é que durante alguns anos nós nas nossas participações internacionais nas feiras de turismo, primeiro individualmente e agora no âmbito da Área Metropolitana do Porto... o nosso enfoque era sempre na arquitectura, moderna portuguesa, nomeadamente nestes 3 nomes que lhe disse e depois acrescentando o Fernando Távora [o E. fez um sinal de assentimento], nomeadamente com a Quinta da Conceição e mais recente com a Quinta de Santiago e, e também como lhe disse há pouco... o arquitecto Pedro, Pedro Ramalho (...) [vereador da cultura e do turismo da câmara municipal de Matosinhos, 44 anos, PS]

Reconhece que apenas nos últimos anos, e já no final da década de 90 passada, o investimento político e financeiro no *turismo balnear* se tem tornado mais visível. Para tal contribui o investimento nalguns vectores: na reabilitação urbanística da parte sul de Matosinhos, uma zona que, do ponto de vista urbano, se mantinha desqualificada e desertificada por efeito do fecho das indústrias conserveiras; na despoluição das águas do mar; e na criação de acessos e de equipamentos de apoio ao *turismo balnear*. É nesta parte da cidade que, no mandato actual (2001-2005) o município investe, tanto do ponto de vista urbanístico como turístico, invertendo uma estratégia que teve lugar nos princípios dos anos 90, e recriando a relação do território e da comunidade com o mar.

Foi por isso que nós aqui há uns... 10 anos seguramente fizemos um investimento forte... em equipamentos de diversão, bares, discotecas, etc., com dois objectivos, primeiro para... para... dar ou oferecer algumas oportunidades a pessoas que estavam aqui em negócios e que iam passar uma noite ou um princípio de noite mais agradável e depois para se requalificar uma zona que entretanto estava a ficar ou era deprimida que era Matosinhos Sul, que era uma zona onde que estavam as fábricas que entretanto tinham fechado e eram zonas de... promiscuidade, zonas... [tosse] não frequentadas por... por pessoas e portanto tornavam-se até zonas duma certa forma inseguras e portanto isto teve mais ou menos um estratégia, hoje essa estratégia está a ser abandonada com a construção e com a criação duma, duma, ou de uma nova cidade ou de uma nova zona da cidade, que já começa a requerer alguma privacidade, alguma tranquilidade que já não é compatível com bares e discotecas e com a mesma facilidade mas... entretanto, só para... entendemos que era

altura com esta... renovação urbana de nos virarmos para o, o, o mar e foi por isso que fizemos um fortíssimo [!] investimento na despoluição das linhas de água... que acabavam por ser o que ia poluir o mar... um investimento a rondar, veja só a valores da altura, da volta dos 20 milhões de contos... e foi por isso também que fizemos a nova marginal de Matosinhos Sul encomendando um projecto ao arquitecto... de nomeada que é o arquitecto Eduardo Souto Moura e fizemos aquelas marginais e os arranjos da, da orla costeira marítima... protegendo as dunas [o E. fez um sinal de assentimento], recuperando algumas praias, dando-lhes melhores acessos, fazendo parques de estacionamento, que é assim uma obra que está neste momento em desenvolvimento mas que já é seguramente visível e... e por isso é que tivemos uma... uma grande procura já das nossas praias nestes últimos anos [o E. fez um sinal de assentimento], que estamos a oferecer qualidade na, nas praias... limpeza de praia, etc., aquelas coisas que são [o E. fez um sinal de assentimento] mais ou menos normais e evidentes e que as pessoas procuram. [vereador da cultura e do turismo da câmara municipal de Matosinhos, 44 anos, PS]

Aos princípios da década de 80 remontam também os primeiros passos sistemáticos da programação cultural concelhia e as primeiras linhas da *política cultural municipal* e, como nalguns outros casos, foi a sensibilidade política da presidência e da vereação na área cultural da altura que permitiram promover uma programação mais sistemática e pouco casuística, como até àquela data, cerca de 1979, habitualmente se fazia. Os *primeiros traços* da política cultural matosinhense marcaram um investimento particular, e à semelhança do que já constatámos noutros municípios, na dotação de equipamentos culturais – a biblioteca municipal, por exemplo – e em áreas que, à data da nossa pesquisa, mantêm-se ainda como áreas privilegiadas da intervenção municipal: é o caso da música clássica que constitui, na globalidade da política cultural municipal, um dos vectores de intervenção privilegiados, tanto do ponto de vista da criação e da fruição, como da divulgação artística de compositores e de intérpretes, internacionais e nacionais. As *grandes exposições*, como refere, e as *publicações e edições próprias* sobre o campo literário e musical, constituem, de igual modo, as áreas privilegiadas da política cultural matosinhense.

(...) no final ou no início da, no final da década de 70, início dos anos 80, e... aí sim é que houve pela primeira vez um Vereador da Cultura [o E. fez um sinal de assentimento], na altura o Presidente da Câmara que é o mesmo convidou para vereador e para titular desse lugar uma pessoa que era e é ainda hoje... uma figura de cultura de Matosinhos, já era naquela altura uma referência... e foi a pessoa que acabou por começar a fazer uma programação... sistemática, não é, até aí havia, faziam-se coisas esporádicas [!], não é... não havia uma, uma programação, não havia uma coerência, não, não havia, digamos iam-se

fazendo coisas [o E. fez um sinal de assentimento]... embora eu ache que em Matosinhos houve sempre pessoas que sempre tiveram algumas preocupações a esse nível [o E. fez um sinal de assentimento]. Eu só lhe dou aqui 2 ou 3 exemplos que eu acho que são numa visão estratégica anormal para a época. Por exemplo, o Salão de Chá da Boa Nova foi construído em 1957, não era normal ao tempo encomendar-se um projecto arrojado como era aquele... e que é hoje marcante da arquitectura... internacional. Primeiro era um jovem arquitecto, e depois fazê-lo num sítio onde, onde ele foi feito, depois, repare, foi o mesmo Presidente de Câmara que encomendou ao mesmo arquitecto jovem, Álvaro Siza, que na altura tinha acabado de estagiar com o, o arquitecto Fernando Távora, que lhe encomendou a construção das Piscinas de Marés. Eu acho que a construção das Piscinas de Marés e da... e do... do Salão de Chá da, da Boa Nova, são... preocupações turísticas, associadas a preocupações urbanas, arquitectónicas e até... com algumas perspectivas ambientais. Mas foi este mesmo Presidente de Câmara, que era uma pessoa de... horizontes largos que comprou a Quinta da Conceição, que comprou a Quinta de Santiago... repare ao comprar estas quintas... esteve a preservar o património histórico [o E. fez um sinal de assentimento] e depois o património arquitectónico e até o patri [hesitação], o património natural de... de Matosinhos. Bom, mas isto eram coisas que se iam fazendo. Não havia uma estratégia, não havia uma, uma... um, e mesmo, se calhar nem o próprio conceito de turismo estava tão, tão desenvolvido e da própria cultura como está hoje (...) [vereador da cultura e do turismo da câmara municipal de Matosinhos, 44 anos, PS]

Ressalva a necessidade de uma política cultural ser orientada por *princípios de coerência e de sistematicidade*, de maneira a alargar a sua dimensão quer quanto à qualidade da programação, quer quanto à formação de públicos e à conquista de espaços sociais e culturais. Por outro lado, e como elemento estruturante de uma política cultural municipal o autarca considera que às entidades públicas, como as autarquias, cabe, por via de um projecto global integrado e dos investimentos financeiros públicos, viabilizar, e no caso da cultura, a formação integral dos actores sociais. Neste sentido, perpassam pelo discurso do autarca representações sociais sobre a dimensão legitimada das manifestações culturais situadas ao nível das *expressões eruditas* e, como tal, mais exigentes do ponto de vista da formação dos públicos. Em contrapartida, e a propósito deste posicionamento, atravessa as representações ideológicas do actor político a associação entre *cultura e desenvolvimento local* integrado.

Porque quem quiser que, o que eu entendo é que as câmaras têm que preencher, isso um privado pode fazer o que quiser, não é nada connosco, as câmaras e os organismos públicos, o dinheiro público tem que ser gasto, tem que ser canalizado para coisas que valorizem as populações. Nós entendemos aqui em, em Matosinhos que a chamada qualidade de vida passa por muitas coisas, passa por ter ruas sem buracos, passa por ter as ruas limpas, passa pela recolha do lixo e passa pela oferta... por uma ofer [hesitação] oferta cultural qualificada, suficientemente diversificada [!], porque dentro da qualidade também

há uma grande... diversidade, e nunca ceder à facilidade e à mediocridade! E portanto estas são as linhas que parecem simplistas mas são as grandes linhas orientadoras da nossa, da nossa programação. Depois, fazemos coisas mais complicadas, menos complicadas, etc., é também competência dos organismos... públicos oferecer... neste caso actividades, oferecer iniciativas p'ás chamadas imensas minorias porque aquelas coisas de, de massas nós sabemos onde as há com facilidade, depois há o resto, há os outros públicos todos alternativos, há essas coisas todas, e nós temos que ter um bocado essa, essa... essa vocação porque se não for porque são habitualmente... iniciativas que não são lucrativas, são iniciativas que são até às vezes bastante dispendiosas e que até nem se vê o, o, o retorno das coisas, mas essa não tem sido a nossa, a nossa grande, grande preocupação (...) [vereador da cultura e do turismo da câmara municipal de Matosinhos, 44 anos, PS]

Assinalável parece-nos também a discordância relativa por parte do vereador quanto à expressão *política cultural*. Prefere concebê-la como um *projecto* ou uma *orientação global* para o concelho, e não como uma política isolada, como a expressão parece sugerir, que se enquadra, e com um papel formal igualitário, na política geral e integrada da câmara. Ao conceber a cultura como um elemento *não centralizado*, do ponto de vista da concepção e do investimento político e financeiro, a câmara tem alargado a construção e animação de equipamentos culturais tem-se alargado às freguesias do concelho, tanto na fruição e nos usos da programação, como no apoio à formação e à criação locais, possibilitando-se a promoção e a divulgação de expressões culturais que se encaixam nos limites daquilo que o próprio autarca designa por *trabalho de qualidade que promove o conhecimento*.

Eu acho, eu acho que há. Eu acho que há e acho que se há câmara que tem uma política cultural é a Câmara de Matosinhos. Embora eu não goste muito desta expressão... Não eu acho que nós temos uma... nós temos uma orientação política global para, para Matosinhos [o E. fez um sinal de assentimento], temos um projecto [o E. fez um sinal de assentimento] para Matosinhos e nesse projecto faz parte também a cultura [o E. fez um sinal de assentimento] e depois... Entra em igualdade de circunstâncias com os outros, com os outros todos. Aí... a cultura também não deve ser uma coisa centralizada e portanto, nós temos, temos... feito diversos equipamentos em diversos pontos do concelho e temos apoiado... fortemente alguns núcleos, por exemplo, nós apoiamos fortemente o museu numa escola secundária do concelho de Matosinhos que é em Lavra, que começou como um projecto da escola, uma coisa interna, que nós vimos avaliamos pelos nossos técnicos da área e que concluímos que era um projecto interessantíssimo, que estava a mobilizar aquela gente e então nós decidimos apoiar. Como decidimos apoiar... por exemplo uma escola de música também em Lavra que faz anualmente um festival de música já de grande... de grande nível, ou seja, nós quando falamos da, da política cultural... [tosse] não só promovemos como apoiamos muito alguns núcleos [pigarreia] que achamos que são importantes [o E. fez um sinal de assentimento]. Nós também não queremos ser os proprietários, nem os donos do... da coisa, aliás eu defendo que nós... devemos cada vez mais ser apenas promotores de... d'iniciativas para as tais imensa minorias e depois... sermos nós os promotores de 2, 3 ou 4

daquelas que se calhar representam maiores investimentos, se calhar representam... maior arrojado, etc., etc., etc., de resto nós temos é que apoiar quem faz trabalho de qualidade, quem... promove o conhecimento etc. [o E. fez um sinal de assentimento], etc., etc...[vereador da cultura e do turismo da câmara municipal de Matosinhos, 44 anos, PS]

Há uma outra dimensão destacada pelo interlocutor relativamente à *especificidade da política cultural concelhia* e que nos parece relevante aqui assinalar: a construção dos equipamentos culturais locais não antecedeu as estratégias de formação e alargamento dos públicos nas áreas privilegiadas pelo executivo municipal. A tal ponto que, à data da realização da entrevista, os eventos já existentes, anualmente e de carácter fixo, já exigiam outros espaços culturais, mais adequados à amplitude dos públicos e às características da própria oferta. Aquilo que, de algum modo, a estratégia municipal procurou foi a de coadunar a dimensão dos equipamentos – e no caso do auditório municipal, por exemplo – com a dimensão dos públicos locais, inicialmente mais restritos, e com a oferta das infra-estruturas culturais dos concelhos limítrofes. Como refere o autarca:

Olhe eu, eu vou, eu vou dizer-lhe, eu vou dizer-lhe uma coisa para perceber... nós tínhamos projectado um... um auditório p'ra aqui com cerca de 1000 lugares!... Nessa altura o São João do Porto estava fechado... o, o Rivoli estava decrépito [!], o Coliseu idem, o Carlos Alberto nem se fala. Não existia o Campo Alegre, o Teatro do Campo Alegre. Ou seja, no Porto não havia salas de espectáculo!... Muito bem! Nós decidimos avançar primeiro com a construção da biblioteca, com a galeria de arte, etc., etc., e resolvemos deixar ficar o auditório para pensarmos mais um bocado e as últimas orientações dadas e agora o projecto está avançar para o arquitecto, são um auditório... no máximo de 400 a 500 lugares, não nos interessa mais que 400, 400 e poucos lugares. Sabe porquê? Porque entretanto no Porto o São João foi restaurado, o... o Carlos Alberto está restaurado, está a restaurar, o Coliseu foi recuperado, foi construído o Teatro do Campo Alegre, ou seja, há uma oferta de salas e nós depois também temos de ter consciência dos públicos que nós temos, e isto paralelamente ao facto da Câmara de Matosinhos ter comprado o Cine-Teatro Constantino Nery que dentro de dias irá abrir o concurso, 'tá a ser trabalhada em associação com a Ordem dos Arquitectos, o concurso público para o... a... a... o projecto de arquitectura, e portanto, eu não me interessa fazer centros culturais p'a fazer uma grande inauguração e depois tê-lo fechado! Não m'interessa construir elefantes brancos e por isso é que nós... resolvemos retomar estas opções. Agora, claro que eu também sei que há terras que têm grandes centros culturais, que são fabulosos, agora não têm programação, e não têm públicos, ou seja, têm equipamentos a degradar-se, têm equipamentos que saem caríssimos a... ao erário público e que são completamente inúteis, têm elefantes brancos! E portanto nós aí temos... cortado... rigorosamente. Se fosse feito, feito o levantamento... dos... da capacidade de utilização da maior parte dos centros culturais que começaram a... a polvilhar aí pelo País, as taxas de ocupação são baixíssimas! São baixíssimas [!] são edifícios caríssimos, que estão fechados! E nós temos feito essa, essa aposta, nós temos apostado na, na, essencialmente na, na qualidade para avançar com as infra-estruturas.

Agora repare... nós já não conseguíamos estar muitos mais anos sem uma galeria de arte... isso não conseguíamos estar, agora foi a nece [*hesitação*], a necessidade urgente de fazer, está feito, praticamente está feito, nós não temos muitos mais anos para poder estar sem um auditório... estamos a avançar com o Constantino Nery, daqui a 2 anos ou menos estará... pronto e estamos a avançar aqui com o Auditório aqui para fechar este, este conjunto e portanto há coisas que depois é a própria necessidade que nos obriga a fazer! Só que p'a chegar até lá, há um grande percurso, e há um grande caminho que teve de ser percorrido e nós já fizemos esse caminho, o, o pior é que a maior parte das pessoas quer fazer o caminho ao contrário [*o E. fez um sinal de assentimento*], porque sabe, e isso sabe tão bem como eu ou melhor, não chega fazer uma grande sala e abrir as portas que as pessoas vão lá, as pessoas só vão lá se tiverem o que as atraia e o hábito d'ir. [*o E. fez um sinal de assentimento*] [*vereador da cultura e do turismo da câmara municipal de Matosinhos, 44 anos, PS*]

Por último, e de uma forma particular, manifesta interesse político pelas novas modalidades de divulgação e de comunicação da oferta cultural municipal, nomeadamente através das novas tecnologias da informação como forma de captar potenciais públicos para os eventos que já são parte integrante da oferta cultural²⁷. E considera que as câmaras, enquanto entidades de exercício do poder e interlocutores responsáveis pela formação cultural das populações locais, terão que perspectivar a relação com os *mass media* e com as modalidades mais rápidas e eficazes de processar a informação necessária para a visibilidade da programação cultural de um dado território.

A *política cultural* do concelho da Póvoa de Varzim, retratada pelo vereador responsável, corresponde às linhas estratégicas delineadas pelo responsável político pelo executivo municipal. Os *objectivos* que a caracterizam, e desde o primeiro mandato da equipa que lidera o projecto político do município (1993), têm sido i) a construção de um conjunto de equipamentos culturais que permitam a construção de uma oferta regular e fixa e a reafirmação de uma identidade cultural local a

²⁷ A análise que fizemos do *site* oficial da câmara municipal de Matosinhos revela, por exemplo, uma acuidade com os conteúdos culturais e turísticos. E do confronto documental entre as agendas culturais no período que aqui retivemos apercebemo-nos da diversidade de expressões culturais e do peculiar investimento nas áreas da música clássica, das exposições de arte e das publicações. A formação das camadas mais jovens – com a actividade, por exemplo, *O aprender com a arte no jardim* realizada num museu, a Quinta de Santiago – articulada com o trabalho desenvolvido por algumas associações do concelho, e os destaques dados a eventos como os ciclos de música clássica, as exposições fixas em torno da arquitectura contemporânea portuguesa ou o Festival de Jazz de Matosinhos, preenchem, entre muitos outros, o painel da oferta cultural local. Acrescente-se que a formação académica e a actividade profissional anterior do interlocutor político aqui presente – jornalista – contrabalançam a sensibilidade política para estas dimensões em torno do *marketing* comunicacional da oferta cultural municipal.

partir da memória material e imaterial do concelho; ii) a dotação de tais equipamentos com técnicos especializados nas áreas; iii) a recuperação de bens patrimoniais, transformando-os em espaços de lazer e de cultura; e numa associação estreita com as potencialidades turísticas do concelho, iv) a recuperação urbana da cidade da Póvoa de Varzim, com um particular acento na frente de mar. Tais objectivos, estrategicamente delineados, têm marcado, com níveis de operacionalidade diferentes, particularmente no primeiro mandato, o trajecto político da equipa em exercício de funções. Procuram ser concretizados, e segundo o autarca, dando cumprimento à lógica de associação da câmara com a comunidade local, a partir de uma *relação triangular entre três actores locais*: a câmara, o casino e o movimento associativo local.

(...) temos na nossa política aqui na Póvoa 3 grandes... elementos ou factores que... trabalham todas, para todos, para o mesmo fim, um que é o Casino, como disse; outro, que é a Câmara Municipal, que tem os seus eventos mas... que não é necessário que seja a Câmara Municipal a protagonista... a Câmara Municipal deve existir para... apoiar, para colaborar, para ajudar e deve ser sobretudo uma almofada de choque, não é, porque se temos o Casino temos outro elemento também que é muito importante, na actividade cultural da Póvoa e que são as associações culturais. Felizmente temos, como disse no início da conversa milhentas associações culturais [o E. fez um sinal de assentimento], p'ra aí uma centena ou mais de associações culturais. O que é que acontece? Acontece que as associações culturais fazem... festivais de, de... de folclore, todas elas, todas elas... vão... participar em vár [hesitação] várias actividades fora da Póvoa, no estrangeiro mesmo, junto dos emigrantes... que se encontram em França, Alemanha... Brasil, África do Sul, têm ido por todos, por todas essas terras, no Canadá até... e fazem grandes eventos também elas próprias aqui, na, na, na terra, na nossa terra e é esse apoio e é dessa conjugação... da, da Câmara e das associações e do Casino que dá de facto esse, esse triângulo, eu podia dizer quase triângulo amoroso não é [o E. fez um sinal de assentimento], porque de facto é dessas relações que vai surgindo sempre e cada vez mais uma Póvoa mais cultural. [vereador da cultura e do turismo da câmara municipal da Póvoa de Varzim, 46 anos, PPD/PSD]

Reconhece desconhecer se havia ou não uma política cultural nos mandatos políticos anteriores a 1993. A percepção que tem como cidadão local, interessado pelas questões da cultura, era a da existência de eventos parcelares, alguns deles com uma afirmação institucional e cultural a nível nacional e internacional – como o Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim²⁸.

²⁸ A edição de 2007 deste evento, a decorrer entre 6 e 28 de Julho, constitui a 29.^a edição. O Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim – Costa Verde – Portugal foi criado em Julho de 1979 pela

... era uma vez uma terra que tinha... muita... muitas tradições... que... possuía... um grande número de pessoas interessadas em trabalhar em prol da cultura... que foi fomentando o aparecimento de muitas associações, culturais, recreativas, desportivas... mas que, não tinha... casa para a cultura, ou seja que não tinha casas... porque quando temos muita gente então temos casas temos pessoas que vivem debaixo da ponte, temos pessoas que vivem em barracas, pronto e acontecia um pouco isto quando aqui chegámos... que as únicas, os únicos 2 marcos culturais existentes na Póvoa de Varzim, podemos dizer 3 seria a Biblioteca Municipal, o Museu de Etnografia e História da Póvoa de Varzim e a Filantrópica [o E. fez um sinal de assentimento] que é uma cooperativa de cultura, e era, era neste, neste triângulo que, que existia toda, que existia toda a cultura na Póvoa de Varzim, não é... [a entrevista foi interrompida] (...) Não sei se havia política cultural autárquica, não sei se havia portanto, porque... eu... acompanhava de perto... os acontecimentos, havia sim, havia, havia alguns acontecimentos que pela sua qualidade se impuseram... e que, fosse qual fosse o elemento que cá estivesse, ou os elementos que cá estivessem... aquilo tinha que acontecer, normalmente... que é por exemplo, o que ficou, e se nós nos recordar [hesitação] recordarmos de actividades culturais que fizeram história na Póvoa, se eu lhe perguntar, vai-me dizer 1 ou 2, não me diz mais [o E. fez um sinal de assentimento]... o Festival Internacional de Música que agora é da Póvoa de Varzim... e temos? Que mais? [pausa] Temos... o S. Pedro! [risos] (...) As Festas de São Pedro, não me lembro assim de nada mais! Não é, que marcasse [o E. fez um sinal de assentimento] a Póvoa [o E. fez um sinal de assentimento], a Póvoa... há, de há 9 anos atrás... pronto... [vereador da cultura e do turismo da câmara municipal da Póvoa de Varzim, 46 anos, PPD/PSD]

Entre o discurso do autarca adquire centralidade a preocupação política em torno da identidade local e das memórias tradicionais e sociais daquilo que foi a cidade da Póvoa de Varzim nos anos 60 do século passado. Do seu ponto de vista, a cidade vivia, e em particular a partir de meados dos ano 80 em diante, a descaracterização e o desordenamento urbanístico, a degradação do casino local e dos espaços culturais existentes, a falta de relação dos locais com o mar. Perante tal, a intervenção estratégica pautou-se pelo investimento nos equipamentos culturais e desportivos, numa associação política entre cultura e desporto, e na oferta cultural, de cariz nacional e internacional, a partir do trabalho realizado pelo movimento associativo local, pelo casino local e pela oferta especializada por parte do município. À data da entrevista, o investimento do município na cultura é no sentido de *manter as actividades entretanto criadas, de formar e alargar públicos* e de

empresa SOPETE, S.A., sob proposta do pianista Sequeira Costa. A câmara municipal da Póvoa de Varzim apoiou a iniciativa, desde a primeira edição, mas a partir de 1994, assumiu, com a empresa fundadora, as responsabilidades de organização e promoção do evento. Desde 2003, a organização e a gestão do Festival são da responsabilidade da Associação Pró-Música da Póvoa de Varzim, juntamente com duas actividades interligadas: a Orquestra Sinfónica da Póvoa de Varzim e a Escola de Música da Póvoa de Varzim.

concluir a recuperação ou a transformação arquitectónica de alguns equipamentos existentes na cidade.

(...) e isto dito assim parece muito fácil... parece que se fez tudo muito rapidamente, que está tudo pronto... mas isto tem tudo a ver com um objectivo estratégico na altura do Doutor Macedo Vieira... que é... vamos utilizar tudo aquilo que temos... toda a verba que temos na recuperação da cidade... porque depois o resto vem por a [*hesitação*] arrasto. E então foi preciso reconciliar a cidade Póvoa de Varzim com o mar, nós estávamos afastados do mar, a frente marítima da Póvoa estava hiperdegradada [!], porque tínhamos vergonha de ser Póvoa de Varzim, porque a Póvoa só era conhecida por tudo de mau que havia neste País, que eram as grandes torres, pela degradação da zona envolvente a essas grandes torres, porque só se pensava em construir e não se pensava em arranjar o que estava à volta do que se construía, o que era necessário era vender, vender, vender... E foi, e foram esses atropelos todos que fizeram da Póvoa o que ela é de facto agora... mas era necessário então recuperar a imagem da Póvoa, a imagem dos anos 60 e que era de facto uma imagem de, de, dum expoente máximo da, da época balnear (...) [*vereador da cultura e do turismo da câmara municipal da Póvoa de Varzim, 46 anos, PPD/PSD*]

Destaca como eventos e como áreas privilegiadas de actuação, o teatro – com o apoio ao grupo de teatro amador local; a literatura – o Correntes d’Escritas; e a música – com o Festival Internacional de Música e a Orquestra Sinfónica da Póvoa de Varzim, por um lado, e o protocolo com a Orquestra do Norte e a Escola de Música Municipal, por outro. Pela política cultural municipal perpassa o *cruzamento de expressões culturais diversas* – desde as manifestações de *cultura popular* até às manifestações de *cultura erudita*²⁹. Reconhece que as opções políticas na área da cultura transparecem as sensibilidades e as aspirações pessoais dos vereadores responsáveis, como igualmente repondera a necessidade de haver uma planificação e concertação das actividades culturais para ser possível medir os efeitos a médio prazo dos investimentos realizados na área da cultura, em particular os verificados ao nível da formação e do alargamento dos públicos dos eventos.

(...) temos tido várias peças aqui na Póvoa de Varzim mas de vários tipos de teatro, não é, temos tido teatro de revista que as associações fazem aqui na Póvoa... sei lá, a música como disse, é a música clássica mas também é a música popular, também é a música folclórica, também é a música das, das Bandas de Música, portanto... nós não podemos dire [*hesitação*]

²⁹ O confronto com outras fontes documentais, entre elas as agendas culturais do concelho, permite-nos, à semelhança dos outros concelhos, perspectivar o investimento político noutras formas de expressão cultural, para além daquelas dinamizadas pelo movimento associativo local e que são maioritariamente formas de *cultura popular*.

direccionar a nossa, a nossa cultura, porque as pessoas, há pessoas que entendem cultura é só aquilo que não é entendível [!] pelo comum dos mortais, não é, não eu, eu não, não, não partilho dessa ideia, cultura... é tudo, agora nós temos que dosear, não dar sempre do mesmo, não é, senão... teremos sempre só o mesmo público, o que nós temos visto é que nós temos abrangido um grande número de pessoas (...) [*vereador da cultura e do turismo da câmara municipal da Póvoa de Varzim, 46 anos, PPD/PSD*]

Subjacente está, inevitavelmente, o apoio às associações locais, partindo do pressuposto de que é necessário responsabilizar a sociedade civil na intervenção cultural local. A formação dos públicos foi lenta e demorada nalguns eventos particulares, como o Festival Internacional de Música, mas considera que em 2002 os eventos já têm o seu espaço social e cultural definido. E a *descentralização cultural*, com investimentos infraestruturais feitos nas freguesias, é uma das prioridades do concelho no mandato de 2001-2005.

Há uma associação estreita entre a *política cultural* da câmara e a *política turística municipal*. Da associação entre lazer e cultura, criam-se potencialidades de *turismo cultural*, para além daquelas inerentes às virtualidades balneares oferecidas pelo concelho.

Não é por acaso que o Vereador do Turismo é o mesmo Vereador da Cultura! [*o E. fez um sinal de assentimento*] (...) Há concelhos em que o Vereador do Turismo é um e o da Cultura é outro! (...) É, é mesmo por essa, por essa lógica que temos que eu tenho que ouvir os, os operadores turísticos do concelho [*o E. fez um sinal de assentimento*]... tenho que saber o que é que eles, o sentir... de com' é que está o turismo aqui no concelho, o que é que é preciso fazer mais, o que é que devemos todos mas todos não é só a Câmara... não é, porque os operadores não se podem dizer: "Ah! Pôr-se naquele local fácil a Câmara é que tem que fazer." Não! Todos! É por isso que quando eu me dirijo por exemplo... e vou aqui dizer um nome, não faz mal a publicidade, quando me dirijo ao Novo Hotel Vermar [*o E. fez um sinal de assentimento*] e digo quero xis quartos para os escritores que vêm cá à Póvoa de Varzim!... e tenho os quartos gratuitos para os escritores que estão aqui 4 dias na Póvoa de Varzim! Não é qualquer pessoa que consegue isso. É que também as pessoas que estão à frente des [*hesitação*] desses espaços compreendem que é importante também para eles que isso aconteça na Póvoa de Varzim, que dá notoriedade à Póvoa de Varzim, que dá notoriedade ao seu espaço... e que levam muita gente a ir para lá paralelamente que não tem nada a ver com os escritores, mas que tem a ver com os escritores também, mas que vão pagar e que vão estar lá [!], não é, isto é que é imperdível, ou por exemplo quando falo com o Casino... que preciso disto ou daquilo para fazermos aqui por exemplo a Festa de Fim de Ano, a Câmara não tem dinheiro! Não há dinheiro, em Portugal não há dinheiro! Ninguém sabe onde está o dinheiro, onde é que pára o dinheiro! [*risos*] Mas eu quando cheguei ao Casino "Temos que fazer uma festa! Para o povo [*o E. fez um sinal de assentimento*], para pessoas que não vão a festas organizadas, para as pessoas que não vão estar em casa, que estão na rua!" E o Casino imediatamente: "Sim senhor, vamos fazer uma festa!" E vamos fazer, vai estar uma banda... brasileira a tocar em frente ao Casino, fogo de

artifício na passagem d’ano, portanto dar a ideia de festa [o E. fez um sinal de assentimento]... quando é que custou à Câmara? Nada! [o E. fez um sinal de assentimento] Mas é preciso que a Câmara vá à frente porque eu ouvi os hoteleiros dizer: “Ah, não vai haver festa não sei que mais, as pessoas estão aqui nos hotéis...” e já vai haver! Há no Casino lá dentro, há cá fora, há nos cafés, há ali, portanto, é isto é estarmos sempre atentos aos acontecimentos que é necessário que, que aconteçam, que, que se passem aqui pela Póvoa de Varzim... [vereador da cultura e do turismo da câmara municipal da Póvoa de Varzim, 46 anos, PPD/PSD]

As proximidades entre Espinho e Póvoa de Varzim estabelecem-se tanto pela dimensão de um projecto cultural e turístico articulado com as potencialidades turísticas de ambos, como pelas especificidades da oferta cultural local. O vereador da cultura e do turismo retrata a *política cultural de Espinho* como inexistente até à data da equipa executiva actual, 1993. O que caracterizava Espinho até essa altura era o tecido associativo local, subsidiado pela câmara, e que no pós-25 de Abril adquiriu um protagonismo acrescido, com o aparecimento da Cooperativa Nascente, que dinamizou uma actividade cultural intensa nas áreas do cinema, do teatro, da música e das artes plásticas. E são as associações locais que ainda hoje protagonizam os eventos culturais e artísticos mais significativos do concelho: o Cinanima – Festival de Cinema de Animação da Cooperativa Nascente; o Festival de Orquestras de Verão, organizado pela Academia de Música de Espinho e com projecção internacional; o Festival Internacional de Música de Espinho³⁰ e, num outro nível de expressão cultural, o Festival de Folclore. Neste sentido, a política cultural espinhense caracteriza-se i) pelo apoio ao trabalho cultural de longa data das associações culturais locais; ii) pela oferta de eventos mais especializados nas áreas da literatura e história e pela diversidade dos eventos musicais, e iii) pela articulação estreita com o turismo e o desporto locais.

(...) logo na altura do 25 de Abril const [hesitação] constituiu-se aqui uma cooperativa que é a Cooperativa Nascente... que tinha grupos de teatro, de canto... de cinema e portanto acabou por fazer, por ter uma actividade... cultural intensa, e havia também... as associações culturais como sejam a Academia de Música de Espinho, a Academia de

³⁰ O Festival Internacional de Música de Espinho, um outro evento similar na área da música clássica e contemporânea, também organizado em Julho de cada ano, realiza este ano a sua 33.^a edição, entre 6 e 29 do referido mês. É organizado pela Academia de Música de Espinho, que engloba no seu projecto a Escola Profissional de Música de Espinho e a Orquestra Clássica de Espinho, e que conta com o apoio da câmara municipal de Espinho.

Música de Santa Cecília, o Orfeão [o e. *tossiu*] perdão [!], os Ranchos Folclóricos, todas, todas estas associações... tinham actividade cultural... mas não... mas não era uma política... da autarquia digamos assim. A autarquia limitava-se a dar um subsídio [o E. *fez um sinal de assentimento*] a estas associações... tivessem elas ou não uma actividade cultural meritória, mas fazia, p'ra, p'ra, p'ra... é uma, é quase por costume... porque muitas delas se calhar nem precisariam de subsídio e... mesmo o subsídio que se dava não era suficiente para as actividades que elas realmente tinham [!] e têm... e nós aqui para falarmos da cultura em Espinho temos que... falar... do que os políticos faziam neste campo e do que faziam as associações. Ora em termos d'associações Espinho sempre foi muito rico [o E. *fez um sinal de assentimento*] já desde o folclore, à música e ao teatro e ao cinema realmente as associações de Espinho têm produzido... o que há de melhor em termos de, de cultura [!] [o E. *fez um sinal de assentimento*] específica... as Câmaras... muito recentemente... penso que... eu não queria ser parcial, não queria ser nem... portanto... desde que foi, que foi, que fui eleito nesta Câmara com os meus colegas, e isto já lá vão 9 anos tem tido... a preocupação de... produzir uma série de eventos ao longo do ano que complementa esta, is [hesitação] isto que as associações fazem, e, e esses eventos são produzidos por... por para complementar essa oferta cultural... das próprias associações e então... socorremo-nos do meio universitário, produzimos... cursos de história, cursos de literatura, colóquios vários... apresentações de livros... encontros de história local, alguns [o E. *fez um sinal de assentimento*] muitíssimo [!] interessantes, um dos primeiros aqui realizados levou a que... se... fizesse o quadro [discurso imperceptível] do que é hoje o Museu de Papel em Paços de Brandão, que esse encontro... de história local incidiu muito sobre os moinhos e... a fabricação de papel e que nesta zona foi importante [!] des [hesitação] desde também Encontros... de Escritores Lusófonos, fizemos aqui... já... pelo menos 2 encontros dessa natureza e um deles com escritores de todos os países... até de Timor... que falam a nossa língua. Portanto fazemos uma, portanto temos uma série para além destes, desta... desta actividade que é eminentemente cultural, Encontros de História d'Arte, Cursos Breves de História, de Literatura... o... portanto este Encontro de Escritores Lusófonos e, temos também uma série de espectáculos musicais, quer dizer dirigido a todos os sectores sociais... começamos pela dita [risos] música pimba, não é [o E. *fez um sinal de assentimento*] aos, pronto ao Jazz, portanto fazemos portanto, tentamos ser abrangentes, não excluindo nenhum sector, embora tentando puxar p'ra cima digamos assim [o E. *fez um sinal de assentimento*], digamos assim... mas na verdade... na verdade temos também sempre aqui presentes nesta, nesta animação as associações do concelho, como temos, este concelho tem 5 bandas de música, não [!] melhor dito... tem 4, 3 bandas, 1 tuna, mas tem também numa outra freguesia uma associação musical e tem também um... uma orquestra bom, própria. Digamos que nós temos aqui no concelho... de... portanto para, para vermos as nossas associações já temos um, um calendário de espectáculos, portanto aqui em frente à Câmara no Verão... todas elas, pronto, concordaram... e... organizaram os espectáculos todos os fins-de-semana... [o E. *fez um sinal de assentimento*] portanto organizando-se ... e isto gratuitamente... enfim como uma certa, uma certa forma de se mostrarem aos espinhenses por um lado, e por outro lado... ser também uma espécie de paga pelos subsídios que possam, ou apoios que possam ter d'Autarquia e até dos espinhenses... [vereador da cultura e do turismo da câmara municipal de Espinho, 51 anos, PS]

Os eventos culturais têm fins turísticos, numa cidade que nasceu como *cidade balnear*, e constituem-se como *vectores estruturantes do desenvolvimento* do concelho. Considera que a política cultural da câmara não é muito interveniente, no sentido ideológico e político, tentando, antes de mais, definir as linhas básicas da

programação cultural. Assume que há mais um papel político de potenciar as actividades das próprias associações locais e, simultaneamente, de organizar eventos em torno de figuras nacionais e internacionais nas áreas referidas.

.. vai manter, vai manter isso certamente [o E. fez um sinal de assentimento] e vai manter isso porquê? E isto é, tanto é assim, eu nunca vi em concelho, não conheço nenhum concelho como o de Espinho, Espinho tem 5 freguesias com 5 ranchos... tem 5 freguesias tem 5 associações culturais... associações desportivas e doutra natureza nem falar [!], quer dizer é um concelho pequeno e tem 156 associações e actividade das associações é enorme, por exemplo veja-se o caso da, da... da Nascente [!] que tem permanentemente um, um, um grupo de teatro com actuações regulares representando Garcia Lorca e autores diversos até, até Shakespeare embora [o E. fez um sinal de assentimento] é feito doutra forma, portanto tem... tem uma actividade permanente de teatro, tem um grupo de teatro, tem um, um jornal semanal [!] [o E. fez um sinal de assentimento] tem o Festival de Cinema que é o que nós fazemos, o Cinema de Animação... tem uma actividade editorial e é portanto uma... uma portanto uma associação cultural... forte [!] [o E. fez um sinal de assentimento]. A Academia de Música tem pura e simplesmente... dos melhores músicos do país [o E. fez um sinal de assentimento], muitas das orquestras... portanto a Gulbenkian, é uma orquestra nacional que tem músicos oriundos da Academia de Música de Espinho e há aqui uma orquestra de percussão que é talvez a melhor da Europa, ou das melhores [!] [o E. fez um sinal de assentimento], portanto como vê são... o Orfeão, quer dizer o facto de termos aqui tantas associações resulta de que Espinho foi sempre um local onde a actividade cultural era intensa [o E. fez um sinal de assentimento] pela parte, por parte das associações. Sendo assim, este potencial está... que... que está na mente e que está na, na própria sociedade espinhense vai certamente dar frutos, vai ser potenciado ao máximo agora que a Câmara tem meios para fazer equipamentos culturais [o E. fez um sinal de assentimento] porque até aqui não se viam [o E. interveio] ou eram [discurso imperceptível]... (...) portanto a política cultural da Câmara não é... int [hesitação] ... muito interveniente por uma razão, achamos que as associações [o E. fez um sinal de assentimento] é, é que têm que produzir cultura, porque a Câmara é uma Câmara d'eleição... é política não é, é um acto político e... e os eleitos... se podem ser de, de diferentes partidos, não é, e... e, e com políticas culturais diferentes. Muitas vezes nós associamos à actividade política um... uma determinada matriz cultural não é, claro... que o PCP tem uma determin [hesitação] numa matriz cultural embora... [o E. fez um sinal de assentimento] de, de diferenciada consoante a zo [hesitação], o país mas tem como terá, como terão os socialistas, como terão os conservadores e, e, e isto poderia, podia levar a uma alteração constante... do tipo de apoios e até das associações privilegiadas. Esta Câmara tem... por norma o seguinte, não interfere na actividade cultural das associações e potencia ao máximo [!] naquilo que pode... portanto no apoio que... que elas pretendem para realizar os, os seus eventos, e isto sem interferências... querendo só que elas sejam as melhores e as maiores e... esta é... é sobretudo esta política, e depois tem porque por, por outro lado... uma actividade que é eminentemente cultural e que eu há bocado referi que é a de chamar nomes da cultura nacional e até estrangeira a Espinho para... produzirem... conferências, seminários, colóquios, cursos [o E. fez um sinal de assentimento] que é exactamente isso... [vereador da cultura e do turismo da câmara municipal de Espinho, 51 anos, PS]

Concebe a política cultural articulada com o projecto mais global de desenvolvimento do concelho porque, em última instância, são a informação e o

conhecimento que permitem a um indivíduo tomar as decisões mais críticas e fundamentadas face à sociedade.

O desenvolvimento dum concelho passa pela sua [*discurso imperceptível*] eu sou daqueles que pensa que passa sobretudo por aí, não é. Eu não... não, não suponho, quer dizer não, não me é p'ra mim fácil pensar num concelho que esteja a desenvolver-se muito sem ser pelo lado cultural, porque o lado cultural é... sensibiliza p'ra tudo o resto, não é, as pessoas até fazem... os objectos mecânicos de maneira diferente até comem de maneira diferente, até ouvem de maneira diferente, quer dizer é tudo diferente... e portanto, diferente p'ra melhor. E este, este aumento qualitativo é eminentemente cultural, seja em que actividade for, na, na actividade mais irrisória do dia-a-dia [*o E. fez um sinal de assentimento*], daí que eu acho que a aposta na cultura é fundamental, é fundamental [!] por muitas razões, até porque eu se tiver... enfim num ambiente de pessoas cultas... estou melhor de todos os pontos de vista, não é [*o E. fez um sinal de assentimento*]... até também o próprio conforto, e isso é fácil eu podia exemplificar aqui mas... nem quero, mas a gente sabe como é desagradável... portanto... sentir que as pessoas desvalorizam algo que é... belo [!] e quando a gente desvaloriza algo que é belo, desvaloriza as coisas melhores da vida e provavelmente... nunca, nunca [*pausa*] nunca terá um progresso... notável porque é... com essa capacidade de apreciação, que é também uma capacidade crítica que se fazem as melhores escolhas, não é [*o E. fez um sinal de assentimento*], no campo, no campo da estética e da ética, não é. Não é porque uma pessoa é ignorante que... que é justa, quer dizer a ignorância é... quer dizer produz às vezes... atitudes e actos muito injustos, as pessoas informadas de todos os pontos de vista, mas também do ponto de vista ético e estético são pessoas que provavelmente têm uma melhor atitude em relação aos outros e à sociedade em geral, e a si próprios. [*vereador da cultura e do turismo da câmara municipal de Espinho, 51 anos, PS*]

Destaca eventos mais recentes e alternativos, para além daqueles que projectam o concelho há alguns anos: o Encontro dos Homens Estátua, o Encontro da Caricatura e o Humor de Rua, da responsabilidade da câmara. O *cruzamento entre os níveis de cultura* é transversal³¹ e o *interesse pela formação artística das camadas mais jovens* constitui um outro parâmetro da acção das associações e da própria câmara. Os projectos da câmara passam pela criação de um museu do mar, alusivo à pesca e à indústria conserveira, actividades de longa data no concelho e implementadas pela fábrica Brandão Gomes & Companhia; um museu de artes plásticas e uma biblioteca municipal ao abrigo da Rede de Leitura Pública.

³¹ Mais uma vez a análise que fizemos das listagens de eventos fornecidas e das agendas culturais do município de Espinho permitem-nos constatar tal diversidade de expressões culturais locais. As entrevistas feitas a dois actores culturais do concelho de Espinho, nomeadamente o presidente da Cooperativa Nascente e um dos membros da Cooperativa sempre ligado à animação cultural local, de igual modo certificam a especificidade de Espinho quanto à oferta cultural de cariz associativo: plural, transversal e anterior à própria oferta cultural municipal.

A propósito do Porto, e tendo por referência o discurso do vereador responsável pela cultura, a centralidade e a especialização da sua oferta destacam-se tanto intraconcelho, particularmente quando faz a contraposição com a equipa executiva anterior, como interconcelhos da AMP. Constatamos que politicamente reconhece a valorização formal e social da cultura e da oferta cultural na cidade que, entretanto, se foi constituindo ao longo dos anos 90 do século passado no consulado da equipa socialista. Entre 1989 e 1997, o autarca considera que se deu uma inversão na orientação da política cultural da cidade: não só foi criado o pelouro da Animação da Cidade com três áreas de intervenção articuladas e que transpunham a vertente patrimonial e musical, de foro erudito, anteriores a 1989. Eram elas a vertente patrimonial e institucional, com a gestão das colecções e das instituições museológicas e bibliotecárias da cidade e propriedade da câmara; a vertente do lazer e da divulgação cultural, com particular acento nas artes performativas; e a vertente da animação urbana. Do seu ponto de vista, aquilo que constituiu novidade institucional e política na cidade do Porto foi ter-se feito, ao longo dos anos 90, a associação entre lazer, cultura e animação urbana, e ter-se permitido o desenvolvimento de áreas que até àquela data se encontravam inoperacionais.

No mandato actual, 2001-2005, o vereador considera que é necessário fazer uma *inversão das prioridades da política cultural*, atendendo à acomodação política e à excessiva continuidade e rotinização da dinâmica cultural instituída durante 12 anos.

Neste momento o quê que lhe posso dizer? Posso-lhe dizer que... o Pelouro da Cultura porque... durante estes 12 anos o Pelouro passou a chamar-se Pelouro da Animação da Cidade, eu entendi que se deveria voltar ao termo Pelouro da Cultura, e Pelouro da Cultura porquê? Porque... os últimos anos... do consulado anterior, do executivo anterior... já foram anos de desgaste, já foram anos em que a um *élan* inicial muito grande que foi dado, a um desenvolvimento muito grande e, e a um entusiasmo muito grande com o desenvolvimento dessas 3 vertentes de que lhe falei... entrou-se já num, numa determinada continuidade num... sabe que... estas coisas quando entram no... num ritmo de continuidade depois perde-se o entusiasmo e começam-se a cair, começa-se a decair na rotina, e portanto... instalou-se digamos, instalou-se um espírito de deixa andar, 'ta encontrada a fórmula, esta é a fórmula ideal e... estabilizou, e estagnou perfeitamente... O que é que me parece? Parece-me que... há possibilidades de desenvolver grandemente toda a vertente patrimonial em tudo, sobretudo, em tudo o que se refere com a história da cidade, isso é um, todo um mundo que está por fazer, porque repare, o que é que se

construiu no fundo?... A Câmara neste momento tem o Museu Romântico, tem, continua a ter a Casa Tait... tem... a Fundação Guerra Junqueiro... tem ainda por fazer, 'tá previsto, mas não há verbas, ou é difícil neste momento arrancar com as obras... a casa museu António Carneiro... mas são tudo isto pequenas unidades museológicas e não há, a Câmara não tem um grande museu municipal, o quer dizer, aquilo que deveria ser a mostra da cidade... onde estaria explanada toda a história da cidade nas suas várias vertentes que seria o museu da cidade continua a não existir. [vereador da cultura da câmara municipal do Porto, 51 anos, PPD/PSD]

Um dos *princípios básicos da política cultural municipal* é o de desenvolver uma *vertente patrimonial*, no que diz respeito à história da cidade, com a construção – prevista - do Museu da Cidade do Porto e com a valorização e modernização de instituições como a Biblioteca Almeida Garrett, novo equipamento cultural do Porto, e os Arquivos Histórico e Geral. Por outro lado, continuar a investir na *divulgação da animação cultural* no domínio das artes, nacionais e internacionais, como as artes de palco, o cinema, a música clássica, a dança, o teatro, e num equipamento privilegiado e vocacionado para estas áreas, o Teatro Rivoli³². E, por fim, continuar a dinamização, e com maior acento ainda, da *animação da cidade*, atendendo aos novos hábitos de lazer, particularmente dos jovens urbanos, destacando-se as festas tradicionais da cidade, as Noites do Palácio, no Palácio de Cristal, e eventos de música, nos fins de semana, no Coliseu do Porto. Como refere o autarca, a diferença acentuada dos traços da política cultural do executivo de que faz parte situa-se na *vertente patrimonial* e na tentativa de configurar uma projecção museológica do património histórico da cidade. São projectos desta índole a criação

³² Para além daquilo que tem sido, o Rivoli oferece grandes possibilidades de expansão, quer dizer e essa é uma das, uma das... das apostas neste momento e apareceram as possibilidades de expansão a vários níveis. Em primeiro lugar... ao observar o Rivoli e ao, ao observar a qualidade da programação que aí tem sido efectuada espantou-me que não houvesse ainda nenhuma estrutura anexa ao Rivoli... em que se pudesse fazer a divulgação, quer do que se passava lá dentro, quer das próprias artes... que eram espelhadas na programação do Rivoli, e aí ter conseguido abrir dentro do Rivoli abrir uma livraria especializada para as artes... performativas, para as artes do palco... o que foi feito numa associação com... a livraria que já estava instalada em Serralves, portanto é o mesmo concessionário de Serralves que está neste momento no Rivoli e [!] tem-se revelado um êxito, quer dizer, a abertura da livraria do Rivoli revelou-se um êxito de adesão das pessoas (...), quer dizer aproveitamos o antigo, o bar do Foyer para instalar a livraria... reactivou-se esse bar, disseminaram-se as mesas no meio das estantes, portanto... tem tido essa grande vantagem, na medida em que dá uma interacção muito maior entre o utente... do Rivoli enquanto... fruidor de um determinado espectáculo e a, os seus interesses como leitor, não é, ou como alguém que se debruça sobre aquele tipo de arte e tem à sua disposição a... bibliografia específica e portanto isso tem dado, tem dado um resultado... muito grande. [vereador da cultura da câmara municipal do Porto, 51 anos, PPD/PSD]

de um museu do brinquedo e de um museu da indústria, a partir de espólios já existentes, e que podem constituir passos de um périplo museológico da cidade, com fins turísticos e com um sentido político e social de revitalização do centro histórico portuense e da baixa da cidade. De alguma maneira reconhece que tem havido falta de vontade política para desenvolver esta componente patrimonial da oferta cultural municipal, e, um pouco à semelhança de outros discursos que aqui já registámos, pondera que as escolhas políticas se articulam, de modo mais ou menos consciente, com as sensibilidades artísticas, as formações de base e os percursos profissionais dos próprios eleitos locais, neste caso os vereadores da área da cultura.

Olhe, eu diria, diria que a grande diferença em relação ao passado é o assumir que a Câmara não tem nenhum grande museu e portanto a luta por... a construção, a... a formação de uma unidade, de uma grande unidade museológica que possa realmente mostrar a história da cidade... Para além disso há alguns factores, alg [hesitação] alguns factores não, alguns aspectos específicos que também penso que seriam e que esta equipa está a lutar por isso, ainda neste domínio da museologia, que seria interessante o Porto dispor... Lembro-me por exemplo um, o museu do brinquedo, há apenas 1, 1 museu desse tipo em Portugal que é o que 'tá localizado em Sintra e portanto é nossa ideia aproveitar, ou congregar uma série de sinergias que existem, que sabemos existir aqui na cidade p'á construção do museu do, do brinquedo (...). Ora, sabendo que a Câmara tem uma colecção, uma fantástica colecção de museus, sabendo que há uma série de colecionadores privados que gostariam de ver expostas as suas, as suas colecções... entendemos que talvez fosse chegado o momento de viabilizar o museu do brinquedo, ainda por cima tentar compatibilizar essa ideia da, do museu do brinquedo com a uma outra ideia que é a da revitalização da Baixa e do Centro Histórico do Porto (...) Ora, se realmente o museu pode ser um instrumento de revitalização duma zona, entendido nesta época, então a Baixa do Porto, hoje em dia, mais do que nunca precisa desse tipo de, de equipamentos, p'ra tornar a Baixa mais viva, menos desertificada, e a ideia por exemplo em relação a este museu do brinquedo é instalá-los numa zona que quanto a mim é a zona, a sala de visitas, por excelência da cidade que é a zona da Sé (...) portanto já há aqui uma série de unidades que se, se acrescentarmos o museu do brinquedo todas elas podem contribuir quer sobre o ponto de vista turístico que é o primeiro sítio onde os turistas chegam, quer em termos da população da própria cidade que nos seus momentos de ócio... pode com, tendo focos de interesse através dum depois pode alastrar o seu interesse para as outras unidades museológicas, então talvez seja o sítio adequado para instalar uma unidade deste, deste tipo e ainda por cima se criarmos, que é outra das novidades que pretendo implementar, se criarmos para esta zona o, o sistema de bilhete-único, quer dizer a compra de bilhete dará acesso a todas as unidades museológicas inst [hesitação] e monumentais instaladas na, instaladas na zona. (...) há outra luta que me parece fundamental a este nível também e que aliás acho que deveria referir que era a construção, apesar dessa ideia não ser nossa, é uma continuidade, é uma ideia de continuidade, mas é uma ideia de continuidade actuante, e isto porquê? Porque é a ideia de construção de um museu da indústria... o consulado anterior desenvolveu esta ideia e ao longo de 10 anos em que montou uma associação para o Museu da Ciência e da Indústria fazendo uma parceria com a Associação Empresarial

Portuguesa... mas ao fim de 10 anos a verdade é que não conseguiu pôr o museu de pé (...)
[vereador da cultura da câmara municipal do Porto, 51 anos, PPD/PSD]

Tal não invalida, porém, e como faz questão de referir o autarca, que as decisões políticas são marcadas, antes de mais, por uma forte componente político-ideológica quanto ao papel da câmara nesta área e aos usos dos financiamentos públicos para a animação cultural. Mantendo o exercício de contraposição entre a política cultural do executivo social-democrata e a do executivo socialista anterior, o vereador considera que o vector da *divulgação cultural* adquire relevância diferenciada nos dois momentos políticos. E tal deve-se, em primeiro lugar, a um posicionamento político diferenciado quanto àquele que constitui o papel da câmara no apoio e na divulgação cultural. Do seu ponto de vista, e numa leitura que, até certo ponto, se distancia das demais já aqui apresentadas, quer pelo posicionamento ideológico propriamente dito, quer pela objectivação de factores que raramente algum outro vereador fez, o papel da autarquia não é o de mecenas das novas expressões artísticas – reserva essa competência para o poder central – mas o de criar e divulgar eventos que promovam, nacional e internacionalmente, a cidade.

Todos sabemos que o papel... do Estado, o papel do poder, desde a antiguidade que normalmente é um papel de mecenas e portanto, como mecenas está é a tentar dar oportunidade e a tentar criar condições para que os artistas, sejam eles de que área forem, para que os artistas possam... fazer vir ao de cima as suas qualidades, possam pôr cá fora a sua própria arte, a sua visão, no fundo a arte é uma, acaba por ser uma visão própria do mundo, é uma forma de ver e portanto, nas diversas áreas, e portanto o Estado, ou o poder se... assim o quisermos chamar, tem desempenhado ao longo dos séculos, tem desempenhado esse papel de mecenas. Mas há digamos que várias esferas do poder, e essas várias esferas do poder têm também competências diferentes, e portanto aquilo que eu questiono muitas vezes é se é à Autarquia que cabe financiar, ou ser mecenas a esse nível. Será a Autarquia, ou isso competirá ao poder central?... Parece-me que a... e aliás a lei, a lei é extremamente vaga nesse, nesse campo. O único artigo... que es [hesitação] que consagra algo neste domínio... limita-se a dizer que: “É competência dos municípios apoiar todas as mani [hesitação], man [hesitação], as manifestações culturais que forem do interesse da comunidade”, isto é extremamente vago, é uma redacção extremamente vaga, não nos diz concretamente o que é que o município pode, ou deve ou não fazer. E portanto depende muito do entendimento... dos executivos... o que é que devem apoiar, ou qual o tipo de apoio que deve ser concedido. [vereador da cultura da câmara municipal do Porto, 51 anos, PPD/PSD]

E, nesse sentido, defende que o papel da autarquia é o de conciliar as duas vertentes habitualmente contrapostas numa oposição nestes moldes: a diferenciação ideológica e social, habitualmente feita pelos próprios representantes políticos, entre a *vertente clássica e tradicional*, associada ao campo político da *direita*, e a *vertente moderna e contemporânea* da cultura e da expressão artística, associada ao campo político da *esquerda*.

A mim o que me parece é que a cidade, repare, nem tudo o que se faz é merecedor d'apoio [!], muitas vezes isto coloca problemas graves quanto ao entendimento e muitas vezes... digamos... os executivos conforme a sua cor política são... classificados e criticados, ou aplaudidos... consoante o entendimento que... têm entre aquilo que é fim tradicional, chamemos-lhe assim, o clássico [!] e aquilo que é arte contemporânea, nas suas várias... vertentes. E... a arte contemporânea muitas vezes é... incompreendida e é um pouco... como direi... vilipendiada em detrimento daquilo que é, daquilo que é clássico. Costuma-se dizer, tenho visto isso várias vezes, costuma-se dizer que os executivos e os governos de direita privilegiam normalmente o património [!], e tudo aquilo que, e todas as vertentes clássicas [!] ligadas ao património, e que... os governos e ex [*hesitação*] executivos de esquerda normalmente privilegiam a modernidade. Eu continuo a dizer que a modernidade dos nossos dias há-de ser o património, e há-de ser o clássico daqui, daqui a... do futuro. Portanto se não tivermos, quer dizer, acho que devemos respeitar a herança que nos deixaram, exactamente o património, uma determinada, uma, ou determinadas formas clássicas de cultura que nos deixaram, mas se não incrementarmos a nossa própria cultura, as nossa próprias visões modernas de olhar para o mundo, nós não vamos ter herança p'ó futuro, e portanto daqui a 200 anos não vamos deixar sementes, não vamos deixar rigorosamente nada, portanto... parece-me é que há que encontrar o justo equilíbrio entre estas 2 tendências, entre estes, estas 2 vertentes, o clássico e o... contemporâneo. Nesse capítulo continuo a dizer que a mim pessoalmente parece-me que é ao Estado que caberá o, a maior parte do apoio, a maior parte da função mecenática, por exemplo para as artes contemporâneas a todos os níveis... e às Autarquias cabe-lhes talvez um papel diferente que é... escolher, se assim se pode dizer, escolher o tipo de evento que quer ver divulgado na sua cidade e que pode promover, sobre esse *click*, mais pode promover a sua cidade. Portanto, ao dizer isto o que é que eu pretendo dizer? Pretendo dizer que temos que ter atenção e devemos escolher... eventos... chamemos-lhes festivais, por exemplo, que realmente promovam o nome da cidade, que sejam mostras... com qualidade e que promovam o nome da cidade, que levem o nome da cidade, não só... uma, que consigam fazer uma divulgação a nível nacional, mas também a nível internacional... [*vereador da cultura da câmara municipal do Porto, 51 anos, PPD/PSD*]

De acordo com a postura política face àquelas que são as competências das autarquias, considera que neste mandato a prioridade não é dada ao apoio financeiro a grupos nas mais diversas formas de expressão artística – como considera que foi um dos traços privilegiados pelo executivo socialista anterior. Pretende contrariar, como referiu, a prática da atribuição do subsídio – a *subsídio-*

dependência - a projectos artísticos que, do seu ponto de vista, são direccionados para públicos restritos, que não têm capacidade financeira e material de auto-sustentabilidade, que acumulam subsídios provenientes de diversas fontes, e que constituem um tipo de oferta cultural demasiado *alternativa* e *vanguardista*. Por contraposição, o *traço da política cultural*, e no que diz respeito à *divulgação cultural*, é o de escolher eventos culturais significativos para a cidade, que a possam projectar exteriormente, e dar apoio logístico àqueles grupos acima referidos, proporcionando-lhes condições institucionais para construírem o seu próprio percurso artístico³³.

(...) e quando falo isto pode ser, pode não ser no domínio das artes plásticas, mas no domínio do teatro, porque hoje em dia um dos problemas que se põe na, nesse campo por exemplo... é o facto de haver várias escolas de teatro, e cada 3... finalistas de uma escola de teatro formam uma companhia nova. Sempre com grandes projectos, projectos interessantíssimos [!], mas que depois não têm base de sustentação porque é muito bom começar a querer voar com asas próprias logo no início, mas normalmente a aprendizagem... faz-se sempre com alguém, e portanto se calhar é mais vantajoso a integração de... dessas pessoas em companhias, em, em grupos mais alargados, onde farão, continuarão a fazer a sua aprendizagem, do que criarem logo projectos próprios que se multiplicam, depois não têm sedes, não, não têm hipótese de sobrevivência, fazem espectáculos... muito alternativos, muito... vanguardistas, chamemos-lhe assim atingindo públicos extremamente reduzidos e depois entra-se num círculo vicioso, quer dizer só conseguem sobreviver se forem subsidiados, não geram, não criam estruturas que sejam auto sustentáveis e portanto... entra-se naquilo que se vulgarmente se chama, a subsídio-dependência. Creio que foi isso um pouco que aconteceu nos mandatos... anteriores, e talvez seja essa também uma das grandes rupturas, digamos, em relação ao passado. É quebrar com este sistema das subsídio-dependências que se geraram e em que há uma... miríade de grupos, chamemos-lhe assim que viviam pendurados no subsídio da Câmara, acumulando esse subsídio da Câmara com o subsídio do, do ICAM, ou do IPAE, ou... do Ministério da Cultura, quer dizer... não conseguindo solidificar depois essas estruturas. O quê que eu pretendo? Pretendo precisamente dar apoios, por um lado à divulgação e por outro lado apoios logísticos que permitam também a muitos desses grupos, em todas as áreas... tentarem afirmar-se autonomamente... e daí termos estado, tem sido feito um esforço grande na tentativa de encontrar sedes para... para esses grupos, espaços onde eles possam... funcionar, ao dizer isso não estou a dizer qu'estou a tentar encontrar teatros, não é possível! Agora, pode haver é partilha d'espacos, pode haver espacos municipais, é o caso do Rivoli, é o caso do próprio Teatro do Campo Alegre que podem ser colocados... à disposição dos grupos da cidade para aí poderem fazer as suas *performances*, para aí... poderem... mostrar enfim o quê que estão a fazer, e portanto mais do que tentar subsidiar

³³ A análise de outras fontes, nomeadamente as fontes documentais previstas no âmbito desta pesquisa, permitem-nos verificar o percurso do pelouro da cultura na câmara municipal do Porto: a centralidade cultural, nas diversas formas de expressão, atravessa a década de 90 e prolonga-se, com menor investimento político e simbólico, após o Porto 2001. A diversidade dos modos de expressão cultural é aquela que, no interior da AMP, maior amplitude adquire, tanto do ponto de vista da oferta como, e se a dado momento o analisássemos com mais sistematicidade, do ponto de vista da procura.

financeiramente o funcionamento desses pequenos grupos, há, eu penso que há que lhes dar meios para eles poderem fazer chegar o produto final ao grande público (...) [vereador da cultura da câmara municipal do Porto, 51 anos, PPD/PSD]

Integra, de igual modo, o apoio ao movimento associativo local – segundo o autarca, as colectividades de bairro que congregam pessoas e que representam expressões culturais muito próprias da cidade – mas de acordo com critérios de selecção da oferta cultural que se cria no interior do espaço associativo, e promovendo as trocas de experiências organizativas e culturais entre os próprios actores associativos. Perante os constrangimentos financeiros, e a necessidade de dotar a cidade do Porto de eventos culturais significativos, o autarca define uma estratégia de concentração de esforços financeiros e logísticos num conjunto de eventos. A sua aspiração é a de concretizar um festival de Verão multidisciplinar, que, da associação estreita entre expressões culturais e potencialidades turísticas da cidade, dinamize a cidade do Porto numa das épocas do ano em que se encontra mais vazia, social e culturalmente.

Olhe parece-me, eu, eu pa [hesitação], eu pa [hesitação], eu parece-me que... qu'é difícil vermos a questão nesses termos, porque eu parece-me que em cada área... artística deverá existir um grande evento. O Porto terá que ter forçosamente um grande evento, temos que ter um grande evento na área do teatro, temos que ter um grande evento na área do cinema, teremos que ter um grande evento na área da música clássica, teremos que ter um grande evento na área da música pop rock, portanto, quer dizer todas estas áreas, teremos que ter um grande evento na, no domínio das artes plásticas... todas estas áreas têm que ser contempladas e o Porto tem que privilegiar isso e parece-me que... que é o que estamos a tentar fazer neste momento é... concentrar precisamente... as verbas menores de que dispomos nestes grandes eventos da cidade e deixar de dispersar por uma miríade de pequenos eventos que... por muito interesse que possam ter não conseguem captar públicos tão vastos como estas áreas principais... o conseguem fazer, portanto... por um lado vai haver concentração de esforços nestas áreas, neste eventos, eventualmente repare, eventualmente pode aparecer um ou outro, eu por exemplo há uma, há uma coisa qu'eu gostaria muito de conseguir fazer que era um grande Festival de Verão. Eu j [hesitação]... quando se fala em Festival de Verão todos nós nos lembramos logo do Festival de Edimburgo, mas eu não tenho, digamos peneiras de que o Porto iria conseguir realizar qualquer coisa com' o Festival de Edimburgo, que aliás o Festival de Edimburgo como sabe tem p'ra cima de 50 anos de... de realização e portanto isso já é uma... só, só, só isso já lhe dá [risos]... já lhe dá... uma visibilidade e um, e um, e um estatuto que é muito difícil um fes [hesitação], um novo festival alcançar, não é, mas gostaria por exemplo de conseguir organizar no Porto um grande festival de Verão, um festival multidisciplinar porque acho que um grande festival de Verão não pode ser um festival... monotemático... tinha que ser um festival multidisciplinar. Mas as pessoas saberem que no, no Verão, num... determinado momento poderiam vir ao Porto assistir a bom teatro, assistir a boa música,

assistir a... bom cinema, quer dizer que haveria no Porto realmente um festival multidisciplinar... isso era uma das minhas apostas, vamos lá ver se consigo [o E. fez um sinal de assentimento] em 4 anos, se consigo lançar as bases [tocou o telemóvel do Vereador] para esse para esse grande festival de Verão. Apesar do mau Verão que a cidade do Porto normalmente tem [risos]. [vereador da cultura da câmara municipal do Porto, 51 anos, PPD/PSD]

Se confrontarmos o interesse por dotar a cidade do Porto de uma oferta cultural que a potencie estrategicamente como um destino turístico, com os *traços principais da política turística municipal*, e lembrando que formalmente é um outro actor político o responsável pela gestão da área do turismo na câmara portuense, diríamos que *dois objectivos* estruturam tal política: i) a *actuação interna*, marcada pelo atendimento dos actores sociais que procuram os postos de turismo da cidade do Porto, pelo apoio a incentivos e congressos, incrementando o *turismo de negócios*, pela realização de eventos promocionais da cidade, que permitem a divulgação da cidade e da sua oferta no estrangeiro por via das publicações da especialidade e dos agentes turísticos e económicos, pela participação em feiras nacionais e pela organização de uma oferta cultural que se articule com o *turismo de negócios*; e ii) a *actuação externa*, com as visitas regulares a cidades, económica e turisticamente, relevantes da Galiza, pela participação em feiras internacionais, e pela promoção externa da marca *Porto e Norte de Portugal*, com a ADETURN e o PCB.

... há uma actuação interna... que como disse já há bocadinho também é alargada ao mercado alargado que seria a Espanha e neste caso específico que seria a Galiza e há uma... uma organização externa... a interna... é directamente feita só e só praticamente só... enfim do [discurso imperceptível] também deu conhecimento doutras instituições que hoje como eu digo já colaboram connosco... mas portanto tem a ver com o atendimento de... pessoas que vêm aos nossos postos de turismo e que são... umas dezenas de milhares ou umas centenas de milhares, centenas de milhares ano... fazemos o apoio a... a incentivos e congressos, portanto 'tou-lhe a falar da parte interna... fazemos muitos educacionais, isto é, por exemplo com a, em colaboração com o ICEP eles mandam-nos jornalistas do mundo inteiro, nós damos-lhe acolhimento durante 1 ou 2 dias conforme o que eles querem, tou-lhe a falar... centenas... e direi que este ano devemos... devemos ultrapassar o milhar de jornalistas que vieram cá que são atendidos... que têm um guia à disposição que lhes mostra a cidade, portanto, fazemos-lhe um educacional sobre a cidade do Porto e isso habitualmente reflecte-se... não só no conhecimento deles como também em artigos de jornais, de revistas de especialidade, etc., etc., portanto é um dos nossos pontos fortes... o apoio a congressos e incentivos também é... realmente muito grande... 'tamos... na parte interna, estamos também neste momento fizemos uma, uma... uma, 'tamos a fazer uma candidatura... à medida 1.4 no sentido de promover os *city breaks*, *city breaks* [o E. fez um sinal de assentimento] são o nome de um produto que hoje está... na moda e que é específico

p'ò Porto, parece que está... moldado para aquilo que nós temos p'a oferecer que é 2, 3 dias de... de vivência... e portanto para além da organização de tudo, portanto isto é a parte interna, a parte externa... repare há bocadinho falou em pólo alargado, no alargado nós temos feito... e fazemos regularmente algumas visitas aqui às cidades mais importantes da Galiza... onde... faze [*hesitação*] temos, fazemos uma organização em que são convidados todos os agentes de viagem, todas as pessoas influentes... influentes de turismo, obviamente... no sentido d'apresentar o Porto, de chamar as pessoas cá e quando fazemos isto, não vamos sozinhos, convidamos todos os privados que têm alguma coisa de bom a oferecer e especialmente pacotes perfeitamente definidos para a cidade (...)... na parte interna, na externa... como eu digo nos educacionais fazemos isso também com uma colaboração do ICEP, o ICEP manda-nos muita gente, embora a gente o faça directamente, fazemos convites, fazemos anúncios lá fora... enfim... na parte externa... ah [!] também na interna iremos, vamos à BTL a Lisboa, à Feira de Turismo, enfim fazemos a nossa, a nossa própria divulgação numa série de meios, jornais, revistas e não sei quê, isso fazemos aqui internamente, mas na parte externa, isso então, Mas portanto a representação externa directa da... da, do turismo e portanto acho que com isto completa mais ou menos a... a... a estrutura... é de ligação com o Porto Convention Bureau, com a ADETURN, com a... pronto e algumas que fazemos directamente... para além disso e aqui também como lhe falei há bocadinho estamos a trabalhar na organização da oferta dentro da cidade. [*vereador do turismo da câmara municipal do Porto, 67 anos, PPD/PSD*]

Considera fundamental desenhar um plano de excelência turística da cidade do Porto, e articulá-lo com o plano de desenvolvimento do concelho. Concretizou, e à data da entrevista, a relação com os agentes económicos e sociais da cidade, de modo a potenciar actividades de promoção e de oferta conjunta – por exemplo, os périplos que compõem o Porto Tours – e a certificar a marca *Porto e Norte de Portugal*. Salaria que o Porto adquire centralidade turística face aos demais concelhos da região e que, no contexto actual do posicionamento económico da actividade turística, a nível nacional e internacional, o investimento político orienta-se para uma das áreas económica e socialmente mais rentáveis: o *turismo de negócios* e o *turismo cultural* que, articulados, potenciam regiões – como a AMP e a região Norte, por exemplo - e cidades com as características urbanas, territoriais e sócio-culturais do Porto.

Eu caio, eu começo, eu começo a cair, eu caio naquilo que disse há bocadinho, eu acho que nós temos que ter um plano de excelência turística e que a cidade do Porto é um das coisas onde se pode afirmar... é no turismo. Repare não será certamente no futebol, o futebol representa 0 vírgula, a nível nacional 0,4 do PIB, o turismo representa 8,4 salvo erro... do PIB e repare o futebol pode estar em Viseu, pode estar, ouça eu 'tou a falar no futebol como podia falar noutra coisa qualquer, mas sei por acaso o número... agora o turismo e o turismo de qualidade... o que está em moda o *city break*, o turismo de cultura, não... já viu que ninguém faz promoção de praias! Já viu, acabou pelo mundo inteiro, já ninguém

tirando os, os, os países da... da América Latina já ninguém 'tá a promover praias, agora é cultura (...) Mas voltando à... eu digo-lhe acho que temos, acho que temos tudo para, para realmente fazermos da... da cidade do Porto um crescimento em termos de turismo... que se [hesitação], que se transformará obviamente, porque é aquilo que vem nas receitas da hotelaria, no comércio, na, na restauração, etc., etc.... níveis de... de, de receitas e de PIB e de PIB extremamente significativas a nível nacional e direi de... em segundo, terceiro lugar no país, e 'tou-lhe a falar em Lisboa, no Algarve e do Porto, portanto no aproveitar isto, repare quando 8, 8, 8% de... de PIB no turismo representa mais do que algumas das indústrias mais significativas do país, 'tou-lhe a falar dos têxteis e do, do calçado [o E. fez um sinal de assentimento], por exemplo, não é [o E. fez um sinal de assentimento], portanto, nós aqui temos tudo naturalmente temos tudo, ouça desde a Foz até ao rio Douro, o Vinho do Porto... toda a parte cultural da cidade, ouça e tudo o mais que a gente quiser inventar, não é preciso, pode-se inventar, agora o inventar é... [vereador do turismo da câmara municipal do Porto, 67 anos, PPD/PSD]

Os discursos dos eleitos políticos e dos actores locais e regionais posicionam-nos perante modos de projectar o concelho que integram as dimensões cultural e turística como vectores paralelos, quando não transversais, aos projectos globais de desenvolvimento do concelho. Na especificidade cultural de cada concelho, e nas possibilidades turísticas que se antevêm como dinâmicas económico-sociais locais privilegiadas, transparece a legitimidade política, mais no contexto municipal do que no espaço supramunicipal, da componente cultural e turística do desenvolvimento.